



FORA DE CURSO

HERÓIS MARCADOS

GWYN
MCNAMEE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



FORA DE CURSO

HERÓIS MARCADOS

GWYN
MCNAMEE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



FORA DE CURSO

HERÓIS MARCADOS

GWYN
MCNAMEE

GWYN
MCNAMEE

FORA DE CURSO

Tradução: Alessandra Cristina Rodrigues

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024
Porto Alegre

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Joy Design Editorial

Tradução: Alessandra Cristina Rodrigues

Preparação: Naiara Chiquetto

Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M478

McNamee, Gwyn.

Fora de Curso [livro eletrônico] / Gwyn McNamee ;
tradução Alessandra Cristina Rodrigues -- 1. ed. -- Porto
Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. -- (Série Heróis
Marcados ; 2)
epub

Título original: Off Course

ISBN 978-65-5214-011-1

I. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

I. Romances : Literatura norte-americana

813.5

Sumário

[Início](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Sobre a autora](#)

[Acerto de Contas](#)

[Sobre a Five](#)

Aviso:

*Este livro contém assuntos e cenas sensíveis,
que podem ser gatilhos para alguns leitores.*

Leia com cautela.

PRÓLOGO

Chaos

A noite escura, sossegada e perfeitamente silenciosa, iluminada apenas por milhões de estrelas e pela lua encoberta em partes pelas nuvens, se estilhaça em um instante.

É um cataclismo planejado.

Devastação deliberada.

Destruição total garantida.

Caos metódico.

A explosão bem executada irrompe pelo prédio em ruínas, enviando os tijolos de barro feitos à mão e argamassa para o céu lá fora em uma onda de destroços. Fragmentos da estrutura caem no chão como se fosse chuva, mas ao contrário da água de que este deserto tanto precisa, ela não sacia uma sede desesperada e dá vida às plantações e aos animais; o material que cai do céu mata qualquer um com sua força.

Mas se eu fiz meu trabalho direito, não haverá ninguém vivo lá para sentir os escombros atingindo-os.

E eu sempre faço bem o meu trabalho.

Usei explosivos suficientes para destruir um prédio com o dobro desse tamanho. Alguns podem dizer que exagerei. Que usar mais do que o necessário é desperdício de recursos. Alguns podem dizer que é um excesso. Mas quando se trata de eliminar uma ameaça, sempre dou tudo de mim.

É a única coisa em que sou bom. A única coisa com a qual os caras sempre podem contar. Eles me chamam quando precisam de caos, e eu o trago. Garanto que o inimigo não passe de poeira no vento do deserto.

Reaper, ao meu lado, observa a precipitação com os óculos de visão noturna, avaliando em silêncio cada centímetro visível à nossa frente. O vilarejo permanece plácido, apesar da explosão.

A fumaça sobe para o céu noturno, chamas saltam e dançam alegremente como se estivessem comemorando minha conquista.

Mesmo depois de todos esses anos e de inúmeras missões, nunca perde a graça ver o brilho vermelho alaranjado do meu sucesso.

Só que minha celebração interna dura pouco.

Um silêncio sinistro cai sobre a pequena vila desértica que acabou de ser abalada por mim. Um formigamento lento e frio se espalha pelo meu corpo, fazendo os cabelos da minha nuca se arrepiarem e me colocando em alerta máximo.

Tem algo de errado.

Eu nem tenho tempo para gritar um aviso antes de tiros cortarem o ar noturno enfumaçado e baterem em mim.

Porra!

A dor explode no meu flanco, e eu rolo para a esquerda, em direção a Reaper, bem a tempo de evitar outra fuzilaria de balas atingindo onde eu estava deitado.

— De onde diabos isso está vindo?

Reaper examina a aldeia e se concentra à direita e para cima.

— Dali.

Estremeço e pressiono o ferimento com a mão. Sangue quente escorre entre meus dedos, uma bala atingira um dos pontos não cobertos pela armadura. Tiro os óculos de visão noturna e examino o ferimento o melhor que posso.

— Onde diabos está o Mouth?

— *Estou aqui, pessoal. Reposicionando* — a voz de Mouth vem através do comunicador.

Reaper olha para mim.

— Você foi atingido?

Tento respirar fundo, mas acabo tossindo — se é por causa da fumaça no ar ou porque a bala atingiu algo vital, ainda não se sabe.

— Estou bem.

— Isso não responde a pergunta. Você foi atingido, porra?

— Estou *bem*.

Mal consigo pronunciar as palavras com os dentes cerrados enquanto esperamos que Mouth faça a parte dele.

Sem ele para nos dar cobertura, ficaremos presos aqui, alvos fáceis para alguém que conseguiu escapar da explosão e agora parece empenhado em garantir que não saíamos deste inferno vivos.

Eu observo o prédio na diagonal de onde estamos, em busca de qualquer sinal de movimento. Quem estava atirando parou por enquanto, mas provavelmente está apenas recarregando a arma ou ajustando posições.

— Como diabos alguém conseguiu escapar?

Quando patrulhamos a vila, quase todos os residentes haviam fugido, deixando-a sob o controle dos insurgentes por causa de quem estamos aqui, e aqueles filhos da puta escolheram um local central no

meio do pequeno aglomerado de edifícios para servir de quartel-general. Era nosso alvo principal e, considerando tudo o que vimos durante o reconhecimento, todos deveriam ter estado adormecidos lá dentro antes da explosão.

Um ataque meticuloso para remover um problema incômodo para as forças na área, ou pelo menos deveria ter sido.

Reaper encolhe os ombros enquanto examina o vilarejo.

— Em se tratando desses caras, vai saber. Pode até não ser um deles. Talvez seja algum aldeão que não deu o fora a tempo e pegou uma arma que encontrou caída na maldita rua.

— *Estou pronto para acendê-los, se também estiverem, filhos da puta* — a alegre voz cantante de Mouth chega pelo comunicador.

Ele estar lá em cima não significa que estamos seguros aqui, mas é a melhor alternativa do que tentar voltar para o ponto de extração com alguém em nosso encalço.

Eu me levanto um pouco para verificar o prédio onde vimos a ameaça pela última vez, nublado pela fumaça da minha explosão.

— Achou o atirador?

— *Movimento na janela norte. Ele está recarregando ou se masturbando.*

O olhar de Reaper se move para cima, tentando ver o que Mouth consegue de sua posição.

— Consegue acertar daí?

— *Negativo.*

Examino a praça da cidade à nossa frente, procurando o resto da unidade.

— Onde estão Mayhem e Flash?

— Chegando por trás de vocês — a voz de Mayhem atravessa o local.

Flash e Mayhem se aproximam, movendo-se silenciosamente pelos arredores da vila, os olhos no prédio onde está o atirador.

Mayhem se instala ao meu lado.

— Tivemos que dar a volta e evitar a praça.

— Alguma resistência do seu lado da cidade?

Ele balança a cabeça.

— Não. Vimos o resultado do seu trabalho, mas nenhuma alma viva.

De onde diabos esse atirador veio?

É como se ele tivesse surgido do nada: um fantasma com um rifle de assalto e tesão por matar tropas americanas.

Flash se posiciona ao lado de Reaper e inclina a cabeça para o leste, onde o sol nascente surgirá no horizonte em apenas algumas horas.

— Precisamos dar o fora daqui e escapar. Mouth?

— Ainda não dá pra atirar.

Reaper olha para onde Mouth está empoleirado no telhado de outro prédio de tijolos, esperando por uma oportunidade de acertar o atirador para que ele não nos use para praticar tiro ao alvo quando tentarmos chegar ao local onde o helicóptero nos pegará.

— Nós vamos ter que atrair aquele filho da puta. — Ele aponta para mim. — Chaos fica aqui. Mayhem, você vem comigo. Flash... faça seu lance. Ele vai ter que escolher um alvo e deve se colocar na mira de Mouth.

Reaper, Mayhem e Flash seguem em suas respectivas direções, cada um se mantendo nas sombras mais escuras até o momento exato em que a velocidade do Flash entra em ação.

O homem se move mais rápido do que um maldito raio e conseguiu escapar de todas as balas que já foram disparadas contra ele. Ele vai repetir o feito esta noite. Com Reaper, Mayhem e eu dando cobertura, Flash vai atrair o atirador para a janela, onde Mouth pode colocar um ponto final nessa história.

Mudo para uma posição melhor, uma dor aguda cortando meu lado. Minha visão embaça um pouco, a fumaça e a escuridão da noite se aproximam, mas balanço a cabeça e forço meus olhos a se abrirem.

Tiros irrompem da direção do prédio. Reaper e Mayhem respondem ao fogo. O vento acelera, empurrando mais fumaça remanescente da explosão pela praça da cidade, obscurecendo ainda mais a visão para qualquer um que não conte com óculos de visão noturna.

O barulho de passos atrás de mim me faz girar naquela direção, com a arma em riste. Uma figura alta e solitária se aproxima sob a fraca luz da lua, segurando algo comprido apontado em minha direção.

Eu atiro, ele grita e tropeça para frente, então cai na areia.

Quase no mesmo instante, uma explosão no centro da cidade atrás de mim me impulsiona para frente. O chão duro como pedra tira o ar dos meus pulmões, e eu me esforço para manter o mundo ao meu redor em foco, piscando rapidamente para limpar os pontos brilhantes da minha vista.

O céu noturno explode com um incêndio imponente e mais fumaça que certamente atrairá outras pessoas das montanhas ao redor. Não ficaremos sozinhos aqui por muito tempo.

Eu me concentro no corpo no chão, dez metros à minha frente. Uma forma se curva sobre ele. Outra figura. Alguém que não estava lá há meros instantes.

Um lamento atravessa a noite.

Uma mulher.

Pedaços de suas palavras me alcançam. Entrecortados, mas o

suficiente para eu traduzir.

“Meu filho!”

Eu cambaleio quando a voz de Reaper vem pelo comunicador.

— *Mayhem caiu. Estou com ele. Acabaram de jogar um maldito míssil na porra do prédio onde o Mouth estava instalado.*

Registro essas palavras aos poucos, como se meu cérebro tivesse sido embebido em uísque de alta concentração.

— *Mouth? Mouth?* — A respiração de Flash fica irregular e pesada, como se ele estivesse correndo de novo. — *Vou atrás dele, mas temos companhia. Vamos ter que atirar pra sair daqui.*

A mulher na minha frente finalmente parece sentir que estou ali e se vira para mim. Ela grita, e estende as mãos para o que quer que seu filho estivera segurando.

O metal reluz ao luar.

Uma pistola.

— *Onde diabos está o Chaos?*

Eu tusso e tento responder a Reaper enquanto me esforço para levantar a arma com os braços fracos. É como estar debaixo d'água. Me afogando e ser conseguir ver a superfície. Cada respiração enche meus pulmões com fluido. Ela aponta a arma na minha direção, aproximando-se em meio à fumaça.

De alguma forma, consigo disparar um único tiro, o som nítido e definitivo.

Ela cai no chão ao lado do filho, a arma que levava batendo na terra dura e compactada. Caio de joelhos, minhas pernas não são mais capazes de suportar meu peso. Minha respiração está irregular. Chiada e molhada.

O mundo escurece...

Merda.

Avery vai ficar puta pra caralho.

CAPÍTULO 7

Avery

Quatro anos depois...

Giro o volante para a direita para evitar o carro que eu nem tinha percebido que estava na minha frente na pista. Meu telefone cai do console central e depois no chão do lado do passageiro. Uma buzina soa, e o homem que dirige o carro em que quase bati de lado ao evitar bater no outro carro me mostra o dedo do meio.

Droga.

O mundo fica borrado, minhas lágrimas quentes fazem com que seja praticamente impossível ver a rua ou qualquer outra coisa. Enxugo meus olhos, tentando limpar a visão, mas não ajuda.

Basta chegar em casa.

Basta chegar em casa, onde você pode pensar e descobrir o que fazer.

Você só precisa pensar.

Continuo dizendo isso a mim mesma, repetindo até enjoar durante todo o trajeto, de alguma forma torcendo para que quanto mais eu disser, mais acredite e maior a chance de ser verdade. É uma bela de uma ilusão, mas é tudo o que me resta depois do que acabei de ver.

Minhas mãos não param de tremer, porque no fundo sei que não vai ficar tudo bem. Chegar em casa não vai ajudar em nada. Eu ainda estarei na mesma maldita posição, só que chorando no sofá em vez de no carro, vendo a mesma coisa várias vezes na minha cabeça, revivendo a cena em todas as horas e me recusando a dormir para que a lembrança não me visite em sonho também.

É um erro.

Tem que ser.

Outra mentira que continuo contando a mim mesma, e quero tanto acreditar nela porque a alternativa — que eu vi o que vi *mesmo*, que realmente significa o que estou achando — é horrível demais para aceitar.

Mas sei o que vi.

Só quero fingir que tudo isso foi um pesadelo, alguma alucinação, algum tipo de distorção da minha mente provocada pela época do ano e o sofrimento passado que ela sempre traz à tona.

Você só teve um pesadelo acordada, causado pelo estresse, nada mais.

Sim, continue dizendo isso a si mesma, Avery.

Eu rapidamente limpo as lágrimas dos olhos para tentar limpar minha visão de novo e respiro fundo, mas me concentrar no que está acontecendo fora deste carro, fora das imagens vívidas que passam pela minha cabeça, fica cada vez mais difícil.

Como eu pude ser tão burra?

Tão cega?

Tão ingênua?

Sempre me orgulhei da minha capacidade de ver através das besteiras. De ver as verdadeiras intenções das pessoas, de olhar bem fundo em suas almas. Ou pelo menos, me orgulhava. Antes de Kalen. Combinado com o que acabou de acontecer, está bastante claro que meu radar está tão descalibrado que nunca poderá ser consertado. Aparentemente, sou uma péssima juíza de caráter e, agora, meu fracasso me colocou nessa confusão.

O que pensei ser um sinal verde no cruzamento seguinte muda para vermelho, piso no freio e derrapo até uma parada brusca, quase sem conseguir evitar entrar no cruzamento e atravessar o tráfego.

Putá merda.

Meu coração martela a caixa torácica, e eu o pressiono com a mão, sugando pequenos sopros de ar que parecem não ter efeito nenhum em ajudar a clarear minha cabeça ou encher meus pulmões.

Como eu não vi que o semáforo tinha ficado amarelo?

Nos últimos cinco minutos, já quase me matei duas vezes porque não consigo enxergar direito para dirigir. Eu deveria estar fugindo do perigo, não me dirigindo direto para ele.

Recomponha-se.

Se eu não me recompor, vou acabar morta nesta maldita estrada e aí nada disso vai importar mesmo.

O tráfego flui na minha frente, as boas pessoas de Baltimore voltando para casa depois de um jantar tardio ou de um longo dia no escritório.

É a hora da noite em que coisas ruins acontecem.

Eu deveria ter sido mais esperta e não ido.

Memórias vívidas e frescas piscam diante dos meus olhos, exatamente aquelas de que estou fugindo, as que se recusam a me dar trégua por um momento que seja, e eu fecho bem os olhos por um minuto, na esperança de afastar o que vi com essa simples ação.

Não funciona.

Eu os reabro, e a escuridão da noite arrepiava minha pele. Mesmo com os faróis, as luzes da rua e o burburinho do movimento ao meu redor, há sombras demais. Muitas incógnitas. Qualquer coisa pode estar escondida lá fora. Qualquer um...

É algo sobre o que eu nunca pensei muito antes, no quanto todos nós estamos vulneráveis a qualquer momento, provavelmente porque sempre tive Kalen cuidando de mim, me protegendo e me fazendo sentir segura... até não fazer mais. Mas agora não consigo me livrar da sensação de estar sendo vigiada, de alguém ou algo me observando e esperando a oportunidade de atacar.

Com o semáforo ainda vermelho, eu me inclino e tento estender a mão para o chão no lado do passageiro e pegar meu telefone. Meus dedos roçam no plástico duro, eu o seguro e olho para a tela.

Merda.

O pequeno 1% no indicador de bateria me provoca, brilhando vermelho, a mesma cor do sangue que não consigo tirar da minha cabeça.

Tanto sangue...

Me endireito e me acomodo no banco, deixando meu telefone no porta-copos mais uma vez. Quase instantaneamente, faróis ofuscantes atinge o espelho retrovisor. Um grande SUV, ou caminhonete, está chegando com tudo atrás de mim. Ainda está a meio quarteirão de distância, mas não parece estar diminuindo a velocidade enquanto se aproxima depressa, pronto para bater no meu carro e me mandar para o tráfego cruzado.

Merda. Eles vão bater em mim.

O semáforo continua vermelho e o tráfego, agitado na minha frente, um rio de carros que não consigo atravessar. Não tenho para onde ir se esse idiota não parar, exceto para o meio do cruzamento para ser atingida dos dois lados.

Eu jogo o volante para a direita e piso fundo, na expectativa de me enfiar entre o meio-fio e o tráfego que se aproxima, e na mesma hora o SUV bate na traseira do meu carro. O impacto me joga para de lado em disparado para a confusão. A lateral do carro bate em alguma coisa, virando minha cabeça para a esquerda. Piso no freio, o SUV que me atingiu continua direto para o cruzamento, e colide contra um caminhão grande com um estrondo repugnante.

Ofegante, com o cérebro atordoado e o coração batendo rápido, eu me atrapalho para puxar o freio de mão e viro a cabeça para observar o desastre atrás de mim. O SUV que me atingiu está parado no meio do cruzamento, com toda a frente colada no lado do passageiro de um sedã que também foi atingido na traseira por outro

carro. Fumaça sobe de ambos os veículos, obscurecendo minha visão.

Merda.

Será que estão todos bem?

Levo a mão para soltar o cinto de segurança, mas paro com a mão nele quando a porta do passageiro do SUV se abre e uma figura familiar sai na calçada repleta de cacos de vidro e pedaços de metal que foram violentamente arrancados dos vários veículos envolvidos.

— Ai, meu Deus... — Meu estômago revira, o ácido ameaça subir pela minha garganta. — Não!

Tento engatar o câmbio, e a janela traseira logo atrás da minha cabeça explode, vidro voa por toda parte e atinge o lado do meu rosto. As pontadas agudas de dor não me impedem de entender o que acabou de acontecer.

Ele está atirando em mim!

Outro tiro atinge a porta e eu afundo o pé no acelerador, mas nada acontece. O motor gira com violência, mas eu não me mexo: fico paralisada no lugar, observando o homem avançar e atirar.

Eu me atrapalho com a marcha de novo, e enfim faço com que ela passe do neutro para *drive*, quando mais duas balas atingem o carro.

Porra!

Piso no acelerador e, desta vez, o veículo obedece e sai depressa do meio-fio, deixando o acidente, outros motoristas furiosos e o que parece ser um esquadrão da morte que mandaram atrás de mim.

Soluços escapam de meus lábios e as lágrimas vêm tão rápido que não há como contê-las, mesmo que queira tentar.

O que diabos eu vou fazer?

Não vou para casa.

Se for, eles vão acabar aparecendo lá, e provavelmente vai ser logo, se estavam tão preocupados a ponto de mandar *aquele* homem atrás de mim tão rápido nesta noite.

Eles sabem que eu sei.

Eles sabem o que eu vi.

Eles não podem me deixar viver com as informações que tenho.

Estendo uma mão trêmula para o celular.

— Você sabe o que precisa fazer.

Minha própria voz misturada com os ruídos da rua e da cidade lá fora que entram pela janela quebrada do carro, me ajuda a desenvolver alguma clareza.

— Só tem uma pessoa para quem você pode ligar, Avery.

Não posso. Não posso. Não posso.

Dou uma espiada no espelho retrovisor para ver se mais

alguém está me seguindo, o acidente ficou tão longe que nem consigo mais vê-lo. A estrada permanece vazia, o tráfego bloqueado por aquele cataclisma no cruzamento.

— Você não tem escolha.

É a mesma coisa que eu disse a mim mesma há tantos anos atrás, que eu não tinha escolha, que ele estava me *forçando* a tomar aquela decisão que mudou tantas coisas.

Desbloqueio o telefone e disco o número que ainda sei de cor, aquele que ele disse para usar apenas em emergências e que espero que ainda atenda. Já faz tanto tempo que a linha nem deve existir mais, todos os laços cortados da mesma forma que ele cortou tudo e todos de sua vida.

Ainda assim, tenho que tentar.

Nem chega a tocar antes que a familiar voz gravada chegue ao meu ouvido.

— *Deixe sua mensagem.*

Depois de tanto tempo, ouvi-lo arranca um soluço violento do fundo do meu peito. Engulo a pedra alojada na garganta e tento conter as lágrimas que caem rapidamente, para não acabar colidindo com mais alguma coisa.

— Kalen, tô encrocada. Não sei o que fazer. Preciso de você...

O celular emite um bipe agudo na minha mão, eu o afasto do ouvido e olho para a tela preta.

— Não! Não! Não!

Está morto.

E eu também.



Chaos

Meu punho acerta o maxilar duro do filho da puta amarrado na cadeira à minha frente, a força faz meu braço vibrar com uma ardência satisfatória enquanto a cabeça dele ricocheteia para trás.

Esse merda merece coisa muito pior.

Ele se recupera do golpe, balançando lentamente a cabeça para tentar limpar as estrelas que sem dúvida está vendo depois do jeito que tenho trabalhado com ele nos últimos minutos.

Eu me agacho, apoiando os antebraços nos joelhos e observando o sangue escorrer do canto da boca e do nariz.

— Eu disse que não era pra mexer com ela de novo, não disse? Eu te dei um aviso, e o que você fez? Menos de duas semanas depois de nossa última conversa, você pensou que aparecer no trabalho dela seria uma boa ideia?

Um gemido estrangulado escapa de seus lábios, mas não sei dizer se era para ser uma palavra ou apenas uma reação à agonia que deve estar sentindo. Ele está quase desmaiando, mas desmaiar seria bom demais para ele, fácil demais.

Eu não vou deixar isso acontecer.

Não até que meu trabalho esteja feito.

Estendo a mão e agarro seu cabelo, forçando sua cabeça para cima até que seus olhos castanhos desfocados encontrem os meus.

— Achou mesmo que eu não estaria lá? De olho nela? Protegendo ela? Garantindo que essa sua fuça imunda não aparecesse para causar mais problemas? — Solto uma risada que ecoa pela vazia casa de barcos em ruínas. — Você é um merdinha bem burro, né? Você simplesmente não podia ficar longe.

Meu peito aperta um pouco, pois sei como isso pode ser difícil, me endireito, solto seu cabelo e cruzo os braços sobre o peito.

No momento em que Robyn apareceu no escritório pedindo proteção, e nos contou sua história com este idiota, tive a sensação de que não se resolveria rápido. Diferente de muitos de nossos trabalhos — que consistem em entrar, sair, e não deixar nada além de corpos para trás — obsessão é uma história bem diferente.

Ela distorce a mente. Torna as pessoas irracionais. Faz com que ajam contra seus próprios interesses. Faz com que se esqueçam completamente de se preservarem.

E Ryan Andrew Long está obcecado.

Aquele assustador santuário para Robyn no barco em que ele mora foi toda a prova de que eu precisava para saber que ele não pararia, nem mesmo após o primeiro aviso, e é por isso que nunca tirei os olhos dela e o peguei esta noite no único lugar de onde ele deveria ter ficado a muitos quilômetros de distância.

É por isso que ele está sofrendo agora.

É o motivo por que ele *merece* sofrer.

Ainda assim, matá-lo está fora de questão, por vários motivos. Robyn saberia. A polícia poderia se envolver e bisbilhotar devido à ordem de restrição que ela tem contra ele, e ela não foi treinada para resistir ao interrogatório. O nome da empresa escaparia de seus lábios e eles acabariam na nossa porta com um mandado e perguntas que não podemos responder — pelo menos, não sem passar *muito, muito* tempo na prisão.

Como minha maneira permanente favorita de garantir a segurança de nossos clientes não está disponível, preciso criar novas estratégias criativas.

Examino a velha casa de barcos, que claramente não é usada há anos. O telhado meio desmoronado está em pedaços no chão quebrado de concreto. Ratos correm nas sombras. A água do rio

Patapsco bate nas amarras do barco vazio. Combinado com a luz da lua que entra pelos buracos no telhado, cria o ambiente perfeito para o que tenho que fazer.

Agachando-me de novo, espero até que Ryan levante a cabeça e me olhe nos olhos.

— Você tem um filme favorito, Ryan?

— Co-como?

Eu levanto uma sobrancelha.

— Você tem um filme favorito?

— P-por quê? Eu não...

— Porque estou prestes a fazer uma observação aqui, Ryan. Deixa eu te contar sobre o *meu* filme favorito. — Examino o sangue em meus dedos e sorrio. — *Cassino Royale*. — Volto a olhar para ele e espero que ele saque a referência, mas ele permanece quase passivo, seu rosto encovado e pálido, o sangue ainda caindo de vários lugares no concreto abaixo dele. — Você não viu?

Ele balança a cabeça de leve.

— Não... quero dizer... sim... faz muito tempo.

— Bom, é absolutamente *brilhante*. Não apenas lançou Daniel Craig como o novo Bond, mas também tem uma das minhas cenas favoritas de todos os tempos: na qual Bond é torturado por *Le Chiffre*.

Deixo as palavras pairarem no ar úmido e frio entre nós, dando a ele um momento para a ficha de aonde quero chegar com isso cair, mas ele não parece compreender.

— Naquela cena, *Le Chiffre* deixa Bond nu, amarra ele a uma cadeira sem assento, e depois chicoteia o instrumento dele com uma corda grande.

Ryan ergue a cabeça de supetão, e olhos arregalados e frenéticos encontram os meus. As peças finalmente se encaixaram. Por fim, ele entende.

Eu sorrio para ele e estendo a mão para agarrar a velha e desgastada corda náutica ao lado da cadeira sem assento à qual ele está amarrado.

— Agora você sabe porque está nu. — Eu me levanto e me inclino. — Quero garantir que você sinta cada pedacinho disso no lugar que vai doer mais.

— Não! Não! Por favor! E-eu não vou chegar perto dela de novo. Não vou.

Mentiroso.

Chicoteio a corda de modo a fazer a ponta atada subir por baixo da cadeira, para bater contra seu pau e bolas.

Ele grita algo ininteligível e avança contra as restrições que o mantêm sentado.

— Se você não consegue parar de pensar com seu pau, então

precisamos tirá-lo do jogo.

Se não posso tirá-lo do jogo, posso pelo menos puni-lo de uma maneira que ele sentirá para sempre.

É provável que ele sofra danos muito reais e permanentes — e seriam muito bem-vindos. Mas ainda não é o suficiente para garantir que ele não continue a perseguir Robyn e fazê-la viver com medo. E não estou disposto a deixar isso acontecer com qualquer mulher inocente.

Eu dou outro golpe, desta vez adicionando um movimento exagerado do meu pulso no final para garantir que ele fique alto e se conecte com cem por cento da força que pretendo.

Vômito sangrento sai de sua boca, espalhando-se pelo chão e sobre minhas botas. Olho para baixo e dou um grunhido.

Droga. Estas são tão confortáveis e laceadas.

— Agora tenho que substituir essas botas, Ryan. — Balanço a cabeça. — Isso não me deixa muito feliz.

Ele engasga e engasga novamente, soltando respirações cada vez mais irregulares.

— N-não consigo... não consigo respirar...

— Imagino que não.

Eu sei como é estar sem ar. Não conseguir encher os pulmões. Seu corpo lutar por oxigênio que precisa para continuar funcionando. Já estive nessa situação demasiadas vezes, e é muito mais agradável na minha posição atual. Mas outro golpe como esse pode fazê-lo perder a consciência, e preciso que Ryan esteja consciente para ouvir minhas palavras e entendê-las.

Agarrando seu cabelo novamente, puxo sua cabeça para cima.

— Agora é a hora de ouvir e realmente prestar atenção, Ryan, já que você não ouviu quando tivemos nossa primeira conversa...

Um gemido estrangulado é a única resposta que recebo, mas seus olhos estão abertos e um tanto focados. Se eu esperar mais, minha mensagem pode se perder em seu cérebro enevoado.

— Você vai sair de Baltimore. — Torço meus dedos em seu cabelo com força. — Vou te acompanhar pessoalmente para fora da cidade e você continuará dirigindo até chegar ao Pacífico. Aí, no que me diz respeito, você pode dirigir direto para a água, mas o que você não fará é voltar para Baltimore ou para a Costa Leste. Para sempre. Você está proibido pra caralho. Entendeu?

Ele abre a boca para falar, mas apenas uma lufada de ar sai.

— O que você disse?

Eu me inclino ligeiramente para ele, inclinando a cabeça de lado para tentar ouvir o que ele está dizendo. Ele engole em seco, o som molhado com seu próprio sangue e saliva.

— E-eu não-não posso ir. Meu trabalho. Meus pais...

— Não são da porra da minha conta. O que me preocupa é a segurança de Robyn Hall, e estarei de olho em você, garantindo que você fique do seu lado da porra do país. E se houver outros *problemas* como o que aconteceu aqui, e outras mulheres sendo assediadas, meu rosto será aquele em que você verá antes de dar seu último suspiro. Estamos entendidos?

Ele tosse e cospe, o som de chocalho em seu peito mais pronunciado do que antes.

— O-ok.

Um sorriso surge em meus lábios e eu solto seu cabelo, deixando sua cabeça cair e seu corpo pender para frente contra as cordas que o mantém preso à cadeia.

— Então terminamos aqui.

Eu me afasto dele e saio para a beira da água, inalando o ar fresco enquanto tiro o telefone do bolso e o ligo para ligar para Reaper com uma atualização sobre o problema da nossa cliente. Ryan pode parecer mal, mas nenhum de seus ferimentos o impedirá de fazer as malas e deixar a cidade esta noite. Eu me certifiquei disso.

Meu telefone ganha vida e o pequeno ícone vermelho do correio de voz está no centro da tela.

Que porra é essa?

Ninguém tem esse número, exceto Reaper, Mouth e um punhado de outros caras da unidade. Nenhum deles deixou uma mensagem, e o número de que essa veio não é familiar.

Aperto o botão para reproduzir a mensagem e coloco o telefone no ouvido, olhando para as luzes brilhantes do outro lado do rio.

Um soluço estrangulado flutua pela linha e vai direto ao meu coração. O som agonizante que já ouvi antes dos mesmos lábios. Lábios que eu costumava beijar.

— *Kalen, tô encrencada. Não sei o que fazer. Preciso de você...*

A mensagem de voz cai, e eu puxo o telefone da orelha e ligo para o número de volta.

— *Oi, você ligou para Avery Mills. Não estou disponível para atender sua ligação agora, mas deixe uma mensagem e retornarei assim que puder.*

Bip.

Aquele som agudo perfura meu ouvido, e encerro a ligação enquanto tento respirar contra o tornado que de repente aperta meu peito.

Minha mão, que está sempre firme, treme enquanto ligo para Reaper e espero que ele atenda.

Ele atende no segundo toque.

— Acabou aí?

— Preciso que você venha me encontrar aqui e cuide do pacote. Avery está com problemas. Preciso encontrá-la.

CAPÍTULO 2

Chaos

A porta do apartamento está entreaberta, mas nenhuma luz sai de dentro. A essa hora da noite, a área está quieta, tranquila.

Deve ser reconfortante.

Se algum dos intrometidos na vigilância do bairro ouvisse ou visse algo suspeito, teria contatado a polícia, que já estaria aqui. Dado o número de adesivos e placas nas vitrines por aqui, há muita gente vigiando, mas a noite permanece silenciosa. Todos completamente alheios ao que aconteceu na casa de Avery.

Qualquer outra pessoa pode não ter reparado na porta aberta só uma fração de centímetro, pode ter passado na rua, olhado para ela e não ter notado ou pensado duas vezes. Mas nunca deixo de reparar nesse tipo de coisa.

Quando deixo, pessoas morrem.

Afastando esse pensamento, abro a porta com a arma na mão e entro. Seu cheiro familiar me atinge no mesmo instante — leve, floral, doce. Perfeito.

Assim como ela.

Móveis tombados...

Gavetas reviradas...

Os pertences de Avery espalhados pela sala...

E pela cozinha...

Ando lentamente pelo curto corredor, tentando ouvir qualquer sinal de que quem quer que tenha feito isso ainda possa estar aqui, mas o silêncio sepulcral faz meu sangue gelar.

Ela não está aqui, mas outra pessoa com certeza esteve, e pode ter saído com o que queria. A mesma coisa que eu sempre quis, mas que nunca mereci e nunca deveria ter tido.

Put a que pariu.

O cheiro dela está ainda mais forte no quarto e, enquanto o esquadrinho, inspiro profundamente, aproveitando a que pode ser minha última chance de senti-lo novamente.

Depois daquela noite, achei que nunca mais sentiria.

E se ela não tivesse ligado, não teria sentido mesmo.

O apartamento está um caos, mas não há sinal dela ou de quem possa ter feito isso.

Filho da puta.

Faz apenas uma hora desde que ela deixou a mensagem, então ela ainda está por perto, supondo que tenha ligado daqui.

Corro de volta para frente, fecho a porta, acendo as luzes e pego meu telefone. O dela vai direto para o correio de voz mais uma vez.

Merda.

O telefone provavelmente está sem bateria ou desligado; caso contrário, ela teria me ligado de volta. Mas seu carro não estava estacionado na frente. Preciso de ajuda para encontrá-la, e só conheço uma pessoa que tem as habilidades necessárias para isso.

Rapidamente ligo para Preacher, que atende no terceiro toque.

— *Chaos, há quanto tempo que não nos falamos.*

Já faz um bom tempo, mas não tenho tempo para conversa fiada ou para conversar com velhos amigos. O que eu preciso é das habilidades muito específicas que Preacher tem.

— Não consigo encontrar Avery. — As palavras queimam em meu peito, e eu o esfrego, distraído. — Acho que alguém a pegou.

— *O que aconteceu?* — Todo o bom humor que sua saudação continha foge instantaneamente. — *Conta tudo.*

— Ela me ligou e deixou uma mensagem dizendo que estava encrencada. Então, sumiu. Estou na casa dela, para onde ela se mudou depois do divórcio. Não tem nenhum sinal dela, mas o lugar está todo destruído.

— *Que droga. Do que você precisa?*

— Consegue rastrear o celular ou o carro dela? Vou te mandar o número por mensagem.

Ouç o som de seus dedos voando pelo teclado.

— *Me dá cinco minutos.*

São cinco minutos a mais do que posso esperar.

Cada segundo que passa a deixa em mais perigo — uma verdade que Preacher conhece tão bem quanto eu.

Mando o número para ele e me sento no sofá, apertando a ponte do nariz. O clique contínuo das teclas me oferece um breve vislumbre de esperança de que ele possa encontrar algo, e é a única coisa que me impede de sair completamente dos trilhos.

— *Nada no telefone. Provavelmente está desligado ou sem bateria...*

— Merda.

— *... mas entrei no banco de dados do Departamento de Trânsito*

e localizei o carro dela, depois consegui o número do rastreador GPS com a concessionária onde ela o comprou. Espera um segundo...

Prendo a respiração enquanto mais barulho de teclado soa na minha cabeça como um maldito relógio em contagem regressiva.

— *Consegui. Viajando para o oeste na US 66 perto de Wellington.*

Ergo a cabeça de supetão.

— Tem certeza?

— *Tenho. Por quê? Sabe onde ela está?*

Só há uma razão para ela estar lá. Apenas um lugar para onde Avery poderia ir. E faz todo o sentido. Se ela estivesse com problemas, se soubesse que não poderia voltar para casa, ou se tivesse voltado para casa e encontrado isto, ela teria ido para algum lugar onde se sentisse segura. Algum lugar onde acreditasse que ninguém poderia encontrá-la, exceto, talvez, eu.

— Eu sei para onde ela está indo.

— *Precisa de ajuda? Tenho certeza de que Cutter consegue chegar lá se você precisar dele.*

Por mais que eu ame a ideia de ter Cutter Jackson ao meu lado novamente, não há tempo para esperar que ele chegue de Chicago, e Reaper e Mouth estão ocupados cuidando de Ryan e tirando-o da cidade para nossa cliente. Estou sozinho hoje.

— Não. Pelo menos por enquanto. Eu não sei o que está acontecendo ainda. Mas, assim que descobrir alguma coisa, avisarei você e Cutter.

— *Se precisar de alguma coisa, é só ligar.* — A sinceridade na voz do gênio da computação ajuda a aliviar a tensão em meu corpo.

— *E ei, Chaos?*

— O quê?

— *Espero que sua garota esteja bem.*

Encerro a chamada.

Minha garota.

Avery não é minha garota há muito tempo. E com razão. As últimas palavras que trocamos foram de raiva. Palavras horríveis, terríveis e cheias de ódio que nenhum de nós podia retirar, ditas enquanto os advogados se sentavam ao nosso lado e assinávamos os papéis do divórcio.

No entanto... ela *me* ligou.

Ela não ligou para a emergência. Não ligou para as pessoas para quem deveria ter ligado. Ela ligou para o número que lhe dei anos atrás, quando ainda estávamos juntos, e disse para usar se precisasse de alguma coisa, se estivesse com problemas.

Eu nunca pensei que ela faria isso. Mas ela entrou em contato.

As coisas devem estar muito ruins para ela vir até mim.

Eu me levanto e dou uma última olhada na sala de estar. Meus

olhos pousam em uma fotografia emoldurada dela em uma praia, com um sorriso brilhante e o cabelo ruivo flutuando ao vento ao seu redor.

Droga. Ela está bonita.

Mesmo que eu não devesse, me aproximo e a tiro da prateleira. Examino-a por um momento e uma pontada de ciúme aquece meu sangue.

Quem tirou esta foto?

Um namorado?

Engulo esse pensamento e rapidamente devolvo o porta-retrato para o lugar.

Não importa. Ela precisa da *minha* ajuda, ou não teria ligado.

Apago a luz, saio e fecho a porta atrás de mim. Vou ter que dizer aos caras para virem aqui limpar isso antes que alguém descubra e alerte a polícia. A última coisa de que preciso é de eles se intrometerem no que quer que isto seja e foderem minhas chances de recuperá-la com segurança.

Examinando a rua, desço as escadas e volto para minha motocicleta, estacionada nos fundos do prédio. Subo nela, coloco o capacete e dou uma última olhada no lugar onde ela se estabeleceu quando nos separamos.

Não era exatamente do jeito que eu esperava vê-lo.

Mas ela não ia me convidar para um bate-papo amigável depois do que aconteceu.

Ligo a moto, recolho o suporte e saio do estacionamento.

Ela pode pensar que está indo para algum lugar seguro, que ninguém mais conseguirá encontrá-la, mas se *eu* sei que ela vai para lá, outra pessoa também poderia descobrir com facilidade.

Jesus, Avery, no que você se meteu?

Um milhão de possibilidades passam pela minha cabeça enquanto o vento frio sopra ao meu redor, cada uma pior que a anterior.

Seja o que for, vou tirar você dessa.



Avery

O letreiro em néon familiar, brilhando ao longe, me faz soltar a respiração que estive segurando pelas últimas horas enquanto dirigia.

Consegui.

Alguém aqui terá um carregador. Posso fazer meu telefone funcionar novamente, ligar para Kalen e dizer onde estou.

Ele simplesmente vai te abandonar de novo, te deixar com uma mão na frente e a outra atrás.

Essa vizinha tem me incomodado desde que deixei a mensagem para ele, corroendo aos poucos a certeza que eu tinha de que ele viria me ajudar a consertar a confusão horrível em que me meti.

Kalen não é o homem por quem me apaixonei. Faz muito tempo que não. Tudo o que sei de verdade é que ele tem o histórico de me decepcionar, de falhar comigo, de falhar tanto com *a gente* que acabou com nosso relacionamento.

Pisco para afastar outra rodada de lágrimas iminente enquanto me aproximo da entrada de cascalho do restaurante. Meu estômago ronca com força, um lembrete de que não comi o dia todo. A falta de calorias, misturada com a adrenalina que corre em minhas veias está finalmente começando a me atingir. Não posso ignorar a tontura contra a qual venho lutando nos últimos quilômetros.

Por mais irregular e traiçoeira que seja o resto da viagem a partir daqui, definitivamente não posso dirigir assim, mas a canja de galinha e os pães caseiros de Bernice podem me dar o pequeno consolo de que tanto preciso depois de tudo o que aconteceu.

Aciono a seta, embora a estrada esteja silenciosa e desolada atrás de mim, e viro para o estacionamento que está quase sempre vazio.

Este lugar nunca é muito movimentado. Não consigo me lembrar de já ter visto mais de cinco ou seis carros no estacionamento, exceto talvez na véspera de Natal. Por alguma estranha razão, é quando todos os malucos da montanha descem para beber.

Será que ainda fazem isso?

Faz anos que não venho aqui, mas tudo ainda parece igual. A mesma pintura lascada na porta exibe “café quente com torta: o melhor em três condados”, e, apesar de tudo o que está acontecendo, me pego sorrindo porque é mesmo.

A comida de Bernice pode fazer qualquer um sorrir. Eu sou a prova disso. Devo estar uma desastre trêmulo e choroso — e estou mesmo —, mas imaginar aquele gosto familiar é o suficiente para me dar esperança de que, de alguma forma, tudo dará certo.

Estaciono de frente para a rodovia e respiro fundo para tentar me manter no controle. Se eu entrar com essa cara, Bernice saberá que há algum problema, e ela se importa o suficiente para chamar a polícia se achar que estou em perigo.

Ela iria achar que está ajudando, acreditar que está fazendo a coisa certa, mas envolver as autoridades só complicaria mais as coisas.

É por isso que preciso de Kalen.

Você não precisa de Kalen. Você precisa do Chaos.

Minhas mãos apertam o volante. Essa é uma percepção que não quero considerar agora. Não quando o Chaos é o que o mudou e

nos destruiu.

Olho para a janela atrás de mim e depois para a lanchonete, certificando-me de não dá para ver o vidro quebrado lá de dentro. Se por acaso ela olhar para fora, não verá os danos no meu carro, então tudo bem.

Pelo menos neste aspecto...

Me impedir de tagarelar toda a bagunça em que estou de verdade assim que a vir será mais difícil do que dirigir até aqui foi. Bernice tem um jeito de tirar coisas da gente, coisas que nunca achamos que iríamos revelar.

Hoje não, Bernice.

Só preciso de sopa. Não de conversas vulneráveis.

Desço do carro com o telefone na mão e vou direto para a porta de vidro. Quando a abro, sinos tocam no alto, e uma cabeça familiar de cabelos brancos se levanta de trás do balcão para examinar a recém-chegada.

— Nossa, Avery Marie Mills, é você? — Bernice sorri para mim e corre ao redor do balcão, embora eu não tenha respondido.

Engulo o soluço que ameaça subir pela minha garganta e, em vez disso, forço um sorriso.

— Olá, Bernice. É bom te ver.

— Ah, querida. — Ela me puxa para seus braços, me dando um abraço caloroso que eu não sentia há anos. Afastando-se, ela me examina com as palmas das mãos em minhas bochechas. — Querida, você parece chateada. Algum problema?

— Não, não, estou bem.

Se eu acreditar, ela também acreditará.

Ela estreita seu astuto olhar castanho para mim.

— O que você está fazendo aqui agora? — Seus olhos disparam para o relógio. — E tão tarde! Faz o quê...uns cinco anos que você não aparece e decidiu fazer isso meia-noite?

— Sobre isso, sim. — Dou de ombros, e espero que pareça indiferente. — Eu só precisava passar algum tempo aqui em cima.

— Bem, estou feliz que você veio. — Ela deixa cair as mãos nos meus ombros e me dá um aperto. — Acabei de fazer panelada da sua sopa favorita. E tenho uma torta de maçã quase saindo do forno.

O verdadeiro calor se espalha por mim pela primeira vez esta noite, inundando-me com boas lembranças de tempos em que as coisas pareciam tão certas e seguras.

— Isso parece ótimo. — Ergo meu celular. — Por acaso você tem um carregador que funcione neste aparelho?

Ela o examina e morde o lábio.

— Sabe, não tenho muita certeza. Não entendo nada desse negócio de tecnologia. — Ela acena com a mão. — Mas Russell está

trabalhando na cozinha e sabe muito mais sobre isso do que eu. Vou perguntar pra ele enquanto pego suas coisas.

— Obrigada. Vou usar o banheiro.

Jogar um pouco de água gelada no rosto me fará bem. Embora saber que Bernice e seu neto estão aqui comigo tenha feito minhas mãos finalmente pararem de tremer, ainda me sinto no limite, como se uma única palavra dela fosse me abrir e revelar todos os meus segredos.

Isso não pode acontecer.

Ela pisca para mim.

— Bem, você sabe onde é.

— Sei, sim.

Quase quinze anos passando os verões aqui na cabana do vovô a tornavam quase uma segunda casa, e era uma tradição inquebrantável vir ao restaurante tomar sopa e comer torta algumas vezes por semana enquanto eu estava aqui.

Parte de mim sempre suspeitou que havia algo entre vovô e Bernice tantos anos atrás. O velho viúvo e a velha viúva passavam muito tempo juntos, e trocavam um olhar de vez em quando que na época eu era jovem demais para entender, mas agora, em retrospecto, fico feliz que vovô tenha alguém como Bernice na vida dele.

É difícil seguir sozinha, sem ter ninguém em quem contar ou confiar.

Por favor, não falhe comigo, Kalen.

Lanço um rápido olhar pela grande janela da frente em direção à estrada que me trouxe montanha acima. Um par de faróis se aproxima, viajando na mesma direção que eu seguia, e prendo a respiração. O veículo chega cada vez mais perto, e a ansiedade me dá um frio na espinha. Por fim, o carro alcança a entrada da lanchonete, mas passa por ela sem diminuir a velocidade e desaparece na estrada municipal de mão-dupla, mais acima na montanha.

Ai, graças a Deus.

Um suspiro aliviado sai de meus lábios e sigo para o pequeno corredor, que leva aos banheiros e à saída dos fundos. Entro no banheiro, faço minhas necessidades e saio para lavar as mãos.

Não é à toa que Bernice disse que eu parecia chateada. Meus olhos estão vermelhos, apesar de ter me esforçado muito para conter as lágrimas, e a pele manchada e o cabelo emaranhado pelo vento da janela quebrada do carro me fazem parecer um bicho que acabou de sair do pântano.

Droga...

Lavo as mãos e jogo água fria no rosto, depois passo os dedos molhados pelo cabelo, tentando domar a besta que ele se tornou. Não adianta muito, mas pareço mais humana do que há alguns minutos.

Nem de longe perfeita, mas é o melhor que posso fazer.

A sopa e a torta de Bernice também ajudarão. É o tipo de comida que pode tornar qualquer dia chuvoso — ou violento — melhor.

Saio do banheiro para voltar à parte principal da lanchonete, e uma mão envolve minha cintura com força por trás, enquanto a outra cobre minha boca, sufocando minha tentativa de gritar.

CAPÍTULO 3

Avery

Tento gritar de novo, mas a mão grande sobre minha boca abafa qualquer tentativa de gritar por socorro para Bernice ou Russell. Meu atacante me arrasta para trás e, apesar de me esforçar para agarrar o batente da porta e impedi-lo, ele me puxa para fora do restaurante com facilidade, como se eu não pesasse nada e minha resistência não o incomodasse.

Mas ele não vai me levar tão fácil assim.

Nunca.

Depois de tudo o que aconteceu nas últimas horas até aqui, eu me recuso a deixar este idiota vencer.

Estendo a mão para trás em direção a sua cabeça e tento acertá-lo nos olhos com os polegares enquanto chuto sua canela com o pé esquerdo com toda a força que tenho. Ele fecha bem os olhos para se defender do meu ataque, e apesar de seu aperto não afrouxar nem um pouco com o golpe que lhe dei na perna, mas o entrevero termina logo do lado de fora da porta.

Hálito quente flutua na parte de trás do meu pescoço e orelha direita, fazendo-me estremecer e engasgar contra a mão.

— Eu te ensinei bem. Isso teria funcionado com qualquer outra pessoa. — A voz profunda e rouca de Kalen me banha como um bálsamo reconfortante, trazendo consigo anos de memórias, de promessas feitas e quebradas, de um amor que pensei que duraria para sempre, mas desmoronou tão facilmente sob o peso do mundo que ele carregava em sua cabeça e ombros sendo Chaos.

Ele tira a mão em volta da minha boca, me aperta pela cintura uma vez e me solta.

Eu me viro para encará-lo e encontro seu gélido olhar azul.

Tantos anos se passaram desde a última vez que vi seu rosto, e daquela vez foi através de uma névoa de lágrimas. Mas as que queimam meus olhos agora não são de desespero, como naquela noite. Não são de medo dele, embora ele pareça mais duro, como se a vida o

tivesse espancado várias vezes e o deixado a um fio da morte. As lágrimas são porque ele está realmente aqui. É ele. É Kalen.

E houve uma época — que parece não ser muito tempo atrás, agora que ele está aqui tão perto — que ele era meu mundo inteiro.

— Ai, meu Deus! Kalen! — Eu me lanço para ele, jogando meus braços em volta de seu pescoço enquanto os seus braços fortes me envolvem e me abraçam apertado. Um soluço escapa de meus lábios, e resisto contra outro enquanto um milhão de palavras tentam sair de uma só vez. — Como você me achou? Acabou a bateria do meu celular e...

— *Shh.* — Ele me puxa contra a lateral do restaurante e segura meu rosto entre as palmas das mãos abruptamente. — Quieta.

É uma ordem: sucinta e direta.

Ele examina a área nos fundos do restaurante onde nos escondemos, avaliando cada ruído e cada movimento de animal na mata atrás de nós, em busca de ameaças.

O cabelo da minha nuca se arrepia e eu viro a cabeça, tentando ver a mesma coisa que ele.

— Qu...qual o problema?

Ele se inclina para o lado e olha pela esquina do prédio em direção ao estacionamento da frente, onde deixei meu carro.

— Só garantindo que não temos nenhuma companhia inesperada. — Ele se vira para mim e suspira. — Eu te encontrei com muita facilidade. Depois que não consegui ligar de volta, pedi pra um amigo meu tentar rastrear seu celular e o GPS do seu carro.

— Dá para fazer isso?

— Não legalmente, mas eu tinha imaginado que você estaria aqui, de qualquer maneira. — Seu olhar duro suaviza um pouco. — A cabana do seu avô sempre foi um refúgio para você. É o primeiro lugar em que eu teria procurado... o que significa que a pessoa de quem você está fugindo também te procurará lá. Não estamos seguros aqui...

O quê?

— Mas ninguém mais sabe da cabana. Como alguém saberia que estou aqui?

Ele levanta uma sobrancelha escura, um movimento que sempre fazia quando estava se controlando para não dizer algo que sabia que iria começar uma briga.

— Você nunca contou a ninguém sobre a casa do seu avô?

— O quê? Não, claro que não. — Uma memória pisca na minha cabeça. Dois anos atrás... bem antes de eu entender como era perigoso trabalhar lá. — Ah, merda.

Kalen dá um passo em minha direção, com a testa franzida de preocupação.

— O quê?

— Conteí, *sim*. Alguns caras do escritório estavam conversando sobre ir pescar em alto-mar no México, e eu comentei que adorava pescar. Eles ficaram muito surpresos e perguntaram onde eu havia pescado...

— E você disse pra eles que era aqui com seu avô, na cabana dele.

Assinto e dou um gemido.

— Sim. Ai, meu Deus. E se eles forem...

Faróis iluminam o lado do prédio mais próximo de nós, e Kalen me agarra e me empurra para trás enquanto puxa uma arma do coldre em seu quadril.

Eu tento ver por cima do ombro, mas seu corpo largo me bloqueia quase completamente.

— O que é?

Ele espia pela dobra do prédio, firme como uma rocha, observando. Avaliando. Analisando da maneira como foi treinado para fazer.

— Um sedan escuro acabou de entrar no estacionamento.

O ácido se agita em meu estômago vazio e sobe pela minha garganta.

— Talvez eles só tenham vindo comer torta.

Pode ser que seja apenas ilusão da minha parte, mas se são as pessoas das quais estou fugindo, não sou a única em perigo. Bernice e Russell são alvos fáceis na lanchonete, e eu sei em primeira mão que esses caras não têm medo de sujar as deles de sangue para conseguir o que querem. Eles não pensariam duas vezes antes de torturar pessoas inocentes para me encontrar.

Kalen faz um barulho de nojo com a garganta.

— Eles não estão aqui para *comer torta*, Avery. Estão se aproximando do seu carro.

— Merda. O que a gente faz?

Ele olha para mim.

— *Você não vai fazer nada. Você vai ficar bem aí.* Não se mova. Não diga uma palavra. Independente do que ouvir.

Ai, meu Deus. Independente do que ouvir?

Agarro seu antebraço com força e o puxo até ele olhar para mim novamente.

— O que você vai fazer?

Seus olhos azuis ficam quase pretos, seu rosto endurece como granito. A transformação de Kalen para Chaos é quase instantânea, e isso me faz soltar o braço dele e dar um pequeno passo para trás.

— Vou fazer a porra que for preciso para eliminar a ameaça.

Ele não precisa explicar mais, e se eu abrir minha boca com

qualquer tipo de objeção, só vai piorar as coisas entre nós. Desafiá-lo quando ele está no “modo Chaos” e com a intenção de destruir algo, sempre tem esse efeito.

Não sei o que esperava quando liguei para ele pedindo ajuda, mas vê-lo assim — ver *Chaos*, a parte do homem que acabou com tudo o que compartilhamos — me arrepia profundamente.

Envolvendo meu corpo com os próprios braços, fico tremendo e contendo o choro.

— Você vai matá-los.

Não é uma pergunta porque eu sei a resposta. Ele não vai dar a eles uma chance de sobreviver, de voltar para seu chefe, de vir atrás de mim *de novo*. Ele vai acabar com a ameaça. É o que ele *faz*.

Ele firma os lábios em uma linha dura.

— Eu não sei no que você se meteu, Avery, mas você quer a porra da minha ajuda ou não?

Eu aceno depressa.

Esse é o Chaos.

Esse é o homem de que preciso neste momento.

Não os braços quentes para me abraçar, mas as mãos frias que podem matar facilmente.

— Fique aqui e não se mexa. Entendeu?



Chaos

Avery assente para mim, os olhos verdes arregalados com o medo que faz todo o seu corpo tremer como se o chão vibrasse sob os pés. Seu lábio inferior treme e ela o puxa entre os dentes, provavelmente para tentar conter o choro.

É o que ela sempre fazia quando não queria parecer fraca ou abalada por alguma coisa, mas agora não tem como esconder. Não de mim. Eu a conheço muito bem.

O que quer que esteja acontecendo, é ruim. Ruim o suficiente para ela estar fugindo para salvar sua vida. Não é apenas um mal-entendido ou uma discussão com um amigo. Ela está apavorada, e depois do que vi no seu apartamento, com razão.

Alguém está atrás de algo que ela tem e parece que não vai parar até conseguir.

Em que diabos você se meteu, Avery?

Seja o que for, esses filhos da puta parecem muito determinados, e eu preciso dar uma olhada melhor. Avanço sorrateiramente pela lateral do prédio até onde uma grande janela de

vidro mostra o interior, e dali consigo ver pela janela da frente direto para o estacionamento.

O sedan preto para atrás do carro de Avery, e os dois homens ali dentro se inclinam para examiná-lo.

Eles trocam algumas palavras e olham em direção ao prédio.

Merda.

Se eles entrarem para procurá-la, pessoas inocentes serão arrastadas para esta confusão.

Sabendo o quanto Avery se preocupa com Bernice, se algo acontecer com ela, Avery nunca se perdoará, nunca se recuperará, mesmo que eu consiga salvá-la de quem quer que esteja atrás dela.

Eu me abaixo e me apresso sob a janela para o canto da lanchonete enquanto eles estacionam ao lado do carro de Avery. Dois homens que devem estar armados até os dentes, considerando os volumes por baixo das camisas, examinam os arredores. Um enfia a mão por uma janela quebrada do carro enquanto o outro observa o restaurante.

Eles ainda estão procurando por algo, mas parece que ele não encontra. Ele se levanta da janela e os dois começam a se mover pelo estacionamento em direção ao restaurante.

Disparo quatro tiros rápidos, dois em cada, antes mesmo que eles tenham tempo de reagir, o som dos tiros reverberando nas montanhas ao nosso redor. Eles atingem a calçada quase simultaneamente, e um silêncio sinistro cai sobre a área. Corro até onde Avery está perto da porta dos fundos, agarro sua mão e a puxo na direção do outro lado do prédio.

— Precisamos nos mover.

Ela olha para o prédio enquanto eu a arrasto para a floresta atrás dele.

— E Bernice? Não podemos deixar ela assim. Eles vão...

Aperto sua mão para impedi-la de tentar escapar de mim e voltar.

— Eles não vão machucar Bernice.

— O quê? — sua voz falha, e ela balança a cabeça. — Como você pode saber disso?

Meus pés batem no chão irregular, e ela cambaleia atrás de mim enquanto volto pela floresta pelo mesmo caminho que entrei.

— Porque eles estão *mortos*, Avery.

— Mortos? — Ela olha para a lanchonete, agora parcialmente escondida pelos arbustos e árvores. — Tem certeza?

Faço uma pausa por um segundo e me viro para ela, nossos corpos a poucos centímetros um do outro.

— Tenho certeza *pra caralho*, Avery, e agora temos que ir.

— Para onde?

— Para algum lugar seguro. Algum lugar que não consigam rastrear até você, então você vai poder me dizer que merda é essa que está acontecendo e explicar no que se meteu.

Não faz sentido. Avery sempre andou na linha, sempre seguiu as regras, nunca nem excedeu o maldito limite de velocidade, e foi assim que consegui alcançá-la. Ela nunca foi uma infratora de regras, nunca puxou o tapete de ninguém ou se intrometeu nos negócios de outra pessoa. No entanto, aqui estamos...

Não importa o quanto eu tente, simplesmente não consigo entender o que Avery poderia ter feito para alguém estar atrás dela. Mas assim que chegarmos à minha casa, ela vai me contar *tudo*.

Eu a conduzo até minha motocicleta, escondida atrás de um arbusto espinhoso onde a deixei para que ninguém me ouvisse ou me visse quando eu chegasse ao restaurante.

Seus olhos se arregalam ligeiramente.

— E o meu carro?

Seguro seu pulso e a puxo contra mim. O rosnado baixo no meu peito sai antes mesmo que eu possa contê-lo.

— Foi assim que eu rastreei você com tanta facilidade. Se eles tiverem os recursos certos à disposição, poderão usar o GPS da mesma forma que eu. Onde está seu celular?

Ela enfia a mão trêmula no bolso e o segura.

— Me dá isto.

— Mas está descarregado.

Olho para ela até que ela o entregue, então solto seu pulso, jogo o aparelho no chão e bato minha bota contra ele com um estalo satisfatório.

— Não! — Avery avança em direção ao telefone quebrado, caindo de joelhos. — Precisamos disso.

— O que você quer dizer?

Já quase frenética, ela tenta juntar os pedaços.

— Há informações no celular. Coisas de que precisamos.

Porra.

O chip SIM não era realmente um problema, já que o telefone estava descarregado, mas eu não poderia permitir que Avery carregasse o aparelho e o ligasse de volta.

Eu me agacho e a ajudo a recolher os pedaços do telefone, até achar o cartão de memória. Encontrando seu olhar, eu seguro o pequeno pedaço de plástico.

— Deve estar tudo aqui.

Ela solta um suspiro pesado e aliviado e me observa enfiá-lo no bolso. Pego os restos do telefone de sua mão e os jogo no chão, exceto pelo chip. Isso, eu coloco em uma pedra e piso até quebrar.

— Agora, temos que ir.

Não sei o que está acontecendo, mas quanto mais demorarmos aqui, maior a chance de a polícia chegar e nos ligar aos dois corpos caídos na calçada em frente ao restaurante antes que estejamos longe o suficiente para escapar deles. Na situação atual, assim que conferirem a placa do carro de Avery, vão começar a procurar por ela. Mas podemos lidar com isso mais tarde. No momento, a única coisa que importa é nos levar a um lugar seguro para que ela possa me contar tudo.

Ofereço a mão e ela aceita. Mesmo aqui, cercado pela natureza, seu cheiro me envolve e invade meus pulmões. Tentei ignorá-lo mais cedo, tentei afastá-lo e me concentrar na missão, mas algo me diz que vai ser quase impossível com Avery no centro de tudo.

Seus olhos se fixam nos meus por um momento, e eu me forço a desviar o olhar e subir na moto.

— Suba.

Ela joga a perna atrás de mim, como já fez centenas de vezes, e eu lhe entrego meu capacete sem olhar para trás. Ter Avery comigo na minha moto de novo é um sonho e um pesadelo que ganhou vida.

Braços finos envolvem minha cintura e ela deita a cabeça em meu ombro. Seu corpo inteiro treme violentamente, e dou partida. O motor ronca abaixo de nós e, quase no mesmo instante, ela relaxa em mim.

Porra.

Preciso levá-la para um lugar seguro.

Para algum lugar longe de *mim*.

CAPÍTULO 4

Chaos

Tentar me concentrar no barulho da estrada abaixo de nós ou no vento forte que me açoita enquanto voamos pela estrada no caminho de volta para a cidade não ajuda a me distrair de cada movimento que Avery faz atrás de mim. A maneira como ela se agarra a mim com tanta força, como se eu fosse a coisa mais importante do mundo. Do mesmo jeito que ela costumava fazer antes de eu estragar tudo.

Nunca pensei que a veria de novo, muito menos que a teria abraçada em mim na estrada por horas, como costumava ser, como se o tempo não tivesse passado, como se toda a turbulência e dor simplesmente desaparecessem no vento soprando ao redor de nós. É perigoso desfrutar do momento e desejar que pudesse ficar assim para sempre, mas agora que enfim chegamos à minha casa, quase lamento que a viagem não tenha sido mais longa, embora saiba que a coisa mais segura a fazer é entrar e descobrir que porra está acontecendo.

Qualquer atraso apenas dá mais tempo para quem está atrás dela descobrir uma maneira de localizá-la. Além disso, Bernice, sem dúvida, chamou a polícia quando ouviu os tiros e descobriu dois corpos em seu estacionamento e o desaparecimento de Avery.

Graças a Deus aquele velho lugar não tem câmeras de vigilância.

Em algum momento, teremos que inventar uma história explicando o que aconteceu, mas isso não é uma preocupação imediata. Manter Avery segura, é.

Estaciono a moto, abaixo o suporte e desligo o motor. O aperto mortal de Avery em mim relaxa antes que ela se mexa no assento. Um momento constrangedor se estende entre nós, nenhum de nós diz nada ou se move. Por fim, olho para ela por cima do ombro, e ela tira o capacete, soltando o cabelo escuro e desgrenhado.

Meus dedos coçam para percorrê-lo, afastar os fios de seu rosto, colocá-los atrás da orelha, e eu aperto a mão ao lado do corpo para tentar dissipar a sensação, deixando meu olhar se demorar nos

pequenos cortes que a janela do carro causou na lateral de seu rosto ao quebrar.

Ver Avery ferida me faz querer voltar e matar aqueles filhos da puta de novo. Assim que descobrir quem é o responsável, vou poder descontar toda essa raiva em algum lugar, porque não quero direcioná-la para Avery.

Ela me oferece um pequeno meio sorriso.

— Faz muito tempo que não monto em uma dessas.

Isso não deveria fazer o alívio inundar meu sistema, mas faz.

Ela não esteve na carona de nenhum outro idiota desde que nos separamos.

Obrigado, porra.

Eu não ia aguentar saber se ela tivesse. Já é difícil tentar não pensar em todas as outras coisas que ela provavelmente tem feito desde que nos separamos

Ela se move para deslizar para fora do assento, e eu ofereço a mão para ajudá-la. Um trajeto como esse, depois de tantos anos sem andar de moto certamente a deixou dolorida. Ela coloca a mão pequena e macia na minha, e um minúsculo tremor sobe pelo meu braço e vai direto para o meu pau.

Putá que pariu.

Avery sempre fez isso comigo, e parece que isso não mudou nada no tempo que passamos separados. Ela leva um momento para se equilibrar, mas, assim que ela está firme, puxo minha mão da dela e faço um gesto em direção aos degraus na lateral do prédio que levam ao meu apartamento no segundo andar.

— Vamos.

Desço da moto enquanto observo a rua atrás de nós, procurando por algo suspeito ou fora do comum, mas toda a área está quieta. Costuma ser, tão cedo pela manhã assim, pouco antes do nascer do sol. Nenhum dos estabelecimentos ao redor do prédio abrirá antes das oito, e não há mais nada para trazer ninguém aqui a esta hora do dia.

Exatamente por isso que escolhi este lugar.

Avery para no pé da escada, olhando à esquerda para a fileira de portas de garagem e a placa acima.

— Que lugar é este?

— Uma oficina mecânica de carros e motos. Eu moro ali em cima. Vai!

Ela obedece sem oferecer outro comentário, e eu a sigo escada acima, sua bunda firme envolta em jeans justinhos bem na frente do meu rosto, me provocando a cada passo. Tenho que conter o desejo de estender a mão e bater nessa bunda como costumava fazer toda vez que estávamos nessa posição antigamente.

São outros tempos, então, e ela não é mais sua.

Essa foi a minha escolha. Minhas ações a afastaram e tenho que arcar com as consequências, mesmo que tenha sido necessário. Isso significa ignorar a vontade de tocar em Avery, de senti-la contra mim, de pegar o que costumava ser meu.

Ela para no topo da escada, no pequeno patamar do lado de fora da única porta que leva ao meu apartamento, e eu pego as chaves e destranco a fechadura, abrindo-a para ela entrar antes de mim.

Não vou deixar Avery fora da minha maldita vista até que tudo isso seja resolvido.

Avery entra devagar, eu a conduzo mais para dentro com uma mão na parte inferior de suas costas e acendo a luz. A única lâmpada pendurada no soquete patético e antigo no centro da sala ganha vida, e Avery faz uma pausa enquanto eu tranco a porta.

Ela examina o espaço depressa, então se vira para mim com a sobrelanceira levantada.

— Há quanto tempo você mora aqui?

Ofereço um encolher de ombros.

— Alguns anos.

— Onde estão todas as suas coisas?

A única poltrona reclinável fica em um canto, e a televisão está pendurada na parede de frente. Fora isso, a sala está vazia.

Bem do jeito que eu gosto.

Dou de ombros mais uma vez.

— Tenho tudo que preciso.

É uma mentira que sempre conto a mim mesmo, e é por isso que não olho para Avery quando digo as palavras, apenas passo por ela em direção à pequena cozinha. Tê-la aqui, deixá-la me ver viver assim, numa casa tão diferente do caloroso e acolhedor lar que compartilhamos, me deixa tenso.

— Você não está preocupado que alguém descubra que estamos aqui e venha me procurar?

Congelo na frente da geladeira e me viro aos poucos para encará-la.

— Para isso, eles teriam que saber quem eu sou e como estamos ligados. E aposto que você nunca contou pra ninguém que já foi casada.

A expressão dela fica um pouco chateada, e ela engole em seco, desviando o olhar para peso chão por um segundo e se ajeitando ansiosamente em seus pés.

— Não contei.

— Exatamente. — Eu me viro, pego uma cerveja na geladeira, tiro a tampa e a levo aos lábios. — Então ninguém sabe quem eu sou.

Não me surpreende que ela não tenha dito nada sobre mim

para ninguém. Não é uma experiência que ela queira reviver, nem que seja apenas através das lembranças.

Ela levanta a cabeça devagar.

— Eu não contei a ninguém sobre você porque foi muito doloroso para mim.

Suas palavras me atingem da mesma forma que as balas atingiram aqueles dois idiotas no estacionamento do restaurante, e tomo um longo gole da garrafa para me distrair da dor no peito. Mas o líquido fresco e feito de lúpulo não ajuda a lavar a dor da verdade no que ela disse.

Como se eu precisasse de mais lembretes de como destruí tudo.

De como eu a destruí...

Olho para a garrafa por um momento, bebo metade da cerveja, depois pego o celular e ligo para Reaper. Só toca uma vez antes de ele atender.

— *E aí, cara. Qual a situação?*

— Estou bem. Ela está aqui e está bem. — Olho para Avery, que cambaleia para frente e para trás no lugar, no meio da minha sala de estar espartana. — Estamos na minha casa. Preciso que vocês venham pra gente montar um plano e cuidar da situação dela.

— *Já resolvemos o outro problema. Tirei o cara da cidade.*

Aquele babaca, perseguidor idiota.

Teria sido ótimo estar lá para vê-lo dirigir para fora da cidade em agonia depois da surra que eu lhe dei, mas considerando o quanto Avery está abalada, foi a decisão certa abandonar o idiota e ir buscá-la.

— Ótimo.

— *Em breve estaremos aí.*

Termino a ligação, coloco o telefone no bolso e tomo outro gole da cerveja.

Avery me observa com timidez, puxando o lábio inferior entre os dentes e torcendo as mãos na frente do corpo.

— Para quem você ligou?

Coloco a garrafa na mesa, espalmo as mãos sobre o balcão e me apoio nele, feliz por colocar uma distância muito necessária entre nós — uma barreira a mais em cima da que eu já tinha erguido com minhas ações no passado.

— Reaper e Mouth.

Ela estremece e seus lábios torcem para baixo.

— Eu realmente não fico confortável em ter os dois envolvidos nisso.

Sua reação embrulha meu estômago por várias razões. Houve um tempo em que ela era amiga deles, em que confiava sua vida a eles da mesma forma que confiava a mim. Mas, agora, eles se tornaram o

inimigo tanto quanto eu. Eu fui seu último recurso, e essa verdade me faz bater a palma da mão contra a fórmica barata.

Isso a faz pular, e na mesma hora me arrependo de ter assustado Avery quando já estava tão apavorada, mas preciso que ela se concentre e entenda a posição em que está.

— Você ligou pedindo *minha* ajuda, Avery. Você não decide como eu faço isso. Agora, me diga o que *diabos* está acontecendo.



Avery

A raiva dele é justificada. Eu o arrastei para uma confusão enorme e agora insultei seus amigos. Eu não deveria ter dito nada, não importa o quão desconfortável fique de vê-los.

Os amigos se tornaram tudo para ele quando me tornei um nada. Tudo o que Kalen queria era estar com eles e ser o Chaos como eles o viam. Reaper e Mouth são as últimas pessoas que quero ver; ainda assim, devo ficar de boca fechada, em vez de piorar uma situação que já é ruim insultando-os.

Eu adoraria rastejar para um buraco e me esconder agora, da realidade do que está acontecendo e do olhar que Kalen está me dando, mas não tenho escolha a não ser contar tudo a ele, contar o que vi.

É a única chance que tenho de, talvez, sair dessa com vida.

Minhas mãos tremem enquanto ando até o único móvel no cômodo — a surrada poltrona reclinável que ele sempre amou tanto. Assim como nós, os anos causaram mais danos a ela — o couro rasgou em alguns pontos e está puído em outros. Cicatrizes que combinam com as que carregamos.

Sem olhar para Kalen, me abaixo devagar e me sento nela.

— Então... depois que nos separamos, vendi a casa.

— Eu sei — sua voz sai áspera e abrupta, como se pensar na casa que compartilhamos fosse tão doloroso para ele quanto é para mim. — Eu queria que você ficasse com ela.

— Bem, usei o dinheiro da venda para voltar a estudar e me formar em contabilidade. Eu precisava de algum meio de me sustentar, de um emprego, e não estava qualificada para fazer nada, nunca havia trabalhado antes...

— Você não precisava trabalhar. Eu mandava um cheque pra sua conta todo maldito mês, para que você sempre tivesse tudo que precisava e não precisasse trabalhar.

Olho para ele, e a raiva queimando em seu olhar faz eu me

mexer na cadeia.

— Eu não queria o seu dinheiro. Depois que nos separamos, não quis mais nada com você. Eu queria me sustentar sozinha. Não toquei em um *centavo* do que você me enviou nos últimos quatro anos. Ainda está tudo naquela conta. Pode pegar de volta.

A mandíbula de Kalen se contrai, e ele coloca as mãos em punho em cima do balcão estreito que nos separa.

— Que porra é essa, Avery?

— Eu precisava fazer algo por conta própria. *Estar sozinha*. Então... — Tento nos afastar dessa conversa porque só vai ficar mais doloroso se continuarmos nela. — Eu me formei em contabilidade e consegui um emprego em uma empresa de serviços alimentícios. Você sabe, dessas que fornecem produtos para restaurantes e escolas e coisas assim.

Ele acena com a cabeça, embora não pareça que sua raiva ou aborrecimento tenha desaparecido.

— Eu estava ajudando com a contabilidade. O proprietário também tem alguns restaurantes. Tinha muito trabalho. Outra mulher, o nome dela era Amelia, trabalhava para ele há algum tempo e basicamente fui contratada para ajudá-la.

Os olhos gentis e calorosos de Amelia surgem na minha lembrança, e eu seguro um soluço de choro que ameaça escapar dos meus lábios.

— Então, um ou dois meses atrás, ela começou a agir de forma estranha.

— Estranha como?

Olho para Kalen e o encontro um pouco mais relaxado, tomando um gole da cerveja.

— Só... esquisita? — Dou de ombros. — Ela não estava tão falante como de costume e me retirou de muitas tarefas de que tinha me encarregado, quase como se não confiasse mais em mim com elas. Agora, eu sei o que era de verdade...

— O que aconteceu, Avery?

— Ontem de manhã, entrei no escritório como de costume e ela não estava. Achei estranho porque ela era uma madrugadora e sempre uma das primeiras a chegar. O proprietário, Ricardo Perez, me disse que ela havia decidido se aposentar mais cedo e voltar para a pequena cidade no México onde sua família ainda morava.

— Certo...

— Mas algo parecia errado sobre isso. Ela andava me contando sobre como precisava trabalhar por mais alguns anos para se sentir confortável em se aposentar. Ela cuidava dos pais idosos e ajudava financeiramente alguns outros membros da família, então ela queria mesmo juntar um bom pé-de-meia e ainda não tinha conseguido.

Ele considera minha explicação por um momento.

— Então, você não acreditou no que ele disse?

— Não, mas eu não queria desafiar meu chefe e talvez ser demitida, e eu realmente não tinha nenhum motivo para suspeitar que algo estava errado além da minha intuição. Até que... — Suspiro e afasto o cabelo do rosto com as mãos trêmulas. — Até que no fim do dia me mudei para o escritório maior, que era dela, por sugestão de Ricardo, e encontrei um pen drive colado com fita adesiva na parte de baixo da mesa.

Kalen congela com a garrafa na mão.

— O que tinha nele?

— No começo, fiquei confusa. Coloquei no computador e não sabia o que estava vendo. Demorei para entender o que ela havia preparado, que eram comparações de números. Inventário, vendas, dinheiro proveniente dos restaurantes e compras de clientes do negócio de suprimentos, bem como despesas pagas. — Eu travo os olhos com Kalen. — Os números não batiam.

— O que quer dizer?

— Havia muito dinheiro vindo de algum lugar. Não deveria estar lá. Havia nomes de clientes que eu não reconhecia. A princípio, pensei que estava apenas deixando de ver alguma coisa, que não entendia o que via. Levei o pen drive para casa ontem à noite para examiná-lo com mais cuidado, porque não queria tirar conclusões precipitadas, caso houvesse uma explicação razoável, e não queria que meu chefe ficasse bravo comigo por mexer nos livros se houvesse um problema.

— Mas não havia uma explicação razoável?

Nego com a cabeça.

— Nenhuma que eu pudesse encontrar. Pesquisei os nomes das empresas que supostamente faziam compras conosco no Google, mas elas não existiam ou as informações dos sites eram tão básicas que faziam parecer que não eram reais. Então, voltei para o escritório ontem à noite. Ricardo sempre estranhava quando nós trabalhávamos até tarde. Ele disse que não esperava isso de nós e que queria que tivéssemos uma vida. Eu nunca achei isso esquisito. Eu nunca questioneei por que ele não iria querer ninguém lá depois do expediente.

Idiota.

Tola e ingênua.

Que chefe desencoraja os funcionários a trabalhar um pouco mais e ficar para terminar as coisas? Apenas aquele que está escondendo algo.

Kalen cerra a mandíbula enquanto escuta. Ele está pensando a mesma maldita coisa que eu deveria ter pensado de cara. Ele sempre me ensinou a estar atenta ao meu redor, a manter meus olhos e

ouvidos abertos para qualquer coisa. Ele sempre disse que a intuição era nossa arma mais forte.

E eu ignorei a minha.

— O carro de Ricardo estava estacionado em frente ao prédio onde ficam os escritórios, mas ele não estava lá. Havia mais alguns veículos no depósito adjacente, o que achei estranho, pois não sabia que alguém trabalhava até tarde além dele. Fui até o armazém para procurá-lo e...

— E, o quê?

— Eu... — as palavras ficam presas na garganta enquanto as memórias do que eu vi piscam em vermelho vívido diante dos meus olhos. — Ele estava lá com alguns dos entregadores, mas eles não estavam carregando os caminhões com itens a serem entregues.

— O que eles estavam fazendo?

Uma única lágrima cai pelo meu rosto.

— Pareceu suspeito, estranho que houvesse trabalhadores lá tarde da noite. Tinha algo estava errado. No começo, não vi Ricardo de onde eu estava na porta do cais, então pensei que talvez eles estivessem roubando da empresa. — Deixei escapar um suspiro trêmulo. — Mas a verdade era muito pior.

— Diz logo, Avery.

— Eles tiraram o corpo de Amelia de um dos freezers e o colocaram na traseira de um caminhão. — Sufoco um soluço e fecho bem os olhos. — Havia tanto sangue sobre ela. Ele... ele a matou porque ela descobriu o que diabos ele estava fazendo.

Tento engolir outro soluço e forçar as palavras para fora, mas tudo o que sai é um lamento que soa quase desumano de algum lugar no fundo do meu peito.

Braços fortes e quentes me envolvem e me mantêm firme. A familiaridade de seu abraço, a sensação de segurança absoluta, me faz esquecer todas as razões pelas quais eu não deveria estar aqui, pelas quais não deveria estar com ele. Em vez disso, coloco meus braços em volta de seu pescoço e choro em seu ombro, soltando tudo o que resta em mim, tudo que tanto tentei ignorar e manter do lado de dentro enquanto lutava pela minha vida.

Kalen puxa minha cabeça para trás e seus olhos duros encontram os meus.

— O que tem no telefone de tão importante?

Inspiro fundo.

— Quando percebi que eles estavam fazendo algo errado, peguei o celular e gravei.

Suas sobrancelhas escuras se erguem lentamente.

— Você tem um vídeo deles movendo o corpo?

— Sim.

— E o pen drive com os números? Onde está agora?

— Ainda está no escritório. Deixei na minha mesa.

Os lábios de Kalen se torcem em uma carranca.

— Merda. Então não é por isso que eles estão atrás de você.

— Não. Não sei como eles poderiam saber que o pen drive estava comigo ou que sequer existia. Devem ter descoberto que eu estava observando, ou alguém me viu lá filmando antes de eu correr e ir embora. Estão tentando me matar, Kalen. Um dos homens do armazém me seguiu e tentou bater no meu carro, e depois aqueles dois na lanchonete...

— Por que você não chamou a polícia ou foi direto para a delegacia?

— Porque um dos homens no depósito usava a farda polícia e tinha uma viatura estacionada do lado de fora do cais. Eu vi quando estava saindo.

— Caralho.

Inspiro fundo, trêmula, lutando contra outro soluço que preenche meu peito.

Kalen descansa as mãos grandes em minhas coxas e aperta.

— Eu não vou deixar nada acontecer com você. Prometo.

— Como você pode dizer isso? Esses homens... é óbvio que são perigosos. De onde quer que venha esse dinheiro, é algo ruim. Eu...

Ele captura meu rosto entre as palmas das mãos e me força a encontrar seu olhar preocupado.

— Eu sei, mas sou muito bom no que faço. Você tem que confiar em mim.

Falar é muito fácil, dada a nossa história. Ele quebrou tantas promessas, me machucou de tantas maneiras. É difícil acreditar em qualquer coisa que ele diga.

Mas eu tentarei.

Que outra escolha eu tenho?

CAPÍTULO 5

Avery

As pessoas sempre falam sobre quedas de adrenalina. Como você fica cheia de energia até que enfim desmorona de uma vez, e uma exaustão se infiltra até em seus ossos.

Finalmente entendo o que isso significa.

A sensação me atinge meia hora depois de entrar na casa de Kalen e descarregar o peso do que vi. Juntando eu estar enrolada na velha poltrona reclinável que sempre foi tão confortável, o resto da adrenalina que me manteve acordada passar, e Kalen me vigiando, acabo deixando meus olhos se fecharem.

Eu me rendo ao sono e tento esquecer a memória recente, vívida e horrível por apenas alguns momentos. Logo é substituída por uma memória boa, uma das muitas entre Kalen e eu antes de tudo mudar, antes de *ele* mudar.

A praia...

O sol brilhante batendo em nós, aquecendo nossa pele exposta...

Ele beijando minha barriga lisa, subindo até meus lábios e capturando minha boca de uma forma que diz que se não estivéssemos em público, cercados por centenas de outros banhistas, ele estaria me devorando agora mesmo na areia...

Em vez disso, ele afasta seus lábios dos meus e sorri para mim, seus olhos cobertos pelos óculos escuros.

— *O que vamos fazer no resto do dia? Porque eu tenho algumas ideias.*

Eu rio e o empurro pelo ombro.

— *Você é terrível.*

— *Por quê?* — Uma de suas sobrancelhas se ergue sobre as lentes reflexivas. — *O que tem de tão errado em querer voltar para o hotel e trepar com a minha esposa até não poder mais?*

Meneando a cabeça, devolvo seu sorriso.

— *Nada. Só que nos últimos dois dias a gente só fez isso. E eu*

realmente quero fazer algo em nossa lua de mel além de você me comer até não poder mais, se não se importar.

— *Ah, eu me importo, sim...*

Ele captura minha boca de novo. Sua língua perversa desliza entre meus lábios, e ele gruda mais o corpo no meu. O fato de estarmos em uma praia do México, cercados por outros turistas, não parece perturbá-lo. Parece que nada perturba ou pode...

Uma batida forte na porta me acorda, e um grito agudo enche o minúsculo apartamento.

— Avery, está tudo bem. Você está bem. — Kalen coloca a mão no meu ombro e aperta com gentileza. — São só os caras.

Inferno, esse grito foi meu.

Empurro meu cabelo para longe do rosto e tento controlar as respirações para impedir que meu coração fuja do peito.

Kalen vai até a porta, verifica o olho mágico e o abre para deixar Reaper e Mouth entrarem. Cada um dos homens me oferece um aceno de cumprimento e nada mais.

Parece que os ressentimentos permaneceram por todo esse tempo.

Isso não deveria me surpreender. Eles apoiariam Kalen em qualquer coisa, sem fazer perguntas. Esse tipo de lealdade é necessário em sua linha de trabalho. Eu sou a vilã nesta situação, porque fui eu quem pediu o divórcio. Não importa que seja ele quem de fato acabou com o relacionamento.

Kalen começa a fechar a porta e alguém enfia um braço pela fresta.

Uma mulher de cabelos escuros com impressionantes olhos verdes abre caminho pelo batente, uma expressão exasperada na boca.

— Ei, não feche a porta na minha cara, idiota.

Ele grunhe, dá um passo para trás e a deixa entrar totalmente no apartamento enquanto lança um olhar irritado para Reaper e Mouth.

— Sério?

Reaper dá de ombros.

— Você que tente impedi-la de vir.

Kalen franze a testa para a mulher, que ergue uma sacola de plástico e a sacode na frente dele.

— Para sua informação, venho trazendo itens essenciais básicos, já que percebi que ela não tem nada, e que você estaria totalmente despreparado para hospedar uma mulher. — Ela ri de sua própria piada e o cutuca de brincadeira no ombro ao passar. — Estou certa?

Quem diabos é essa mulher?

Seus olhos pousam em mim, ela oferece um sorriso gentil e se aproxima com a mão estendida.

— Oi, eu sou Viktoria, eu e Reaper somos... — Ela olha para ele com uma sobrancelha escura erguida. — Namorados, eu acho? Também sou ex-detetive do NYPD, então não está tão fora de questão que eu possa oferecer alguma ajuda nesta situação. — Ela olha para Kalen, que apenas volta para a cozinha e abre outra cerveja em silêncio. — Apesar do que *algumas pessoas* possam pensar.

Reaper se inclina e sussurra algo no ouvido de Viktoria.

Ela assente com a cabeça e me entrega a sacola.

— Aqui. Escova de dentes e roupas íntimas limpas. Eu não sabia seu tamanho e não queria trazer coisas que você não pudesse usar, então qualquer outra coisa que precisar eu posso trazer mais tarde. Apenas faça uma lista para mim.

— Ah, tudo bem. Obrigada. Isso é muito legal da sua parte.

Eu nem tinha pensado no fato de que não tenho absolutamente nada comigo. Minhas coisas estão todas no meu apartamento.

Será que algum dia poderei voltar?

Esse pensamento traz outra onda de ansiedade que aperta meu peito.

Viktoria estende a mão e me oferece um aperto rápido no ombro, então olha ao redor.

— Uau, Chaos, você sabe mesmo como decorar um lugar para torná-lo aconchegante e convidativo.

Ele toma um longo gole da cerveja e zomba dela.

— Vai se foder, Vik.

Ela bufa uma risada.

— Eu não acho que Reaper gostaria muito disso.

Reaper acena com a mão entre eles e se encosta na parede, já que não há lugar para sentar.

— Vocês dois podem parar um minuto pra gente conversar sobre negócios?

Ele volta sua atenção para mim.

— Não foi bem assim que imaginei que veria você de novo. Quer nos informar sobre essa confusão em que se meteu?

Esses são os últimos caras a quem eu gostaria de implorar por ajuda, mas não deve haver ninguém em uma posição melhor para fazer algo a respeito.

Respiro fundo.

— Para encurtar a história, sou contadora e trabalho para uma empresa de alimentos. Sabem, uma dessas que fornecem produtos para restaurantes locais e tem alguns próprios, também.

Todos acenam com a cabeça.

— A mulher que chefiava o departamento de contabilidade desapareceu, e então descobri um pen drive que ela havia escondido com documentação que fazia parecer que uma tonelada de dinheiro

que não deveria estava entrando na empresa.

Reaper olha para Kalen com uma sobrancelha levantada.

— Lavagem de dinheiro? Tráfico de drogas?

Ele dá de ombros.

— Pode ser os dois.

— Certo, continue, Avery.

— Então, fui conversar com meu chefe sobre isso depois do expediente, coisa que ele sempre desencorajou, mas nunca entendi bem o porquê. E, quando cheguei lá, vi alguns de seus homens agindo de forma suspeita no armazém. Algo parecia errado, então comecei a filmar no meu telefone e... — Respiro fundo. — E eu os vi tirar o corpo da minha colega de trabalho de um dos freezers.

— Puta merda. — Viktoria se afasta da parede em que estava encostada. — Vou precisar de uma cerveja dessas.

Kalen olha feio para ela, mas se volta para a geladeira e pega uma garrafa.

— Mouth, quer uma?

Mouth balança a cabeça e continua me observando, estoico.

Quando ninguém diz nada, eu continuo.

— Eu não sabia o que fazer. Saí correndo e deixei tudo para trás.

Reaper estremece.

— Merda.

— Mas eu tenho a gravação do armazém no celular. Como eu estava basicamente fugindo da cena de um assassinato, um dos homens do depósito tentou bater no meu carro e quase me matou em um cruzamento movimentado. Então ele atirou em mim.

Viktoria toma um gole de sua cerveja e lança um olhar preocupado para os rapazes.

— Então, eles sabem que você os viu.

— Temos câmeras de segurança do lado de fora, então pode ser que tenham visto o vídeo depois do acontecido e viram que eu estava lá, ou podem ter me visto no depósito.

Reaper me dá um olhar sinistro.

— E que você estava filmando.

— Talvez. — Dou de ombros, quanto mais cansada fico, mais os eventos da noite passada se transformam em um borrão. — Não sei o que eles sabem, só que aparentemente me querem morta.

Kalen assente.

— Ela foi esperta o suficiente para não ir para casa.

Eu olho para ele.

— Eu sabia que se eles estavam determinados o suficiente para me seguir, tentar me atropelar com um carro, e depois atirar em mim em público, iam acabar aparecendo na minha casa.

Viktoria me oferece um sorriso simpático.

— Por que você não foi direto para a delegacia?

— Porque um dos homens no depósito vestia a farda da polícia e uma viatura estava estacionada em frente.

Uma das sobranceiras escuras de Viktoria se ergue.

— Você acha que ele estava envolvido?

— Ele tinha que estar porque viu os outros arrastarem o corpo de Amelia e nem reagiu. Acho que não posso confiar nos policiais. Fui pra cabana do meu avô. Ele a deixou para mim quando morreu, e achei que ninguém além de Kalen saberia sobre isso.

Kalen sai de trás do pequeno balcão e se inclina contra ele.

— Mas eu a interceptei em um pequeno restaurante a alguns quilômetros da cabana. E cheguei na hora certa. Fazia apenas cinco minutos que eu tinha chegado quando os amigos dela do armazém apareceram, procurando por ela. Eles não serão mais um problema. Pelo menos, esses dois não. Mas precisamos de um plano de jogo. Precisamos descobrir quem está envolvido e como detê-los. Tirar eles do encaixe da Avery.

Viktoria olha entre nós.

— Vocês não acham que eles vão procurá-la aqui? Quero dizer, você é o ex-marido dela. Não deveria ser um dos primeiros lugares em que procuram?

O jeito que Kalen me olha me faz estremecer.

Eu balanço a cabeça.

— Ninguém lá sabia que eu já fui casada.

Kalen engole o resto de sua cerveja em um longo gole.

— Mesmo que eles se dessem ao trabalho de rastrear nossa certidão de casamento, nunca encontrariam este lugar porque meu nome não está vinculado a ele. Eu pago em dinheiro, e o dono da loja lá embaixo nem sabe meu nome verdadeiro. Este é o lugar mais seguro em que ela pode estar agora.

Pelo menos quando se trata de se esconder de Ricardo e seus homens.

Reaper muda a perna de apoio, ainda encostado na parede.

— Precisamos de tudo o que você sabe sobre o negócio: proprietário, funcionários, clientes. Temos que descobrir quem é esse cara e de onde vem o dinheiro. Você nunca viu mais nada suspeito? Alguma coisa que te fez pensar que a empresa estava metida em algo desonesto?

Faço que não com a cabeça.

— Não, estou lá há pouco mais de um ano e tudo parecia ótimo. — Lembro-me de todas as interações que tive com Ricardo e com os outros funcionários, do piquenique da empresa na praia, das luxuosas festas de Natal que ele organizou. — Pensando bem, talvez

fosse bom demais para ser verdade. Eu ganhava bem. Recebia enormes bônus em dinheiro. Tinha um chefe que não queria que eu fizesse hora extra ou estivesse lá depois do expediente. Em retrospecto, talvez devesse ter desconfiado.

Viktoria levanta a mão.

— Tudo bem. Não se culpe por isso. Não é sua culpa.

— Mas é sim. — Pisco para afastar as lágrimas brotando em meus olhos. — Eu deveria ter imaginado antes que algo estava errado. Amelia estaria viva se eu não fosse tão ingênua.

— Ah, querida! — Viktoria se aproxima e se senta na lateral da poltrona, passando o braço em volta dos meus ombros. — Não se culpe. Não é sua culpa *mesmo*. Você não pode pensar assim. Agora precisamos nos concentrar *não* em te culpar, mas em mantê-la segura.

Kalen sai do balcão e para na minha frente, agachando-se para ficar na minha altura.

Seus olhos estão duros de determinação.

— Não vamos deixar nada acontecer com você.

Reaper acena com a cabeça.

— Vou ligar para Preacher agora mesmo e contar tudo para ele. Ele vai cavar até encontrar o que precisamos. — Reaper olha para mim. — Comece a anotar todas as informações que tem pra eu passar para ele. E me entregue o vídeo no seu celular que vou enviar pra ele também. Talvez ele consiga identificar alguns dos caras com isso.

Viktoria se volta para ele.

— Posso pedir para Anya ajudar Preacher.

Reaper balança a cabeça.

— Não, não há razão para envolver sua irmã nisso agora. Se precisarmos dela mais tarde, podemos ligar.

Voltando-se para mim, Viktoria me dá um sorriso genuíno.

— Eu prometo, tudo vai ficar bem.

Com certeza não parece.



Chaos

Quando Avery termina de escrever todas as informações que sabe de cabeça e Reaper de falar com Preacher, Avery está completamente destruída e mal consegue manter os olhos abertos. Suas pálpebras vibram enquanto ela fala com Viktoria, e a ex-policial me lança um olhar preocupado. Ela também notou, e pelo jeito que Reaper e Mouth estão me olhando, é hora de deixá-la dormir um pouco.

Vê-la assim mexe com sentimentos que guardei profundamente desde nossa separação, com o instinto protetivo que nunca consigo desligar quando se trata dela, por mais que não estejamos juntos.

Avery é a última pessoa que reclamaria de qualquer coisa. Todas as vezes que me afastei dela, os meses em que coloquei paredes entre nós e repeli todos os seus esforços de se aproximar, ela nunca expressou suas preocupações de uma forma que colocasse a culpa em mim. Ela assumiu toda a responsabilidade pelo que estava acontecendo entre nós e nunca me atacou com a verdade. Pelo menos não até aquele último dia.

Ela nunca diria que está exausta e pediria a todos para irem embora, mas Avery parece morta de cansaço. Se eu não intervir, ela vai apagar de repente.

— Vamos encerrar isso. — Gesticulo girando o dedo no ar. — Hora de ir, pessoal.

Reaper, Mouth e Viktoria não protestam contra a ordem e seguem em direção à porta da frente. Viktoria faz uma pausa e se vira para mim, se inclina e sussurra para que Avery não possa ouvir.

— Seja legal com Avery, Chaos. Ela está uma bagunça. Precisa de sua ajuda e apoio, não de você correndo para explodir coisas e quem sabe piorar as coisas.

Fecho a cara.

— Não me diga do que Avery precisa. Você não sabe porra nenhuma sobre ela ou sobre nós.

— Não. — Vik balança a cabeça. — Você tem razão. Não sei mesmo. Mas sei reconhecer medo e aquela garota está totalmente apavorada. Não estrague tudo.

Ela se vira, segue Reaper e Mouth para fora, e desce os degraus prometendo entrar em contato depois que tivermos algumas horas de descanso e darmos a Preacher tempo para fazer sua mágica.

Se alguém pode encontrar algo sobre o filho da puta por trás de tudo isso, é Preacher. Há uma razão para ele ter sido um dos principais ativos da CIA durante a guerra e trabalhado com frequência com a Delta e outros grupos de operações especiais; o homem consegue fazer milagres. E é disso que precisamos agora.

Do jeito que está, não consigo ver uma saída para Avery que não acabe com ela presa no meio de um enorme derramamento de sangue. Os policiais já devem estar em cima dos corpos no restaurante, e com o carro de Avery lá e a dona desaparecida, eles também vão procurar por ela. Considerando o que viu naquele armazém, em que um oficial parecia de conluio com seu chefe, ser encontrada pela polícia pode ser tão perigoso quanto ser encontrada pelo homem responsável por tudo isso.

Esfregando o rosto com a mão, eu me viro para Avery e a vejo

quase dormindo dobrada na poltrona. Me aproximo dela aos poucos, pois não quero assustá-la do jeito que os caras fizeram quando bateram na porta mais cedo.

— Avery? — Eu me agacho ao lado da poltrona e observo seu rosto pacífico se contorcer ligeiramente. — Amor, acorde.

— Uhm? — Seus olhos se abrem e enfim focalizam em mim. — Que foi?

— Você não vai dormir aqui na poltrona. — Levanto e estendo a palma da mão para ajudá-la. — Você vai ficar com o meu quarto.

Ela olha para minha mão estendida por um momento, quase como se estivesse com medo de tocá-la, e a memória da sensação de tocá-la mais cedo ressurgiu, aquecendo minha pele.

Caralho.

Eu me forço a puxar a mão para trás e gesticular para a porta perto da cozinha. Ela se levanta devagar da cadeira e me segue, com a sacola que Viktoria trouxe em mãos.

Houve um tempo, não muito tempo atrás, quando ir para o quarto com Avery teria me deixado duro como uma pedra de expectativa pelo que estava por vir, quando nos perderíamos um no outro por horas ou dias. Mas isso está tão longe do que está prestes a acontecer quanto nós estamos um do outro.

Deixe o passado ficar no passado.

Revisitar qualquer coisa, boa ou ruim, só vai complicar o que tenho que fazer... o que *nós* temos que fazer para garantir que Avery fique segura. Não se envolver é a única maneira de sobreviver neste mundo, e isso significa manter as coisas como deveriam estar com ela: *fora* dos limites.

Esta situação é mais complicada do que imaginei quando recebi sua ligação... e só vai piorar.

Acendo a luz do meu quarto e saio de lado para permitir que Avery entre, já antecipando como ela vai reagir. Avery nunca foi de segurar o que pensa, e isso aparentemente não mudou muito desde que nos separamos.

Avery entra, examina o quarto depressa e se vira para mim.

— Você não tem cama?

Olho para o colchão no chão, no exato mesmo lugar e estado que está desde que saí da casa que dividíamos.

— Não preciso de uma.

Ela aponta para ele, seus lábios rosados um pouco abertos.

— Não deve ser confortável.

Conforto não é uma preocupação minha há muito tempo, desde que parei de dormir com seu corpo quente pressionado contra o meu. Descanso onde posso, quando posso — o que não é muito frequente, mas não pretendo dizer isso a ela. Avery iria apenas se

preocupar, como sempre fazia, em especial no fim.

E ao olhar para o colchão simples no velho piso de madeira, a justaposição com o que tínhamos quando estávamos juntos parece grande. A cama *king size* com cabeceira enorme e estofada da *Better Homes and Gardens*. O luxuoso colchão em que mergulhamos juntos todas as noites. Os lençóis supermacios e de alta contagem de fios contra nossa pele suada e aquecida. As almofadas decorativas colocadas com precisão todas as manhãs quando acordávamos. O conforto com o qual ainda sonho quando *de fato* durmo.

Era o que Avery queria.

E tudo o que Avery queria... ela conseguia.

Pelo menos por um tempo...

Enquanto eu era capaz de dar a ela...

Dou de ombros, tentando não dar muita importância ao modo como tenho vivido. Não é da conta dela, e eu não quero que seja.

— Está bom.

Ela estreita os olhos para mim, duvidando, e tenho que desviar o olhar porque, mesmo depois de todo esse tempo, os olhares penetrantes desta mulher parecem ver tudo o que tento esconder dentro de mim.

Com as mãos apoiadas nos quadris, ela torce os lábios.

— Onde você vai dormir?

— Eu fico com a poltrona.

— O quê? — Ela balança a cabeça, os olhos arregalados. — Não. Você não pode fazer isso. Você nunca vai descansar naquela coisa. É antiga e está praticamente caindo aos pedaços.

Eu me inclino um pouco para perto, e a resposta escorrega dos meus lábios antes que eu possa engoli-la.

— Já dormi em alguns lugares bem ruins na vida. Vou ficar bem.

Ela enrijece um pouco com a lembrança não tão gentil de onde estive e do que fiz. Embora eu nunca tenha tido permissão para lhe contar os detalhes de minhas missões, ela sabe o suficiente para entender exatamente ao que estou me referindo agora.

Talvez tenha sido golpe baixo, que eu não deveria ter dado quando ela já estava tão nervosa e sofrendo, mas preciso que ela se lembre de quem e do que eu sou. Não posso permitir que ela pense que sou o velho Kalen, aquele que conhecia *antes*. Até mesmo ouvi-la me chamar de Kalen, em vez de Chaos, me faz estremecer e sentir saudades de um passado ao qual nunca poderemos voltar.

Avery não pode confundir quem somos agora com quem éramos antes, não importa o quão fácil seja cair em velhos hábitos.

Ela leva um momento para se recompor depois da minha explosão e olha para a sacola que Viktoria trouxe em sua mão.

— Não tem pijama.

Que droga.

Claro que não tem...

É um golpe após o outro, memória seguida de memória.

Vou até o baú militar encostado na parede sob a janelinha alta, abro e tiro uma das minhas camisetas. Meus dedos se enrolam em torno do material verde macio, e paro por um momento, olhando para todas as minhas posses, as únicas coisas que levei comigo quando nos separamos.

O sorriso de Avery me provoca na foto em cima da pilha de roupas. De vestido branco e véu sobre o cabelo escuro, sou tomado pela memória da sensação de seus lábios nos meus depois que dissemos “sim”.

Não.

Aperto a camisa com mais força e enfio a foto no meio da pilha de camisetas para mantê-la escondida, que é o lugar dela. Não deveria estar aí, de qualquer maneira. Eu deveria ter jogado fora no dia em que ela me entregou os papéis do divórcio. Deveria ter destruído cada lembrança dela. E eu tentei, mas aquela foto me salvou mais vezes do que eu poderia contar ao longo dos anos, e eu não suportaria jogá-la fora junto com a vida que compartilhamos juntos.

Pigarreio para afastar a emoção que de repente obstrui minha garganta, vou até Avery e estendo a camiseta para ela.

— Aqui.

Ela olha para a peça por um longo tempo, o suficiente para que eu saiba exatamente o que ela está pensando.

É impossível esquecer.

Não importa o quanto eu tente.

A maneira como o tecido enorme sobrava em seu corpo. A bainha macia batendo em suas coxas, comprida apenas o suficiente para cobrir as partes que eu sempre queria ver.

Ela adorava dormir com minhas camisetas. Isso a envolvia no meu cheiro quando eu estava fora em missão. Mesmo quando eu estava em casa, não aguentava que ela usasse outra coisa para dormir.

Ficamos nos encarando pelo que parecem horas. Nenhum de nós diz nada sobre como a situação é estranha ou dolorosa e, por fim, ela estende a mão e pega a camiseta, oferecendo-me um meio sorriso.

— Obrigada.

Inclino a cabeça e volto para a sala de estar antes que qualquer um de nós diga ou faça algo de que nos arrependemos mais tarde.

— Kalen?

Merda.

Congelo e fecho bem os olhos por um momento antes de abri-los e me virar para encará-la.

— Sim?

— Obrigada... por tudo. Você não precisava fazer isso... — Ela se interrompe e desvia o olhar por um segundo. — Depois... você sabe... — Seus olhos se movem para cima e encontram os meus novamente. — De tudo.

Nossa, ela não entende mesmo.

— Sim, Avery, precisava.

Eu deixo por isso mesmo e a deixo fechar a porta atrás de mim. A trava estalando no lugar me faz fechar as mãos dos lados do corpo até doer, e pego outra cerveja, abro e bebo metade em um único gole.

Algo me diz que vou precisar de muitas outras antes que essa situação seja resolvida. Quem sabe Preacher teve sorte com as informações que enviamos e com o vídeo do telefone de Avery.

Assim que soubermos com quem estamos lidando, poderemos formular um plano sólido, um que termine com a eliminação de todas as ameaças e com Avery de volta ao lugar dela...

Vivendo em êxtase, em algum lugar longe dessa bagunça ou de qualquer outra que eu possa criar. Ela merece ser feliz.

Ela merece ter tudo.

Ela merece o mundo.

Eu já fui burro o bastante para pensar que seria eu quem lhe daria isso, mas estou mais velho e mais sábio agora e sei o que precisa acontecer.

Essa mulher precisa de proteção, e depois ela precisa ficar longe de mim.

CAPÍTULO 6

Avery

A luz brilhante que entra pela janela voltada para o oeste força meus olhos a se abrirem, e eu me mexo no colchão, viro a cabeça e tento enterrá-la sob o único travesseiro que Kalen tem neste lugar. Todos os momentos tensos e estranhos que tivemos ontem à noite e esta manhã, antes de eu finalmente ceder à pura exaustão que meu corpo estava sentindo e apagar, ressurgem em minha cabeça.

Mesmo depois de todo esse tempo, ainda está lá — aquele burburinho de eletricidade, aquela atração que nos une. Só que agora está atrelada a tanta dor e tantas palavras não ditas que nem consigo mais separar uma coisa da outra.

É uma massa emaranhada de confusão, assim como o homem em cuja cama estou deitada. Há uma razão para chamá-lo de Chaos, e estar de volta em sua órbita continua me lembrando disso. Ele trabalha para entrar e depois destrói tudo ao sair. Foi isso que ele fez comigo, conosco. Só demorou muito mais do que com seus alvos habituais.

Mas se ficar insistindo nisso, no que aconteceu entre nós, não consigo me concentrar no que é importante agora: descobrir uma maneira de sair desta situação que vovô teria chamado de “*sanhaço*”.

Se é que existe saída.

Kalen, Viktoria e os caras insistiram em dizer que vai ficar tudo bem, mas suas promessas parecem vazias porque estamos enfrentando um grande desconhecido que parece disposto a matar para proteger o que esteve acontecendo bem debaixo do meu nariz.

Eu só tenho que acreditar que eles estão certos e tentar me agarrar a algumas de suas convicções sobre o resultado, porque eu não tenho nenhuma.

A julgar pelo sol alto, dormi bastante, embora eu esteja confiante de que Kalen não. Ele nunca dormiu muito depois de sua primeira missão com a Delta, nunca relaxou o suficiente para fechar os olhos e adormecer. E nunca quis me dizer o motivo, seja porque não

podia, ou não queria. No final, depois que levou um tiro e quase morreu, ele nem se deitava na mesma cama que eu.

E se eu ficar aqui por mais tempo, envolta em seu cheiro, as lembranças dolorosas ficarão cada vez mais vívidas. No entanto, ainda me pego levando a camiseta dele ao nariz e inalando profundamente, absorvendo o cheiro forte e masculino, que lembra couro, que é todo de Kalen.

A porta do quarto se abre antes que eu possa afastar o tecido do rosto, e os olhos de Kalen se concentram em mim como um míssil pronto para destruir.

Afasto a mão, embora seja tarde demais e já fui pega por um homem que nunca perde um único maldito detalhe.

— Como sabia que eu estava acordada?

Ele dá de ombros com indiferença, com uma caneca em uma mão e uma sacola pendurada na outra.

— Sabendo.

Esse homem deve ter conseguido me ouvir eu me mexendo neste colchão lá de fora, uma das muitas habilidades sobre-humanas que ele aperfeiçoou ao longo dos anos. Ou talvez ele ainda esteja muito conectado a mim, ainda seja capaz de me sentir de outro cômodo como sempre parecia sentir quando éramos casados.

— Pensei que fosse gostar de um pouco de café. — Ele ergue a caneca. — Com creme e três cubos de açúcar.

Eu me sento com as costas na parede.

— Você se lembra de como gosto do café?

Ele ajeita os pés, um pouco constrangido, desviando o olhar para a janela.

— Não é algo que se esquece depois de tantas vezes que fiz pra você.

— Certo. — Ofereço um sorriso tenso, sem saber se ele está reclamando ou se, como eu, está saboreando a memória de trazer meu café na cama para compartilharmos todas as manhãs. — Claro.

Há algumas coisas que você nunca se esquece sobre alguém que você ama tanto quanto eu amei Kalen, mas o fato de ele ter se lembrado disso sobre mim depois de todo esse tempo faz algo quente e muito perigoso florescer em meu peito.

Ele me observa, esperando que eu faça alguma coisa.

Forço um sorriso que não estou sentindo vontade de dar.

— Obrigada. Eu adoraria um café.

Pode ajudar a me acordar e oferecer um substituto para o cheiro de Kalen. Me arrasto para o lado, afasto os lençóis baratos e o edredom e me levanto do colchão. O olhar de Kalen desce para minhas pernas nuas — sua camiseta mal alcança o alto das minhas coxas. Minha pele fica arrepiada sob sua inspeção, que é igual a forma

que ele sempre olhava para mim quando eu estava vestida assim. Por algum motivo, me ver em suas camisas sempre o deixava louco, e acabávamos fodendo contra uma parede ou caindo de volta na cama para outra rodada.

Mas isso foi há muito tempo atrás.

— Me deixa só vestir a calça de novo.

Ele fica parado por um momento, o olhar fixo em minhas pernas e subindo aos poucos, antes de finalmente limpar a garganta e dar um passo para trás.

— Sim. — Ele ergue a sacola pendurada na outra mão. — Viktoria trouxe as coisas que você perdeu.

— Obrigada. — Eu a aceito e junto com o café. — Acho que vou tomar um banho, então.

Ele me observa por um momento, cruzando os braços sobre o peito. O homem sempre conseguiu me ler como um livro aberto. É impossível ele não sentir minha angústia com toda esta situação, que só foi agravada por ter que pedir ajuda a *ele*.

— Você está bem?

Eu estou bem?

— Jesus, Kalen... — Balanço a cabeça com a pergunta absurda. — Alguém está tentando me matar. O que você acha?

Eu realmente gostaria de saber.

Se eu tivesse sido capaz de decifrá-lo tão bem quanto ele fazia comigo, talvez eu pudesse ter feito nosso casamento dar certo, descobrir uma maneira de me aproximar de Kalen quando ele estava me afastando. Eu poderia ter encontrado uma maneira de fazê-lo ficar.

Ele me observa por um minuto sem responder e dá meio passo em minha direção, um passo que me dá frio na barriga. Sua mão se levanta rapidamente, capturando minha bochecha na palma áspera e calejada antes que eu possa recuar. Ele aperta mais meu rosto, incitando meus olhos a encontrarem os dele à força. A convicção arde ali, misturada com uma intensidade sombria que nunca vi antes, a coisa que o torna Chaos.

— Vou garantir que você fique segura, Avery. Você sabe disso, certo?

O som de sua voz e seu toque enviam uma sensação de calma pelo meu corpo que não sentia desde o momento em que vi o que fizeram naquele armazém.

Seu polegar roça minha bochecha.

— Sabe, Avery? Você entende o que farei para te proteger? Do que eu sou capaz?

Concordo com a cabeça devagar, incapaz de formar palavras.

Um rosnado baixo ressoa em seu peito.

— Bom.

Sua mão se afasta abruptamente do meu rosto, e ele se vira de supetão, se afasta, sai do quarto e fecha a porta.

Solto um suspiro pesado, e a mão com que seguro o café treme tanto que o líquido quente espirra na pele, me trazendo de volta ao momento.

— Merda.

Aquele homem sempre soube como me enervar, e está ainda melhor nisso agora.

Tomo um gole do café.

Perfeito. Assim como eu sabia que estaria.

Kalen sempre fazia do jeitinho que eu gostava e me acordava da melhor maneira possível com mais frequência do que posso contar: com o rosto entre minhas coxas e uma xícara quente esperando na mesa de cabeceira para quando eu enfim conseguia respirar de novo.

Talvez um banho ajude a me livrar dessas memórias.

Se eu tiver sorte...

Vou até o banheiro do outro lado do quarto e o encontro tão vazio quanto o resto do apartamento, não há nada pessoal além de uma escova de dentes e alguns itens básicos.

Kalen passou muito tempo vivendo com tudo de que precisava dentro de uma única mochila. Mesmo quando estava em casa, nunca acumulava mais que isso. Nunca nada além do que conseguiria empacotar em trinta segundos e sumir como um fantasma.

Ele certamente agiu como um no final, até mesmo comigo.

Tomo mais alguns goles, deixando o líquido quente e a cafeína entrarem nas minhas veias antes de me despir. A bolsa que Viktoria trouxe contém tudo que pedi. Algumas pequenas coisas que podem me ajudar até eu poder voltar para o meu apartamento.

Se eu puder voltar...

Um calafrio percorre meu corpo com a ideia, mas dou de ombros e pego o shampoo, o condicionador e o sabonete. Com sorte, um banho vai me ajudar a me sentir um pouco melhor, mas nenhuma quantidade de água escaldante vai conseguir lavar a tensão entre Kalen e eu.

Nada jamais poderia.

Apenas meu estômago roncando acaba me tirando do chuveiro dez minutos depois para procurar comida. Visto a calça de ioga preta e a camiseta que Viktoria trouxe e pego a xícara de café, que já está frio, a caminho da sala de estar.

Viktoria está parada no balcão, esperando por mim, sobranceira levantada.

— Bom dia.

— O que está fazendo aqui?

Examino o pequeno espaço, mas se Kalen estivesse aqui, eu

saberia. Não só porque não há nenhum lugar para ele se esconder, mas porque sempre que ele está a três metros de mim, meu coração e meu corpo me dizem que ele está perto.

— Onde está Kalen?

— Ele saiu com os caras.

Meu estômago embrulha e, embora eu tente ao máximo esconder minha reação, Viktoria vê minha angústia com clareza.

Ela levanta a mão.

— Não se preocupe, querida. Sou tão boa com uma arma quanto eles. Eu cuido de você.

Essa não foi a razão para a súbita sensação de pavor.

Mas não vou admitir isso para ela.

— Aonde ele foi?

— Eles foram examinar algumas das primeiras informações que Preacher encontrou.

— Mas e se...

— Eles vão ficar bem. Esses meninos sabem se cuidar.

Tenho certeza de que sim, mas isso nunca me ajudou a me preocupar menos com a possibilidade de Kalen não voltar vivo de suas missões. Muita gente não voltava. E embora ele tenha voltado para mim, nunca mais foi o mesmo homem. Sempre que ele voltava, ficava cada vez pior. Até que um dia ele não era Kalen mais.

Só Deus sabe o que os anos que passamos separados continuaram a fazer com a mente dele.

Meu estômago ronca alto, atraindo o olhar penetrante de Viktoria.

— Meu Deus, quando foi a última vez que você comeu, querida?

Foi ontem mesmo depois que tudo isso começou, que eu encontrei aquele pen drive e coloquei minha vida nessa maldita confusão?

— Uhm, em algum momento de ontem. Almoço, eu acho?

— Aqui. — Ela desliza uma sacola pelo balcão. — Trouxe alguns sanduíches porque presumi que o Chaos não guardasse nada comestível aqui.

Chaos não guardaria mesmo.

Mas o Kalen sim.

Ele sempre foi tão atencioso, tão carinhoso, se certificava constantemente de que eu tinha tudo que precisava ou queria, mesmo que para isso tivesse que sair correndo no meio da noite para comprar sorvete ou qualquer outra coisa. Aquele homem me mimava, e aí, assim que me via em uma de suas camisetas, ele simplesmente levantava a bainha e me comia onde quer que estivéssemos, me lembrando do quanto ele me amava e precisava de mim.

Na cozinha...

Na bancada do banheiro...

Nas costas do sofá...

A lembrança me faz apertar a boceta, e eu contraio os músculos em volta de nada e inspiro fundo.

Aquele era o velho Kalen, o que ainda queria você. O que prometeu que nunca iria embora.

Mas, ele foi.

Este é quem você tem agora, Avery.

Isso é o que resta.

Chaos...

Mas Chaos é definitivamente o homem certo para o trabalho e deve ser muito mais seguro para o meu coração.



Chaos

— Então — Reaper diz de modo arrastado —, nós não vamos falar sobre isso?

Olho para ele no banco do motorista e fecho a cara.

— Falar sobre o quê?

Ele levanta uma sobrancelha para mim e olha na minha direção, antes de voltar seu foco para a estrada.

— O fato de sua ex-esposa, com quem você não falava há o quê, cinco anos, estar na sua casa?

— Quatro anos... e não tem o que falar.

Mouth ladra uma risada do banco de trás, e eu me viro para oferecer a ele o mesmo olhar que acabei de lançar a Reaper.

— Do que diabos você está rindo?

Ele levanta as mãos com inocência e sorri.

Eu me recosto no assento, com os braços cruzados sobre o peito.

— Não tem o que falar. Ela precisava de ajuda. Estou oferecendo. Fim. De. História.

Reaper bufa.

— Claro, assim como eu só estava protegendo Viktoria porque não queria que ela fosse pega no meio da minha missão contra Yankovich.

— Definitivamente não é a mesma coisa.

Ele balança a cabeça, rindo baixinho.

— Se você diz, cara. Você quer ficar sentado aí, fingindo que ter aquela mulher no seu apartamento não está te ferrando? Vá em frente. Apenas se certifique de que isso não vai afetar sua capacidade

de manter o foco quando fizermos o que for preciso.

Cerro os dentes para me impedir de me jogar sobre o console central e dar a Reaper a surra que ele merece por esse comentário.

— Estou bem pra caralho, Reaper.

Seus ombros sobem e descem.

— Que bom.

Olho para a estrada à nossa frente, agitada com o trânsito do meio-dia.

— Para onde estamos indo, afinal?

Tudo o que Reaper disse antes de me pegar hoje foi que nos encontraríamos para fazer um reconhecimento, mas ele nunca disse onde ou de quê.

Ele inclina a cabeça em direção a uma folha de papel no painel.

— Vamos para o primeiro lugar na lista que Avery nos deu das várias empresas de Ricardo Perez. Avery disse que ele parece passar muito tempo em um restaurante de sua propriedade chamado *South of Border*. Acho que fica a apenas alguns quilômetros da sede e do depósito onde ela trabalhava e viu o corpo de sua colega de trabalho.

— Vamos nele primeiro, ver se conseguimos descobrir por que tem passado tanto tempo lá. Podemos passar no armazém mais tarde. No momento, precisamos de mais informações.

Preacher ainda não conseguiu descobrir muito além do que Avery pôde informar a ele ontem à noite, mas temos alguns locais para verificar enquanto ele continua fazendo o lance dele por atrás daquela parede de computadores com que encontra informações que parecem impossíveis para qualquer outra pessoa.

Reaper me dá uma olhada breve.

— No que está pensando?

Eu dou de ombros.

— Parece que esse tal de Ricardo está usando seus negócios pra lavar dinheiro ou traficar drogas, talvez os dois. Pode estar ligado à um dos cartéis.

Ele concorda.

— É possível. É mais do que provável, na verdade. Isso explicaria como e por que eles mataram tão facilmente a amiga da Avery quando ela começou a suspeitar. Não podem deixar ninguém bisbilhotar e interferir no que estão fazendo.

Engulo em seco.

— Ou testemunhar qualquer um de seus crimes.

As palavras têm gosto de ácido na minha língua porque sei o que isso significa para Avery.

Ela se meteu em uma situação bem fodida que provavelmente vai requerer muito derramamento de sangue para consertar.

— Aquele homem enviou um esquadrão de *assassinos* atrás dela, pelo amor de Deus. O que quer que esteja escondendo, é grande e ele quer que fique escondido.

A grande mão de Mouth pousa no meu ombro e aperta, me dizendo sem falar nada que ele está comigo e protegerá Avery de todas as formas. Estendo a mão e dou um tapinha em seus dedos, agradecendo sem palavras, porque minha garganta de repente parece muito apertada para voltar a falar.

O que eu disse ao Reaper era mentira.

Eu não estou bem.

Longe disso.

Avery foi meu mundo inteiro por tanto tempo, e então... acabou tão rápido que nem tive chance de olhar para trás antes que ela se fosse. Achei que nunca a veria de novo, achei que nunca mais sentiria seu toque, mas a palma da minha mão ainda está formigando de ter segurado sua bochecha esta manhã, sua familiar pele suave e macia contra meus dedos calejados e tortos.

Tire isso da sua cabeça.

Preciso ficar de cabeça *bem* limpa aqui, ou as coisas vão desandar bem rápido.

Reaper vira à esquerda na Fleet Street em direção ao *South of Border*. A placa do restaurante aparece dois quarteirões adiante, e ele entra no estacionamento de um prédio vazio do outro lado da rua e para o carro.

Todos nós encaramos o estabelecimento por um momento. Alguns carros pontilham o estacionamento e indicam que ele tem clientes. Do lado de fora, parece completamente legítimo. Perez deve ter projetado para que fosse assim.

Reaper fica abrindo e fechando o isqueiro, e o som repetitivo de alguma forma é reconfortante depois de ouvi-lo por tantos anos.

— Você acha que é uma boa ideia? Aparecer lá?

Dou de ombros.

— Eles não fazem ideia de quem somos. Não passamos de três caras procurando uma boa comida mexicana. Nunca vão saber mais que isso da gente.

Observamos o local por mais uma ou duas hora esperando que algo suspeito aconteça, mas quando tudo permanece quieto, Reaper acaba suspirando, enfia o isqueiro de volta no bolso, então coloca o carro em movimento e atravessa a rua para o estacionamento do *South of Border*.

A vaga em frente às portas principais está desocupada, e ele estaciona ali com uma piscadela para mim.

— Bem nas portas da frente para fazer uma fuga rápida.

— Se precisamos fazer uma fuga rápida, então fizemos algo de

errado.

Mouth solta outra risada, e todos descemos do carro para entrar no restaurante casualmente, ignorando as quatro câmeras que conto do lado de fora do prédio, de frente para o estacionamento.

Um sino toca acima da porta.

Cada um de nós examina ao nosso redor, observando cada detalhe do espaço e de todos nele enquanto caminhamos em direção ao balcão da frente.

O adolescente no caixa. Um homem mais velho cuidando da cozinha nos fundos. O casal à sua frente fazendo o pedido, o homem com o braço em volta dos ombros da mulher mais baixa. Um segundo casal em uma mesa no canto conversando em voz baixa, de mãos dadas ao lado dos pratos vazios.

Entramos na fila atrás do casal sendo atendido no balcão e, com o máximo de discrição, conto as câmeras internas. Três voltadas para os caixas, três voltadas para as mesas. Uma voltada para um corredor à direita, que deve levar à entrada da cozinha e aos banheiros.

Reaper examina o cardápio na parede atrás do adolescente, murmurando algo para Mouth, que acena com a cabeça. Dou uma olhada também e decido meu pedido enquanto observo o velho pela janela de serviço aberta para a cozinha.

Apenas dois funcionários...

Que estranho.

Este lugar não é exatamente movimentado, mas é de se pensar que precisariam de mais de duas pessoas trabalhando aqui, em especial perto da hora do jantar.

O casal à nossa frente dá um passo para o lado, e Reaper se encosta no balcão e acena para o garoto.

— E aí, cara, vou querer seis tacos: três *al pastor*, três *lengua*, e mais o que esses dois idiotas quiserem.

Um sorriso se espalha pelo rosto do adolescente, já à vontade conosco com base na descrição de Reaper.

Eu faço uma cara feia para o meu melhor amigo e inclino a cabeça em direção ao garoto.

— Eu vou querer o mesmo, e esse cara aqui — aponto para Mouth — vai querer três *al pastor* e três *carne asada*.

Mouth resmunga concordando, e o adolescente registra no computador e passa o total para Reaper. Ele paga, e o casal da mesa se levanta para jogar os pratos vazios no lixo e seguir em direção a uma picafe surrada no estacionamento, deixando-nos com os dois funcionários e o casal esperando pela comida perto do fim do balcão.

Reaper se apoia na parede ao meu lado, cruza um tornozelo sobre o outro e os braços sobre o peito.

— Então, o que está acontecendo entre vocês dois?

Faço uma careta para ele.

— A gente vai mesmo entrar neste assunto de novo?

Ele dá de ombros.

— Sobre o que mais temos para conversar?

— Ela é minha ex-esposa. E este *ex* é por uma razão.

— Sim — ele acena com a cabeça lentamente. — Você nunca nos disse que motivo era esse, sabe, apenas disse que ela te entregou os papéis quando você voltou pra casa depois daquela missão.

— Eu não te contei porque o que aconteceu entre nós é problema *nosso*.

— Foi problema de dinheiro ou de sexo?

Minhas mãos se fecham ao meu lado e é apenas o aperto firme de Mouth em meu ombro que me impede de derrubar Reaper. As sobrelanceiras escuras de Reaper se erguem e ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Uau. Ficou nervosinho, hein?

— Eu não te pergunto sobre sua vida sexual com Viktoria.

Ele balança a cabeça.

— Não, só assistiu a gente transar na porcaria do chuveiro.

Solto uma gargalhada forte que chama a atenção do casal que está esperando, que apenas se afasta.

— Para ser justo, você sabia que estávamos chegando e nos convidou pra ir na sua casa. Então...

— Então, você poderia ter esperado na maldita sala de estar.

Eu dou de ombros e ofereço a ele um meio sorriso.

— E teria sido divertido assim?

— Tá, tá.

Ele não está bravo de verdade; no entanto, ele teria todo o direito de estar — a menos que você goste desse tipo de parada. Assistir o seu amigo transar com a mulher dele não é o tipo de coisa que costumamos fazer, então foi uma ocasião especial.

O velho da cozinha entrega uma sacola para o adolescente pela janela, que a leva até o balcão da frente para o casal ao nosso lado. Eles a agarram e saem, fazendo o sino sobre a porta tilintar.

Com a saída, o velho volta a cozinhar e o adolescente do caixa mexe no celular.

Reaper olha para mim.

— Sabe, não seria tão ruim se você voltasse a namorar sua esposa.

Fecho a cara.

— Deixe essa porra pra lá, Reaper.

— Nós sabemos o que é bom pra você.

Nós?

Olho para Mouth e levanto uma sobrancelha.

— Ah, você está nisso também?

Ele oferece um meio sorriso e dá de ombros. Eu daria qualquer coisa para ouvir uma de suas piadas e comentários completamente inapropriados agora. Uma boa risada faria bem a todos nós. Em vez disso, ele apenas encosta o ombro na parede e espera a comida.

O velho desliza três bandejas pela janela de pedidos, e o adolescente pega cada uma e as passa para a beirada do balcão.

Reaper pega a dele e sorri para o garoto.

— Valeu, cara. — Ele examina o restaurante. — Ei, nós nunca viemos aqui antes. Seus pais são os donos ou algo assim?

Ele balança a cabeça.

— Não, meu tio que é. — Ele aponta um dedo magro para o velho lá atrás. — Esse é o meu avô.

— Ah. — Reaper acena com a cabeça. — Saquei. Bem, tudo parece ótimo.

Pegamos nossas bandejas e vamos para uma das mesas vazias no centro do restaurante, de onde um de nós pode vigiar o estacionamento enquanto os outros dois vigiam os empregados de Ricardo.

Que está mantendo tudo em família, aparentemente.

O aroma das carnes grelhadas e vários temperos sobe até meu nariz, e meu estômago ronca. Eu não tinha percebido o quão faminto estava até este momento. Tudo o que tenho pensado é em Avery e na melhor forma de protegê-la. Eu poderia ter passado dias sem comer me preocupando com isso, se mantê-la segura não exigisse que eu viesse aqui e de fato comesse.

Ataco a comida que, por surpresa, é bem decente. Desce com facilidade enquanto observamos várias pessoas entrarem e saírem do restaurante ocasionalmente, a maioria pedindo comida para viagem.

No meio dos tacos, limpo a boca e pigarreio.

— Vou tirar água do Joelho.

Mouth e Reaper concordam com a cabeça, e eu casualmente ando até o corredor que acompanha a lateral do restaurante. O garoto no caixa nem tira os olhos do telefone quando passo por ele e sigo em frente, passando pelo banheiro feminino, depois pelo masculino, até a porta fechada à minha direita.

Giro a maçaneta, encontro-a destrancada e abro.

Produtos de limpeza.

Mais meio metro adiante no corredor, a entrada da cozinha me dá uma visão do velho curvado sobre o tampo plano, cantarolando baixinho para si mesmo. O resto da área de preparo parece não ter nada de interessante. Poderia fazer uso de uma boa limpeza, mas fora isso, nada suspeito.

Até que meus olhos pousam em uma porta fechada na parede dos fundos.

Por que diabos um escritório em um lugar como este precisaria de fechaduras biométricas e fechadura antifurto?

Não faz sentido, em especial porque o *South of Border* não parece muito movimentado. A maioria dos restaurantes mantém um pequeno cofre no escritório. Nada tão extravagante a ponto de necessitar de uma configuração como esta.

Enfio a cabeça na cozinha e olho ao redor em busca de câmeras.

Não há nenhum aqui atrás, nem na cozinha, nem perto da entrada dos fundos do restaurante, nem perto *daquela* porta. Eles não querem nada que acontece *aqui dentro* filmado. Eles só querem poder ver o que acontece do lado de fora do prédio e no próprio restaurante. Ver quem está chegando.

Quem diabos são essas pessoas, e que merda vão fazer com Avery se a encontrarem?

CAPÍTULO 7

Avery

— Você acha que eles estão bem? — Meu joelho balança depressa, o movimento constante de alguma forma me ajudando a não enlouquecer por completo enquanto os minutos e horas passam. — Faz tanto tempo que eles saíram.

Viktoria olha para mim de onde está empoleirada no pequeno balcão da cozinha, com as pernas balançando no ar, e ri.

— Você sabe o que eles fazem, certo? — Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue. — Sabe do que eles são capazes?

Engulo a bile subindo na minha garganta e dou a ela um pequeno aceno de cabeça.

— Sei. Quero dizer — balanço a cabeça —, tenho quase certeza que sim. Nenhum deles jamais teria entrado na Delta se não fossem os melhores, certo?

Ela dá de ombros e desliza para fora do balcão com um suspiro.

— Eles sabem o que estão fazendo, Avery. Se alguém vai conseguir resolver a situação, são esses três.

Respiro fundo e tento acalmar meu coração, que só parece acelerar cada vez mais à medida que eles não voltam. A incerteza vai acabar me causando um infarto ou abrir um buraco no meu estômago, talvez ambos.

— Espero que você esteja certa.

Viktoria tamborila o balcão com os dedos, o som se misturando com o barulho vindo da televisão que nenhuma de nós está assistindo de verdade. Ela olha para mim com o canto do olho, sua avaliação queimando um buraco na minha bochecha, como se, se procurar bem, talvez encontre o que está procurando.

— O que aconteceu entre vocês dois?

— O quê?

— O que aconteceu entre você e Chaos? Por que se divorciaram? — Ela balança a cabeça com um olhar melancólico. — A

maneira como vocês dois se olham...

Ela para de falar, e eu estremeço com a observação feita com tanta facilidade depois de nos ver juntos por um curto período de tempo.

— Eu gostaria de poder explicar.

Eu gostaria de entender.

Quando éramos jovens, eu achava que entendia. Achava que o entendia. Achava que éramos um time inquebrável, mas no final ele escolheu outro time, outro relacionamento ao invés do nosso.

Vik se recosta no balcão e cruza os braços sobre o peito.

— Tente.

Suspirando, deitado na poltrona, olhando para o teto esbranquiçado com manchas secas de água.

— Não sei. Nós éramos namorados no ensino médio, namoramos nos dois últimos anos. Casamos logo depois. Éramos jovens, mas as coisas iam muito bem. Eu sabia que ele tinha planejado se alistar após terminar o ensino médio. Sempre foi o plano. Ele amava. E eu fui feliz por ser esposa de militar por um tempo.

— Por um tempo?

Eu olho para ela.

— As coisas mudaram quando ele foi para a Delta. — Apenas dizer essas palavras faz um torno se apertar em volta do meu peito. — Era tudo o que ele sempre quis, pelo que ele trabalhou. Ele adorava ser um Ranger, mas queria Delta. Então eu estava feliz por ele, por nós, mas, o que quer que eles estivessem fazendo, era apenas... — Balanço a cabeça, pensando naquelas primeiras tarefas. — Ele voltou diferente do que era, ainda era o Kalen, mas trouxe Chaos junto.

Admitir isso em voz alta para alguém pela primeira vez é como tirar um peso gigante dos meus ombros e levar um golpe esmagador no estômago ao mesmo tempo.

— Eu sempre soube que ele tinha um talento especial que não podia ser desperdiçado. Sabia que ele estava fazendo isso para proteger nosso país, nos proteger e ajudar pessoas inocentes em situações bem ruins. Eu nunca tive nenhum problema com isso. Até que ele começou a me deixar de lado.

O olhar de Vik se suaviza.

— O que você quer dizer?

Dou de ombros.

— Ele tinha coisas que nunca poderia me contar. Eu entendia. Mas paramos de falar sobre qualquer coisa que não fosse a conversa fiada que você tem qualquer conhecido e, depois que a equipe perdeu o Mayhem e ele e Mouth se machucaram, tudo mudou ainda mais.

Viktoria assentiu devagar.

— Eu ouvi algumas partes disso, mas, claro, eles não podem

contar em detalhes.

— Recebi a ligação de que ele estava ferido. — Lágrimas enfim escorrem pelo meu rosto. — Entrei em pânico. Achei que ia perdê-lo. Disseram que ele tinha perdido muito sangue, que tiveram que fazer várias transfusões, que não tinham certeza se ele sobreviveria. Quando trouxeram ele para os Estados Unidos e eu pude realmente vê-lo, ele estava um pouco melhor. Mas nem me olhava nos olhos. Mal me reconheceu quando entrei no quarto do hospital. Ele não me queria lá, as enfermeiras me pediram para sair.

A dor desses momentos me atinge com força, arrancando o ar dos meus pulmões. Tento inspirar o ar de forma profunda e trêmula, mas, só consigo uma respiração superficial e breve.

— Foi como se um interruptor tivesse virado, e ele passou de caloroso e atencioso para gélido comigo. Quando veio pra casa, nem dormia na mesma cama que eu. Ele dormiu nesta poltrona até voltar da missão seguinte e eu entregar os papéis do divórcio.

— Uau. — Vik acena com a cabeça devagar, tentando absorver tudo. — Isso é muito pesado. Por que vocês não tentaram resolver isso? Terapia de casais ou algo assim? Como eu disse, vi a maneira como vocês dois se olham.

Meneio a cabeça.

— Não teria importado. Ele nunca teria ido pra terapia. Ele nunca teria falado sobre isso com um estranho se não falava nem comigo. Tudo o que ele queria era estar com os caras, com a equipe dele. As pessoas que entendiam o que ele estava passando. — Um soluço escapa da minha boca e eu a cubro com a mão. — Ele... ele não me amava mais.

A risada alta que ela solta do nada me assusta.

— Eu acho que você está errada, Avery.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto sem controle agora, e eu balanço a cabeça.

— Não, não estou. O que você vê é a mesma atração que sempre estive lá. Provavelmente sempre estará. Sexo nunca foi o nosso problema.

Quando ele voltou, transamos muito. E eu quero dizer *muito*. Mas era como se ele estivesse tentando escapar de qualquer memória que o assombrasse tanto, e depois me deixava dormir sozinha enquanto ia para a sala dormir nesta maldita poltrona.

Eu me afasto do móvel ofensivo bufando, embora não seja culpa da poltrona reclinável. Em silêncio, Viktoria me observa andando pela sala, me deixando pensar em meio ao redemoinho de memórias e emoções que ameaçam me sufocar agora.

— Eu só estou... — Balanço a cabeça, incapaz de entender mais agora do que entendia naquela época. — Não sei. Não sei te

dizer o que aconteceu. Não sei mesmo.

Nossa vida juntos era linda. Era perfeita. Era o que sempre sonhamos que seria. E então, simplesmente... não era mais.

Eu nunca tentei explicar isso para ninguém antes, apenas refleti sem parar sobre isso em minha própria cabeça, repassando cada segundo, cada minuto, cada hora de cada dia de cada ano que passamos juntos para tentar descobrir *onde* e *como* deu errado.

Em quatro anos, não consegui.

Paro de andar e encaro Viktoria, dando de ombros como se fosse um ponto final em minha explicação.

— Ele só... explodiu tudo, mas é nisso que ele sempre foi bom, então acho que deveria ter previsto. Eu deveria ter esperado que o Chaos eventualmente nos afetasse, e ele fez mais do que isso. Destruíu tudo.



Chaos

O idiota perseguindo a Avery não tem ideia de que estamos atrás dele e de sua operação. Ele não tem a menor ideia de quem está enfrentando. De todas as mulheres do mundo para perseguir, ele escolheu a pessoa errada, e agora, como consequência, enfrentará o Chaos.

Paramos no estacionamento do outro lado da rua em uma linha diagonal do restaurante, esperando esvaziar para a noite. O velho sai primeiro, depois o adolescente, carregando um saco de lixo para jogar na lixeira antes de entrar em seu carro precário e ir para casa.

O tempo passa devagar enquanto procuramos por algo, qualquer coisa, mas o prédio permanece escuro e vazio.

Eu olho para o relógio novamente.

— Quase duas. O que quer que aconteça naquela sala dos fundos tem que ser depois do expediente, porque se for enquanto o restaurante está aberto, eles fazem um ótimo trabalho em manter em segredo.

— O que você acha? — Reaper inclina a cabeça em direção ao local. — Faz uma hora desde que o adolescente saiu e não houve nenhum movimento.

O que quer que Perez faça naquele lugar, não vai acontecer esta noite, o que torna este o momento perfeito para entrar.

— Vamos.

Reaper e eu saímos do carro com nossas armas e minha bolsa,

que os caras arrumaram antes de me pegarem mais cedo, e ele sinaliza para Mouth, que já espera no telhado do prédio ao lado do nosso carro. Daquele ponto de vista, ele pode observar cada movimento, nos alertar se alguém estiver chegando e eliminar qualquer ameaça em potencial antes que ela chegue até nós.

Sabendo que ele matou uma mulher inocente e tentou matar Avery, não vamos correr nenhum risco com esse cara. Não é uma questão de descobrir se ele é perigoso, só o nível de quanto. E algo me diz que o desse cara é muito alto.

Mouth sinaliza do telhado, e atravessamos a rua em direção ao *South of Border*, ficando fora da vista das câmeras externas tão meticulosamente posicionadas. Quando chegamos ao poste que dá acesso à caixa elétrica do restaurante, abrimos e nos preparamos para cortar a eletricidade.

Teremos cinco minutos, sete no máximo, antes que a empresa de segurança os alerte ou alguém apareça aqui para verificar o que está acontecendo.

Não precisaremos de tanto tempo.

Nem de longe.

Reaper corta o fio enquanto eu ajusto o cronômetro do meu relógio, e corremos pelo estacionamento traseiro até a porta dos fundos, que se abre facilmente por não ter a ajuda das fechaduras eletrônicas que há na porta interna. Entramos utilizando óculos de visão noturna para não precisar acender nenhuma luz para ver.

O silêncio misterioso do lugar nos envolve, e nós avançamos depressa, conferindo se o restaurante e a cozinha estão desocupados antes de nos aproximarmos da porta fortemente trancada nos fundos.

Sinalizo para Reaper que estou entrando e me ajoelho para preparar o explosivo na caixa de eletricidade, que infelizmente tem uma bateria reserva que a mantém travada mesmo depois de cortarmos a energia.

Este explosivo deve resolver o problema. É apenas o suficiente para abrir a porta. Não vai fazer barulho o suficiente para alertar as empresas vizinhas de que algo está errado.

Não perdemos tempo para correr até atrás do balcão de preparo e detonar o dispositivo. A explosão ressoa de leve no chão e a fumaça começa a encher a cozinha, mas funcionou. A porta destruída se abre com facilidade, e entramos logo no cômodo.

Não há janelas, não tem outra maneira de entrar ou sair.

E nenhum sinal de alguém ali dentro.

Pego um bastão de luz química e quebro, iluminando o espaço com um tom esverdeado. Levantamos os óculos de visão noturna e examinamos a sala.

Caixas de armazenamento estão empilhadas em de dez em dez

em cada parede, e há uma fileira de mesas de metal no centro, repleta de contadores de cédulas, elásticos e embalagens de notas de papel.

Um quadro branco na parede lateral lista números impressionantes que devem ser fundos recebidos e, quando abro a tampa de uma das caixas, há tanto dinheiro ali dentro que não sobra espaço para mais nenhuma nota.

Se todas essas caixas estiverem cheias, há uma porrada de dinheiro nesta salinha.

O que significa uma porrada de problemas.

Reaper gesticula para tudo isso.

— Você acha que eles estão lavando pro cartel?

— Faria sentido. A maioria desses restaurantes são pagos mais em dinheiro. O mesmo acontece com muitas das entregas que eles fazem.

— E acha que eles estão traficando daqui também?

Eu balanço a cabeça.

— Se estiverem, não empacotam aqui. Não tem balanças, nem saquinhos. Nenhum resíduo nas mesas. E também não consigo imaginar vovô e sobrinho fazendo isso.

Reaper concorda com a cabeça.

— Então o que você quer fazer?

Eu olho furioso para ele.

— Que porra você *acha* que eu quero fazer?

Um sorrisinho aparece nos lábios de Reaper.

— Botar fogo nessa porra até virar cinzas.

— É isso aí, cacete.

Não há outra opção. Se ficarmos de braços cruzados e deixarmos Perez continuar com o que está fazendo, ele continuará atrás de Avery e outras pessoas inocentes serão feridas.

Enfio a mão na bolsa e tiro as cargas que preparei antes de virmos, coloco uma em cada parede antes de sair para o restaurante e prender mais três nos locais exatos que sei que causarão mais danos.

Meu rádio soa, três cliques seguidos de um único.

É o sinal do Mouth de que alguém está vindo.

— Temos companhia.

Reaper toca meu braço.

— Tem certeza de que não quer só deixar a polícia entrar e encontrar todas essas evidências?

Dou um rosnado baixo.

— Para aquele aquele filho da puta alegar que não sabia nada a respeito, dizer que a culpa é dos seus homens ou dos queridos vovozinho e sobrinho que trabalham aqui? Pra que ele saia impune? Cacete, de jeito nenhum, cara.

Reaper dá de ombros.

— Imaginei, mas achei melhor perguntar.

— É isso que fazemos, não é? Aplicamos a justiça pelos nossos próprios métodos?

— O que seria a justiça nesta situação?

Chegamos à porta dos fundos, paro por um segundo e troco olhares com Reaper.

— Quando eu colocar as minhas mãos em volta da garganta desse filho da puta e apertar até ver ele dar seu último suspiro. Depois que eu já ter tirado tudo que ele ama e valoriza, tudo pelo qual ele trabalhou tanto. Então, ficarei satisfeito porque saberei que Avery está segura.

Até lá, continuarei explodindo tudo o que estiver no meu caminho.

Saio para a noite com Reaper no meu encalço, e nós corremos em direção ao carro. Mouth pula da escada de incêndio do prédio ao lado e corre para se juntar a nós, com o rifle na mão. Entramos depressa no carro e nos afastamos, e eu me viro para observar o prédio enquanto detono as cargas.

A explosão sacode o carro e ressoa no chão como um terremoto. Bolas de fogo irrompem no céu noturno, colunas de chamas laranja e vermelhas que me dão a sensação estar olhando para a cara do sucesso.

Reaper olha para trás pelo espelho retrovisor.

— Quanto dinheiro você acha que tinha lá?

Eu dou de ombros.

— Não sei. Três milhões? Talvez quatro?

Independentemente do valor, vai prejudicar os negócios de Perez e pode dar a ele outra coisa em que se concentrar além de Avery por tempo suficiente para eu matar o filho da puta.

CAPÍTULO 8

Chaos

O trajeto silencioso de volta dos escombros em que *South of Border* se transformou me dá muito tempo para pensar sobre o que vou enfrentar quando chegar em casa.

Eu costumava gostar de voltar de uma missão tendo Avery esperando por mim, costumava fantasiar sobre o que faria com ela quando enfim a tivesse em meus braços novamente. Eu limpava todas as turbulências da minha alma ao entrar em seu corpo acolhedor e aceitar seu toque amoroso.

Mas, não é isso que estará esperando por mim esta noite.

Avery é uma mulher traumatizada com um alvo nas costas e que precisava da minha ajuda.

Nada mais.

Ela não é minha esposa.

Ela não é nada minha.

Entramos na garagem da oficina, e Reaper estende a mão e agarra meu braço, me impedindo de descer do carro.

— Esta noite foi um bom começo. Tá no papo.

Inclino minha cabeça em concordância com ele e com Mouth, então sigo em direção ao lado do prédio e às escadas que levam ao meu apartamento, um pouco mais devagar do que normalmente faria, uma parte de mim temendo o que pode acontecer quando eu entrar de novo lá.

A porta do meu apartamento se abre antes mesmo de eu chegar na metade dos degraus, e se já não tivéssemos ligado antes e dito a Vik que estávamos voltando, eu teria puxado minha arma, preocupado com quem poderia estar saindo. No momento, fico feliz que alguém tenha conseguido ficar com Avery e protegê-la enquanto eu estava ocupado. Vik e eu podemos até bater de frente às vezes, mas, sem ela aqui, teríamos que chamar Flash ou Cutter ou um dos outros caras que estão no país para ajudar, e não temos tempo para esperar ninguém mais chegar aqui para agir. Não com a vida de Avery

em jogo.

Viktoria sai e fecha a porta atrás de si com gentileza, estremecendo um pouco com o barulho que faz. Eu paro no pequeno patamar logo do lado de fora do apartamento, e ela se inclina contra a porta, bloqueando meu caminho, e me dá um olhar que poderia matar.

Nada novo vindo de Vik, mas a preocupação com Avery supera minha irritação pela atitude da mulher de Reaper em relação a mim.

— O que foi? Ela está bem?

— Sério? — Vik revira os olhos e gesticula para a porta. — Ela está morrendo de medo, porra. Está confusa por estar tão perto de você de novo. E ela mal comeu...

— Vou fazer ela comer.

Ela bufa e balança a cabeça com um suspiro sem humor.

— Boa sorte com isso, Chaos. Não sei porque os homens sempre acham que podem convencer as mulheres a fazer tudo o que eles mandam.

— Porque geralmente sabemos o que é melhor.

— Uau. — Seu queixo cai. — É *por isso* que você destruiu aquela garota? Por que você achou que era o melhor?

Suas palavras me fazem recuar um passo, mas faço o possível para esconder minha reação da mulher que adora me cutucar sobre tudo como se ela fosse um dos caras.

Eu destruí ela?

— Foi isso que Avery disse que eu fiz?

Eu destruí a mulher que era meu tudo?

Viktoria olha por cima da grade para o carro, onde Reaper está sentado esperando por ela.

— Não com essas palavras, mas é óbvio, Chaos. Ela está uma bagunça, e não apenas por causa do que viu ou porque está em perigo. Essa garota está tão preocupada com o próprio coração tanto quanto com a vida. — Ela solta um suspiro pesado e volta seu foco para mim, seu olhar que costuma ser duro se suavizando por um momento. — Eu finalmente a forcei a se deitar e dormir um pouco.

— Vou ficar quieto quando entrar.

Dou um passo para contorná-la até a porta, e ela coloca a mão no meu peito com firmeza.

— Não brinque com o coração dessa mulher. Acho que ela não aguenta.

Eu também não.

Ela me solta, desce correndo os degraus e sobe no carro com Reaper. Eles se afastam e eu espero até que suas luzes traseiras desapareçam na rua arborizada antes de abrir a porta em silêncio e prender a trava e a corrente atrás de mim. Recostando-me contra a

porta fechada, inspiro fundo e devagar.

Grande erro.

Tem o cheiro dela.

Embora ela esteja aqui há apenas um dia, seu perfume leve e floral permeia tudo. Provavelmente terei que me mudar assim que isso acabar e me livrar de qualquer coisa que ela tocou, como a poltrona para a qual me arrasto com planos de passar a noite.

Tiro as botas e começo a me abaixar, mas algo me puxa de volta de pé e para o quarto. A porta está entreaberta, eu a empurro e entro.

Um rastro brilhante de luar passa através das persianas parcialmente levantadas e cai sobre o colchão, onde Avery está deitada, de costas para mim. Sua forma frágil faz meu coração apertar no peito. É a mesma que me deixava ansioso para voltar para casa depois de cada missão. Que eu abraçava todas as noites. Aquela que se encaixa perfeitamente com o meu corpo. Como se ela me completasse e me fizesse uma pessoa inteira.

Meus pés me levam até a parede oposta, onde fica meu baú, e eu me abaixo ao lado dele e sento com as costas apoiadas na pintura branca lascada, suspirando baixo.

Esta noite pode parecer uma vitória e, de certa forma, foi. Aprendemos algo útil e o prejudicamos destruindo todo aquele dinheiro e um de seus estabelecimentos. Mas isso não resolve o problema maior, não elimina a ameaça para Avery.

A única maneira de isso acontecer é se Ricardo Perez morrer.

Esta foi apenas a ponta do *iceberg*. Temos muito trabalho pela frente. Muita morte e destruição terão que acontecer antes que Avery esteja segura.

Esfrego o rosto com as mãos, coçando meus olhos cansados.

Quando foi a última vez que eu dormi?

Dois dias atrás?

Três?

Isso não importa de verdade.

Passei muito mais tempo dormindo muito menos que isso, mas nunca quando algo tão importante estava em jogo. Não com meu coração em risco. E eu estaria me enganando se dissesse que essa mulher não tem poder sobre mim mais.

Sentado aqui, observando-a dormir, tão tranquila mesmo com tudo acontecendo, minha camiseta enrolada em volta dela, seu lindo rosto calmo e sereno, faz meu pau inchar contra o zíper da calça jeans. Nenhuma outra mulher fez isso comigo desde Avery, e nenhuma jamais conseguiria. Eu pertencço à sua mente, corpo e alma e sempre pertencerei, mesmo quando não pudermos ficar juntos. Mesmo quando é impossível.

Avery estar aqui assim vai ser uma tortura, mas é o melhor lugar para ela. Talvez o único lugar seguro onde ela possa ficar agora.

Ela já foi meu porto seguro. Eu voltava para casa, para ela e sentia seus braços em volta de mim, seu corpo me acolhendo, e conseguia esquecer tudo que havia acontecido durante minhas missões. Todas as ações horríveis que testemunhara, as pessoas más que vira e as coisas que tive que fazer desapareciam. Ela estava *segura*. Até que de repente, não estava mais. Até que ela se tornou parte do pesadelo maior.



Avery

Passo pela porta destrancada perto das docas de carga e entro no armazém, procurando por Ricardo. Vozes apressadas e frustradas encham o ar, me deixando tensa e me fazendo parar. Nunca estive aqui tão tarde, mas ninguém deveria estar.

Algo está errado.

Quando avanço devagar ao redor do grande caminhão no andar principal, Ricardo e vários homens finalmente aparecem fazendo algo perto de um dos freezers na parte de trás.

Estão carregando um caminhão a esta hora?

Meu estômago embrulha no mesmo instante, sabendo que algo não está certo. Eles não deveriam estar aqui. Este caminhão não deveria estar aqui. A informação que deixei no drive sobre a minha mesa não deveria existir.

Isto está errado. Tudo errado.

O suor escorre pela minha testa e minhas mãos começam a tremer ao lado do corpo enquanto me embrenho mais no armazém, bem devagar.

De alguma forma, eu sei o que está por vir... mas mesmo assim pego meu telefone e gravo.

Eu sei o que está por vir... mas não consigo desviar o olhar.

Eles abrem o grande freezer e arrastam o corpo ensanguentado de Amelia para fora. Seus olhos abertos, mortos e vidrados, que antes continham tanta vida e alegria, me encaram. Seus lábios estão afastados, me implorando por ajuda em um grito silencioso que só eu posso ouvir.

Meu próprio grito sai da garganta e rompe o ar ao meu redor, penetrante e frenético. O som me faz sentar de supetão no colchão, meu coração trovejando contra a caixa torácica e o sangue correndo em meus ouvidos.

Um soluço sai dos meus lábios, e as lágrimas escorrem pelo

meu rosto como um maremoto que não consigo parar.

— Avery... — a voz firme de Kalen flutua até mim.

Provavelmente foi apenas outro sonho...

Como o que acabei de ter...

Um sonho que também é uma lembrança...

Um sonho horrível...

E tudo que eu sempre quis...

— Avery, está tudo bem. Estou aqui — sua voz fica mais alta.

— Você está segura.

O colchão afunda e familiares braços fortes me envolvem e me puxam contra um peito sólido que conheço tão bem. Choro de soluçar, agarrando o tecido que cheira tanto a ele, sentindo a batida constante de seu coração sob a palma da minha mão.

— Foi apenas um sonho. — Sua mão grande acaricia minhas costas devagar, e o toque é tão reconfortante que quase me faz esquecer por um minuto por que estou aqui, e ele enterra o rosto no meu cabelo, me abraçando bem apertado. — Você está segura, linda. Ninguém vai te pegar aqui. Eu prometo.

Aqui.

Na casa de Kalen.

O apartamento acima da garagem.

Inspiro fundo de forma profunda e trêmula.

Não estou no armazém.

Eu não estou vendo-a novamente.

Eu me agarro a ele como se ele fosse minha tábua de salvação, como se ele fosse a única coisa que me mantém aqui, no agora e no presente. E é. Se não fosse por ele, eu já estaria morta. Os homens de Perez teriam me alcançado na lanchonete e terminado o que tentaram começar quando me perseguiram de carro.

Há pouco tempo, pensei que a partida de Kalen tinha acabado com a minha vida — ou pelo menos com alguma forma dela na qual eu estava feliz e satisfeita — mas agora ele é o único que me mantém viva, que me mantém segura. No pior momento da minha vida, é ele quem está *aqui*.

Kalen me afasta um pouco e me encara sob o luar, enxugando minhas lágrimas com os polegares.

— Você está bem?

Tento respirar fundo de novo, mas o ar fica preso em outro soluço, não importa o quanto eu me esforce para não desmoronar.

— Não... — Balanço a cabeça, fungando. — Não sei. Eu a vi de novo, Kalen. Vi o que eles fizeram com ela...

Ele me puxa de volta contra si, me coloca em seu colo e me abraça novamente, me envolvendo em sua força.

— Eu sinto muito que você tenha visto aquilo. Ninguém

deveria ter que ver alguém assim, muito menos seus amigos.

Suas palavras cortam meu coração como uma faca, e percebo o verdadeiro significado delas logo abaixo da superfície. Kalen viu tantos de seus amigos se machucarem e morrerem. Ele deve ser uma das únicas pessoas na Terra que entende como me sinto.

E ele está aqui.

Ele voltou.

— Que horas são?

Dedos sobem e descem suavemente pela minha coluna.

— Tarde. Cedo, na verdade.

— O que você estava fazendo aqui?

Ele endurece debaixo de mim por um momento antes de suas mãos retomarem o movimento e ele inclinar a cabeça em direção à parede ao lado de seu baú.

— Sentado.

— E... me observando dormir?

— Pensando. Garantindo que você estava bem. — Ele se move para segurar meu rosto entre as palmas das mãos, me forçando a encontrar seu olhar. — Você está bem mesmo? Tudo bem dizer que não. Eu entenderia.

Não sei como responder ou o que dizer. Sentada aqui com ele, envolvida em seus braços, em sua força, tão perto dele, eu realmente me sinto bem por um segundo, pela primeira vez em dias.

Há uma centelha de esperança de que tudo isso vai passar, que vou acordar de um pesadelo e voltar aos dias em que ele era o meu Kalen e não o Chaos.

— Não, eu não estou bem. — A respiração seguinte é revigorante. — Mas me sinto muito melhor agora que você está aqui.

Ele parece considerar minhas palavras por um momento antes de responder, como se estivesse procurando por algum significado oculto nelas.

— Viktoria pode te proteger. Para eu fazer o que tenho que fazer, não vou poder ficar aqui o tempo todo. Eu não deixaria você com ela se não tivesse certeza de que ela eliminaria qualquer ameaça.

— Eu sei. Eu só... — Deixo minhas palavras morrerem, sem saber se deveria dizê-las, ou talvez sem estar disposta a isso.

— Você, o quê?

Pressiono minhas mãos contra seu peito forte e enrolo meus dedos no material macio da sua camiseta.

— É só que... ter você aqui me faz sentir segura. Sempre fez.

Sua mandíbula endurece quando ele olha para mim.

— Não, Avery. — Ele balança a cabeça. — Por favor, não.

— Não, o quê?

Ele se move um pouco para trás, então me puxa de seu colo e

me coloca de volta no colchão antes de ficar de pé, passando as mãos pelo cabelo.

— Não me coloque nessa posição.

— Qual posição?

Em vez de responder, ele se move em direção à porta aberta, seu corpo rígido.

— Kalen, por favor, não vá.

Ele faz uma pausa de costas para mim, os ombros subindo e descendo com sua respiração pesada.

— Fique comigo.

As palavras pairam no ar entre nós — carregadas com todas as coisas que nunca dissemos um ao outro.

Ele fica congelado por alguns minutos, minutos que parecem que nunca vão acabar, suas mãos abrindo e fechando em punhos ao lado do corpo. Por fim, ele se vira aos poucos para mim, a mandíbula ainda apertada, o corpo tenso.

— Avery...

Desta vez, meu nome sai como uma benção, uma oração, algo sagrado e indigno de ser falado por ele.

Tanta coisa aconteceu entre nós. Há tantas coisas que deveríamos discutir, conversas que ele não quis ter comigo antes que precisem acontecer. Mas, neste momento, tudo que eu quero é estar em seus braços novamente, que tudo seja como era antes, encontrar uma maneira de esquecer o que está acontecendo ao nosso redor.

Tudo o que eu quero é que ele me dê isso.

CAPÍTULO 9

Chaos

Avery olha para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo capaz de lhe dar o que ela precisa agora, e eu nunca fui capaz de lhe negar nada. Mesmo quando nosso relacionamento estava desmoronando, quando *eu* estava desmoronando, não conseguia ficar longe dela. Eu não conseguia parar de tocá-la e amá-la, de dar o que ela precisava, pelo menos fisicamente. E agora ela está pedindo para eu fazer isso de novo, para ser a pessoa que a ajudará a superar isso.

Não sei se tenho força de vontade para dizer não.

— Por favor, Kalen...

Ela olha para mim com grandes olhos verdes, seu lábio inferior tremendo, vestida em minha camisa com o cabelo despenteado, e parece tão quebrada e bonita que meu peito dói.

— Esta não é uma boa ideia, Avery. — Engulo em seco, tentando encontrar as palavras certas para explicar o que ela realmente está perguntando. — Na verdade, é uma ideia muito ruim.

Avery sai da cama devagar e se aproxima de mim, suas longas pernas nuas quase brancas, brilhando com o luar vindo da janela.

— Neste momento, eu não me importo.

Ela para na minha frente e espalma mão sobre o meu peito, os olhos brilhando com as lágrimas não derramadas pelo sonho que acabou de ter, e talvez porque tenha medo que eu diga não.

Meu estômago revira, uma confusão de desejo e autocontrole.

— Você tem certeza de que é isso que você quer, Avery? Certeza absoluta? Porque se eu não sair daqui agora, isso vai acontecer.

É o único aviso que posso dar a ela. Fiquei longe por anos porque sabia que estar em um quarto com ela seria o suficiente para eu perder o controle. O suficiente para explodir e ceder ao quanto eu preciso dela. O quanto sempre precisei dela, mesmo não podendo tê-la.

Ela se inclina para mais perto de mim, seus lábios a apenas um

centímetro dos meus.

— Sim, Kalen, tenho certeza. — Seus dedos se curvam em meu peito como se ela estivesse me agarrando para encontrar alguma aparência de controle sobre sua vida que parece estar em uma espiral. — Por favor...

Eu não posso tê-la. Não é bom para nenhum de nós. Não é seguro para ela.

Mas, talvez por uma noite...

Por uma noite, posso senti-la em meus braços mais uma vez. Sentir seu corpo embaixo do meu. Sentir seu beijo e toque, e lhe dar o que ela precisa.

E, depois, tudo pode voltar ao normal. Do jeito que *tem* que ser.

Posso fazer isso por Avery. Posso lhe dar isso e viver com as consequências de saber como é estar dentro dela mais uma vez para que ela possa encontrar um pouco de paz em meio à toda essa loucura.

Não importa o quanto isso vá me machucar amanhã. Avery precisa disso.

Passo os braços em torno dela e a arrasto para mim, colando meus lábios nos dela. Um pequeno gemido escapa de sua boca, e ela molda seu corpo ao meu, meu pau endurecendo entre nós e pressionando contra suas curvas deliciosas e familiares.

Ela se agarra a mim como se não pudesse chegar perto o suficiente. Como se precisasse disso e de mim mais do que qualquer outra coisa neste momento. Seus lábios se movem desesperados contra os meus, procurando algo, qualquer coisa que tire sua dor.

Embora eu devesse recuar, embora eu devesse sair deste quarto e trancá-la aqui dentro para seu próprio bem, embora vá doer mais tarde...

Apesar de tudo, alcanço a bainha da minha camiseta pendurada perto de seus quadris, puxo o tecido para cima e o seguro logo abaixo de seus seios.

— Você sabe o que te ver vestida assim faz comigo, não sabe, Avery?

Minha voz sai rouca, o peso do que estamos prestes a fazer tornando difícil falar. Ela roça os lábios sobre os meus.

— Eu sei.

A história entre nós não me impede de puxar a camisa por cima da cabeça dela, expondo seus seios nus, a barriga firme e o minúsculo pedaço de tecido que mal cobre sua boceta.

— Meu Deus, Avery, você fez Viktoria te comprar uma calcinha dessas?

Um rosnado baixo ressoa em meu peito enquanto puxo seu

corpo nu contra o meu e colo meus lábios nos dela novamente, devorando a mulher que conheço tão bem e em quem passei tanto tempo pensando, sonhando, me preocupando, que está envolvida em todas as boas lembranças que tenho da vida desde que a conheci, aos dezesseis anos.

Ela envolve meu pescoço com os braços e arranha a pele da minha nuca, logo abaixo do meu cabelo, enquanto eu a levo para trás até que suas panturrilhas batam no colchão. Eu paro de beijá-la só o tempo suficiente para tirar minha camisa sobre a cabeça, então a jogo no chão junto com a que Avery estava usando.

Suas palmas quentes encontram meu peito nu. O toque familiar faz um inferno correr pelas minhas veias. Esta é Avery, a mulher que me conhece melhor do que qualquer pessoa no mundo, mas que nunca saberá a verdade de por que fui embora, por que fiz o que fiz com ela.

Devagar, ela passa os dedos pelo meu peito e abdômen, fazendo uma pausa breve em cada uma das cicatrizes que conhece intimamente, passando os dedos com reverência sobre elas antes de, por fim, alcançar o cós da minha calça jeans. Capturando seus lábios de novo, enrosco minha língua na sua enquanto ela coloca meu pau duro para fora e o pega em sua mão delicada.

O prazer que surge através do meu corpo me faz gemer em sua boca, e quando ela desliza o polegar pela cabeça, espalhando o líquido pré-ejaculatório que já escorre, tenho que cerrar os dentes para não gozar na barriga e nos dedos dela.

Sempre sonhei com isso. Com o beijo e o toque da mulher que me assombra e me amaldiçoa. A mulher que eu nunca pensei que conseguiria viver sem, mas de alguma forma consegui continuar respirando longe dela nos últimos quatro anos.

Há uma outra coisa que tenho vivido sem, algo que me deixa com água na boca e meu pau louco de vontade.

Ajoelho na frente dela e arrasto sua perna direita sobre meu ombro para que eu possa mergulhar a cabeça e deslizá-la em sua doce boceta. Avery arqueja e arqueia para mim, seu corpo inteiro se curvando, a cabeça caindo para trás. Passo o braço em volta de seus quadris, segurando-a firme, e ela me agarra, suas unhas marcando meus antebraços enquanto eu continuo a devorá-la, aproveitando a única refeição que já me saciou na vida.

Isso é perigoso, muito mais perigoso do que os homens que estão atrás dela. Me deixar experimentar isso de novo. Me deixar tocar nela e saboreá-la e sentir seus quadris rebolando contra o meu rosto. Ouvir seus minúsculos suspiros de prazer toda vez que minha língua passa por seu clitóris.

Tudo isso é catastroficamente perigoso para nós dois.

Ainda assim, meus dedos coçam para senti-la, então deslizo

uma mão até a parte interna de sua coxa e escorrego dois dedos em seu calor enquanto minha língua lambe seu clitóris. Ela geme e contrai ao meu redor, enterrando as mãos no meu cabelo enquanto suas pernas começam a tremer. Aperto suas coxas com firmeza, segurando-a no lugar enquanto me delicio como um homem faminto. Porque é isso que estou: faminto por ela. Há quatro malditos anos... estou morrendo de fome.

— Ah, Deus, Kalen...

Sua boceta começa a pulsar em torno de meus dedos, e eu chupo seu clitóris no mesmo ritmo em que curvo o dedo naquele ponto dentro dela que sempre a deixou louca para caralho.

Ela goza jogando a cabeça para trás, a boca aberta. Seu corpo inteiro treme e se contorce no meu braço, a vagina quente me apertando, pedindo o que quer de verdade.

Prolongo seu orgasmo tanto quanto ousar até que ela esteja ofegante e empurrando minha cabeça para me afastar de seu clitóris muito sensível. Ela olha para mim com os olhos verdes brilhantes, que queimam em uma furiosa fogueira de desejo e perguntas que ambos sabemos que ela não vai fazer agora. Olho para ela, lambendo seu gozo de meus lábios, e retiro os dedos de dentro dela aos poucos.

Deveria terminar aqui. Assim. Não importa que meu pau doa e grite para entrar em seu calor úmido.

Eu lhe dei o que ela precisava, um alívio da tensão, da dor.

Devia ser suficiente.

Eu deveria ir embora.

Se eu fosse um homem mais forte, até iria, mas qualquer força que eu tinha desapareceu no momento em que ela assinou os papéis do divórcio, no momento em que *isto aqui* acabou. Em vez de sair, como nós dois sabemos que eu deveria, lentamente abaixo a perna dela do meu ombro e fico de pé, ainda segurando seus quadris.

Ela me observa de um jeito que me diz que sabe bem no que estou pensando. Por muito tempo, sabia mesmo. Ela sempre soube: do que eu precisava, o que eu queria, como tornar tudo melhor. Isso é tudo que eu quero fazer por ela agora. É a única coisa que posso oferecer.

Eu roço meus lábios nos dela de leve duas vezes, então encosto a testa na dela. Sua respiração pesada me aproxima ainda mais de seu corpo trêmulo.

Saia agora.

Antes que isso vá mais longe.

De alguma forma, eu encontro uma maneira de falar:

— Eu devia sair daqui.

Ela inclina a cabeça para trás e abaixa a mão para agarrar meu pau rígido. Seus dedos se apertam em torno dele, então ela lentamente

arrasta as mãos ao longo do comprimento, dizendo sem palavras que ela precisa que eu fique.

Porra.

Avery dá um passo para trás em direção ao colchão e afunda nele, me arrastando junto. Eu me apoio no cotovelo, meu corpo espalhado sobre o dela. A sensação quente e familiar de seu corpo debaixo do meu faz mais líquido pré-ejaculatório escorrer da cabeça do meu pau.

Ela usa os pés para empurrar minha calça jeans pelas minhas coxas, até os joelhos, o que me permite chutar a peça.

Então ela desce a mão entre nós dois, abre as pernas e me alinha com sua abertura úmida.

— Por favor, Kalen...

A maneira ofegante como ela implora e diz meu nome me faz deixar de lado todas as razões pelas quais eu não deveria estar fazendo isso e mergulhar nela. Sua boceta se contrai ao meu redor, me acolhendo no lugar em que sempre me senti em casa. Ela joga a cabeça para trás novamente e arqueja, agarrando-se a mim, suas unhas marcando meus ombros.

— Meu Deus, Kalen...

Suas palavras reacendem o fogo em mim, o mesmo que sempre ardeu por ela, não importa o quanto eu tenha tentado apagá-lo ao longo dos anos — para o bem de nós dois.

Ela envolve meus quadris com as pernas, pressionando os calcanhares contra a parte inferior das minhas costas para me incitar plegadas mais um centímetro mais fundo. Cerro a mandíbula tentando conter o potencial orgasmo que já me ameaça queimando minha lombar. Já faz muito tempo, cacete, e isso é importante demais para eu conseguir me controlar. Ela aperta meu pau, outro apelo desesperado para fazer eu me mover, e eu pego seu rosto entre minhas mãos e a forço a olhar para mim.

— Se você continuar fazendo assim, isso não vai durar muito tempo.

Avery engole em seco e vira a cabeça para puxar o lóbulo da minha orelha entre os dentes.

— Então teremos que fazer de novo.

Put a que pariu.

Ela está tentando me matar.

Esta mulher está tentando se vingar pelo que fiz a ela todos aqueles anos atrás, por como eu estraguei tudo e fui embora. É a única explicação para ela me olhar assim, me tocar assim, *precisar* de mim assim.

Mas eu nem me importo, porra.

Solto um gemido baixo, arrasto meus quadris para trás e

mergulho nela novamente, forçando seu corpo contra a merda do colchão barato. Avery geme e arranha minhas costas, rolando os quadris para encontrar cada uma das estocadas que tento manter lentas e constantes.

Se eu for mais forte, vou gozar na hora, e ela precisa de mais do que isso. Ela *merece* mais do que isso.

Ela sempre mereceu mais do que eu podia dar a ela.

Mais do que eu *já* poderia.



Avery

Kalen sempre me deu tudo o que eu quis, ou pelo menos tentou, e continua fazendo isso enquanto me penetra, esfregando seus quadris nos meus, e acrescentando um forte impulso para cima no final que ele sabe que toda vez me pega exatamente no lugar certo.

O fato de ele ter se lembrado depois de todos esses anos não deveria deixar meus olhos cheios de lágrimas, mas deixa. Eu sempre soube que nunca esqueceria, mas sempre imaginei que, quando Kalen se foi, ele fez tudo ao seu alcance para substituir suas memórias comigo por outras, que tentou esquecer tudo o que já fomos ou tivemos de qualquer maneira que pudesse.

Eu nunca conseguiria. Nunca poderia deixar outro homem me tocar. Nunca poderia sequer considerar a ideia. Talvez porque eu estivesse esperando por este momento, que ele voltasse para mim, que a gente desse um jeito de voltar para *isto*.

É assim que deve ser.

Nós...

Juntos...

Nossos corpos se movendo em sincronia.

Completando um ao outro.

Preenchendo todos os lugares que pareceram tão vazios por tanto tempo.

Kalen abaixa a cabeça e gruda os lábios nos meus. Um beijo familiar, um que ansiei por sentir de novo, assim como ansiei por tudo que esse homem faz comigo quando estamos no mesmo lugar.

O calor que se espalha pelo meu corpo a partir de um único olhar.

A maneira como suas mãos sabem bem onde me tocar, *como* me tocar, para fazer o mundo inteiro desaparecer.

A forma como seu pau me preenche perfeitamente, me fazendo sentir inteira pela primeira vez em quatro anos.

Eu sei o que ter pedido isso a ele significa, o que pode fazer

com ele e comigo, mas é tudo que eu quero, a única coisa que vai saciar minha fome e acalmar o a agitação que ferve dentro de mim.

Suas estocadas são lentas e lânguidas, apesar de parecer estar muito tenso, como uma maldita mola prestes a saltar. Sua tensão aumenta com a minha, e ele entra e sai de mim, garantindo o máximo de contato em todos os lugares que sabe de que preciso para me enviar ao limite mais uma vez, para outro orgasmo de fazer perder a cabeça.

Os anos que passamos separados não mudaram o quão bem ele me conhece. Kalen era meu melhor amigo, a única pessoa em quem eu podia confiar sem questionar, e ele *ainda* me conhece melhor do que ninguém.

Ele sabia que eu iria para a cabana, embora não tenha podido ir desde que nos separamos, por causa das lembranças dos bons momentos que passamos lá. Eles ofuscaram os momentos que passara lá com vovô, tornaram muito doloroso visitar aquele lugar que antes continha tanta paz. Mas foi o primeiro lugar em que pensei em ir porque, no fundo, sabia que ele me encontraria lá. *Sabia* que ele entenderia que eu precisava de um lugar seguro.

E ele me encontrou.

Seus braços fortes me abraçaram tanto ao longo dos anos, e estão fazendo isso agora, me protegendo e me fazendo esquecer de todas as razões pelas quais eu deveria ter medo.

Neste momento, todo o medo se foi. Tudo o que existe é este sentimento, seu toque e seu beijo.

Ele me *conhece* e sabe do que eu preciso agora.

Assim como eu o conheço e sei do que ele precisa...

Eu pego sua boca com a minha e puxo seu lábio inferior entre meus dentes, mordendo-o com força.

Seus quadris se movem descontrolados.

— Porra!

Seu corpo inteiro fica ainda mais tenso, e eu chupo seu lábio para aliviar a dor aguda antes de soltá-lo com um estalo.

— Puta merda, Avery.

Uma mão forte aperta meu quadril enquanto a outra segura meu rosto. Eu rolo meus quadris para cima para encontrar os dele, estimulando-o a aumentar o ritmo, a levar nós dois para o que estamos perseguindo: a liberdade. Do nosso passado. Do futuro incerto. De todos os perigos e incertezas.

Aquelas pequenas pontadas de dor, a agressão de leve, os arranhões e os gritos, sempre o levaram ao limite. Sempre o deixou louco. Sempre o fez se tornar o que eu sabia que ele queria ser quando estávamos juntos, fisicamente assim, em especial no final. Naquele período, eu não estava fazendo sexo com Kalen; Eu estava fazendo

sexo com Chaos. Mas, isto... isto é uma estranha mistura dos dois. Como se ele não conseguisse decidir qual deles deveria ser neste momento.

Talvez ele não saiba.

Deus sabe que eu não sei.

Os dois estão tão entrelaçados que não podem mais ser separados.

Isso é tudo que conseguirei de Kalen. Tudo o que resta está contaminado e distorcido pelo que Chaos fizera. Mas, bem no fundo, ele ainda é lindo, ainda é o homem forte, confiável e carinhoso que sempre amei. Eu sei que é. Só não tenho certeza se ele ainda sabe.

Eu me contraio ao redor dele, apertando a cada recuo de seus quadris para manter a cabeça de seu pênis se arrastando ao longo daquele ponto perfeito, e seu ritmo aumenta, cada impulso construindo outro orgasmo bem no fundo de mim, naquele lugar que só *ele* consegue alcançar.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto... de dor, de esperança, de arrependimento.

Há tanto que ele não sabe, tanto que nunca me deu a chance de explicar, tanto que poderíamos ter vivido se ele não tivesse me excluído sem me dar escolha. Mas a verdade iria destruí-lo, exatamente como tem feito comigo desde aquele dia, quatro anos atrás, quando passei a caneta naqueles papéis que acabaram com tudo de modo oficial. Então, por mais que eu queira confessar, queira contar tudo a ele, vou manter tudo engarrafado dentro de mim da mesma forma que ele faz com toda a sua dor.

A dor que o impulsiona agora, mesmo em um momento que parece tão incrível. Dá para ver na maneira como ele olha para mim, a escuridão antes não existia em seus olhos. Seja o que for que o afastou de mim naquela época, é o que o leva a fazer isso agora, a tentar consertar o que foi quebrado em mim por toda essa situação.

E está funcionando.

Prazer disparar pela minha pele aquecida e inunda minhas veias. Meu corpo se contrai tanto que não parece possível, parte de mim não quer chegar lá, porque *isso* significará o fim deste momento com Kalen. Não quero perder o que está acontecendo, não quero *perder Kalen* novamente. Resisto com todas as forças até que meus membros tremem violentamente e meu peito arfa com o esforço. Ele pressiona sua boca na minha e enrosca nossas línguas, mais frenético do que nos beijos anteriores.

Ele está perdendo o controle, sua capacidade de conter o Chaos. Houve um tempo, não muito tempo atrás, em que isso teria me assustado, que eu teria me perguntado onde sua cabeça estava se não aqui comigo, mas sei que ele está comigo agora. Seus olhos azuis

encontram os meus, contendo o mesmo calor e paixão que eu sempre senti dele, o mesmo amor e o mesmo tumulto permanecem, assim como nas últimas vezes que estivemos juntos antes de nossas vidas implodirem.

Sua mandíbula aperta com tanta força que deve doer, e ele enfia a mão entre nós para encontrar meu clitóris. Está perto de gozar e precisa que eu goze primeiro. Estou quase lá, e este homem me entende bem o suficiente para saber disso.

Ele gira o polegar sobre o meu ponto mais sensível e as luzes piscam na minha visão, o orgasmo está logo ali adiante. Os lábios de Kalen colidem com os meus, capturando meus suspiros e gemidos, e eu o beijo como se fosse a última vez, como eu teria feito naquela época, se soubesse.

O calor que cresce em meu abdômen se torna quase insuportável com meu esforço para prolongar isso, mas ele ajusta a posição e impulsiona ainda mais forte, sentindo a diferença em meu corpo, sabendo do que preciso. Ele belisca meu clitóris e rebola os quadris, esfregando a pélvis em sua mão, acrescentando mais fricção enquanto a cabeça de seu pênis se arrasta contra meu ponto G, até que eu finalmente explodo.

Minha boceta aperta em torno dele com força, e ele enterra o rosto no meu pescoço e emite um gemido profundo, gozando dentro de mim. Meus quadris balançam descontrolados, buscando mais, mesmo quando o prazer ameaça me afogar.

Ondas de êxtase caem sobre mim, roubando meu ar sem piedade, enquanto toda a dor flutua para longe em uma nuvem feita deste momento perfeito paralisado no tempo. Ele se arrasta pelo que parece uma eternidade, meu corpo se deliciando com o alívio de tudo que está me pesando, fragmentando as preocupações e agonias do passado e deixando-as ir.

O coração de Kalen martela contra o meu, seu ritmo é uma velha canção que meu coração conhece bem, enquanto seu corpo continua a se mover com o meu.

Por fim, quando meu orgasmo começa a diminuir, ele congela e depois despenca contra mim, rolando ligeiramente para o lado para não me esmagar, seu pau ainda duro e enterrado onde eu mais preciso que esteja.

Sua respiração quente e agitada sopra minha bochecha, e ele passa os lábios sobre minha pele quente com suavidade, um toque quase inexistente, leve como uma pluma e segurando tantas verdades não ditas. Este pode ser o ponto final, nossa última vez juntos, nossa última chance de abraçar um ao outro e experimentar como é estar com alguém que nos completa totalmente.

O amanhã é incerto.

Nada é garantido, especialmente com o pesadelo que enfrentamos.

Mas nós temos esta noite.

Temos o *agora*.

Deixo meus olhos se fecharem. Seu braço forte em volta do meu peito segura a sensação de incrível contentamento que me domina, e me impede de cair de volta ao lugar escuro em que estava quando acordei. Ele me estabiliza de uma forma que nada mais poderia.

Ter Kalen ao meu lado, cuidando de mim, é a única maneira de sobreviver a isso. Ele segura minha vida e meu coração em suas mãos capazes, que roçam de leve minha pele enquanto ficamos deitados aqui juntos.

A sensação de seu corpo pressionado contra o meu e a exaustão pós-orgástica finalmente começam a me levar com uma sensação de calma e retidão que eu não sabia que poderia encontrar de novo.

Pena que vai ter acabado quando eu acordar.

CAPÍTULO 10

Chaos

Solto um suspiro frustrado, beliscando a ponte do nariz.

— Me diz que você conseguiu algo, Preacher...

Reaper, Mouth, Viktoria e eu olhamos para o meu telefone no balcão, esperando, com o coração na mão, Preacher começar a falar.

— *Ah, consegui bastante.* — Ele oferece uma risada leve. — *Só não sei se você vai querer ouvir isso.*

Que droga.

— Merda. — Esfrego o rosto com a mão. Isso não era bem o que eu esperava ouvir do homem quando ele finalmente ligou com informações sobre Perez. — Tão ruim assim?

O som de seus dedos voando sobre o teclado soa pela linha.

— *Muito ruim.*

Reaper solta um suspiro irritado.

— Bom, então desembucha!

Nenhum de nós está com paciência esta manhã, não depois do que vimos e fizemos no *South of Border* noite passada.

Preacher oferece uma bufada para o tom de Reaper.

— *Usando as informações que Avery nos deu na outra noite, pude mergulhar fundo nesse cara, e não tem nada de bom.*

Merda.

— *Eu não sei como esse imbecil não está na mira do DEA e do FBI porque ele é um filho da puta perigoso, ou pelo menos está ligado a alguém que é. Rastreei a holding listada como proprietária de todos os negócios dele até outra holding, e outra, e mais uma, e depois de cerca de quinze camadas de merda, enfim cheguei a uma empresa de transporte em Mérida, México.*

— Porra. — Meus olhos encontram os de Reaper. — Cartel?

Preacher dá uma risada sem graça.

— *É o que parece. Por ser naquela área, o número e o tipo dos caminhões, o dinheiro que está sendo gasto... ou esse cara está traficando, ou está lavando dinheiro. É provável que ambos.*

Concordo com a cabeça, embora ele não possa me ver, e troco um olhar compreensivo com Reaper e Mouth.

— Isso é exatamente o que eu pensei ontem à noite, depois do que encontramos.

Mais sons de cliques vêm da linha enquanto Preacher puxa o que quer que esteja procurando.

— *Verifiquei os bancos de dados do DEA e do FBI. Esse cara nem está no radar deles. Então ele deve ser muito bom no que faz, ou pelo menos é bom em esconder.*

— Sim, o restaurante parecia uma fachada decente, mas depois de ontem à noite, vai ter gente de olho nele. — Eu me inclino contra a parede e cruzo os braços sobre o peito. — Com aquela quantia em dinheiro, se algum tiver sobrevivido ao incêndio, os policiais vão querer saber o que diabos estava acontecendo naquele quarto dos fundos.

— *Presumo que foi intencional, para desviar o foco de Avery?*

— Com certeza, mas não sei se adiantou ou não. Eu só queria que aquele filho da puta sofresse pelo que já fez com ela.

A situação que eu talvez tenha piorado ontem à noite.

Fez sentido na hora. Pareceu a coisa certa naquele calor do momento, quando ela estava tão apavorada, tão desesperada para se sentir segura, mas assim que a névoa difusa do meu orgasmo se dissolveu completamente, eu soube o que tinha feito, o quanto eu complicara as coisas cedendo a ela.

A risada baixa de Preacher estala através da linha.

— *Bem, se você quer mesmo fazer esse cara pagar, consegui localizar mais alguns negócios na área de que Avery não tem conhecimento, talvez sejam depósitos para armazenamento de dinheiro ou drogas. Vou enviar uma mensagem com a lista atualizada.*

Eu aceno devagar.

— Ótimo...

Em quanto mais lugares der para atingi-lo, mais ele vai sofrer até que eu finalmente possa colocar minhas mãos no homem em pessoa.

Reaper levanta uma sobrelanceira para mim.

— Qual é a nossa próxima jogada, Chaos? O que você quer fazer?

Isso em geral seria decisão do Reaper. Foi ele quem montou essa equipe, tecnicamente é o líder do nosso bando. Aquele que sempre dá as ordens nas missões, mas ele está deixando eu decidir porque Avery é responsabilidade minha.

Graças a Deus, nenhum deles sabe o que aconteceu ontem à noite.

Se alguém suspeitasse que acabei na cama com ela, as coisas ficariam muito mais complicadas do que já são, e nunca iam parar de

me encher o saco nessa porra. Em especial Viktoria, que já me olha como se suspeitasse de algo, embora eu não tenha lhe dado nenhuma razão para isso.

Saí do quarto cinco minutos depois de Avery adormecer, então ninguém tem como saber o que aconteceu lá dentro. Mas não posso pensar nisso agora. É exatamente por isso que foi uma ideia tão horrível, porque preciso me concentrar em nosso plano de ataque, não em como foi gostoso sentir meu pau na boceta dela ou em como seu beijo me fez sentir vivo pela primeira vez em anos.

Batendo o pé na parede, considero nossas opções. Não sabemos o suficiente sobre a conexão de Perez com o cartel ou suas operações atuais. Isso me deixa incomodado.

— Acabar com esse cara regionalmente não será um problema. Reaper, Mouth e eu podemos lidar com isso com tranquilidade. Mas se ele é alguém em quem o cartel confia, se for cachorro grande na organização, inferno, até mesmo um de tamanho médio, eles não vão gostar se destruímos sua rede aqui.

Preacher digita um pouco mais.

— *Ele tem endereços em Baltimore, Washington, e em quase todas as cidades de lá até a Filadélfia. Ele deve estar controlando uma região inteira.*

Reaper franze a testa.

— Porra, isso com certeza não é bom.

Mouth acena em concordância de perto da porta, quadril apoiado contra a parede, testa franzida e lábios pressionados em uma linha dura.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não é, mesmo. Ir atrás do cartel seria uma missão suicida, então nos concentramos nesse cara. Se ele teve que matar sua contadora porque ela estava investigando, e fez uma merda grande o bastante a ponto de deixar Avery ver o que eles tinham feito, ele não vai querer que seus superiores no cartel saibam disso. Entregar que fez merda vai colocar uma corda no pescoço dele lá fora.

Por fim, Vik fala, mudando de posição no balcão.

— Então você acha que se o eliminarmos, removemos qualquer ameaça contra ela?

Ácido revira meu estômago ao pensar que posso estar errado.

— Eu com certeza espero que sim. Acho que é a nossa única opção agora.

Reaper olha para mim.

— Mas por onde começamos?

Voltamos a ouvir os dedos de Preacher voando pelo teclado.

— *Ele tem um armazém não muito longe do restaurante que você torrou ontem à noite. Pelo que consegui ver nas câmeras de*

estabelecimentos vizinhos que hackeei, ele vai lá quase todos os dias. Mas o lugar também é bem protegido. Tem cerca de uma dúzia de homens a qualquer momento.

Reaper sorri.

— Isso nunca nos impediu antes.

Dou risada e balanço a cabeça com a clara referência ao que fizemos em Nova York com a quadrilha russa de tráfico humano. Os idiotas de Yankovich nunca nos viram chegando e não tiveram chance contra Vik e nós três. Ainda assim, Vik e Reaper acabaram com buracos de bala.

Desta vez, vamos torcer para que todos fiquem fora do caminho dos tiros.

Inclinando minha cabeça de um lado para o outro, tento liberar a tensão que se formou de repente na minha nuca.

— Se vamos derrubar esse cara mesmo, não podemos acertar apenas em um ou dois lugares. Precisamos eliminar toda a operação dele, cada uma delas, e precisamos fazer isso rápido para que ele não tenha tempo de descobrir o que está acontecendo e se proteger melhor.

Reaper concorda com a cabeça.

— Preach, quantos negócios no total você encontrou num raio de cento e sessenta quilômetros daqui?

— Treze.

— Caralho... — Esfrego meu pescoço, um latejar começando a subir na minha cabeça. — É coisa de mais para nós três acertarmos...

— Nós quatro!

O comentário irritado de Viktoria é afiado e direto, e direcionado para mim.

— Três. Você precisa ficar aqui com Avery.

Vik franze a testa.

— Você mesmo disse, ninguém vai encontrá-la aqui.

Um rosnado baixo começa na minha garganta.

— Não vou deixá-la sozinha.

Ela bufa um suspiro irritado e continua a me encarar. Com seu conjunto de habilidades, ela não gosta de ficar de fora da ação, mas manter Avery segura é o objetivo de tudo isso. Deixá-la sozinha, mesmo em um lugar que eu sei que não pode ser rastreado até ela, não vai acontecer.

Reaper dá um olhar cheio de significado para sua mulher antes de voltar sua atenção para mim.

— O que acontece se tomarmos todos esses lugares e atrairmos a atenção do cartel? E se ele for importante o suficiente para virem procurar quem o matou?

É a última coisa que queremos, mas não podemos ignorar a

possibilidade.

— Resolvemos isso quando chegar a hora.

Preacher pigarreia, lembrando-nos que ainda está na linha.

— *Você realmente quer lutar contra um cartel inteiro?*

É uma pergunta justa, mas ainda me irrita, vindo de Preacher. Ele, de todas as pessoas, deveria saber até onde qualquer um de nós iria para proteger as pessoas de quem gostamos.

— Se isso significa que Avery estará segura, eu mesmo irei ao México, encontrarei a cabeça da cobra e a arrancarei com a porra de uma mordida.



Avery

— Você vai para o México? — faço a pergunta em voz baixa, quase um sussurro, mais como se fosse dita para mim mesma do que para os presentes, mas todos os olhos se voltam para a porta do quarto, onde estou.

O olhar de Kalen encontra o meu, e seus ombros ficam tensos e a mandíbula apertada. Ele se ajeita contra a parede e balança a cabeça.

— Não. É só conversa.

— *É a Avery?* — a voz vem de um celular sobre o balcão. Eu olho para ele com uma sobrancelha levantada.

— Uhm... sim?

— *E aí, Avery. Estou fazendo tudo o que posso para ajudá-la a ficar longe desse filho da puta.*

Kalen inclina a cabeça em direção ao telefone.

— É o Preacher.

— Ah, obrigada, Preacher.

Apesar de ser amigo dos caras há muito tempo, nunca cheguei a conhecê-lo pessoalmente. Eu nunca poderia imaginar que um dia precisaria desse tipo de ajuda. Mas também há muitas coisas que nunca pensei que aconteceriam.

Nunca pensei que Kalen e eu nos distanciáramos tanto que nunca encontraríamos o caminho de volta um para o outro. Nunca pensei que veria alguém tão próximo a mim ser assassinado de forma tão brutal. Nunca pensei que acabaria nos braços de Kalen, do jeito que fiz ontem à noite, depois de tudo o que aconteceu entre nós. E, por alguma razão, apesar de todas as evidências apontando exatamente que isso iria acontecer, não esperava acordar sozinha esta manhã.

Você é uma idiota, Avery.

Depois que saiu do hospital, ele não dormiu na mesma cama que eu uma única noite. Nós transávamos e nos beijávamos e ficávamos loucos um pelo outro, mas assim que terminava, ele saía da cama que um dia compartilhamos e dormia sozinho na poltrona reclinável.

Por que achei que ontem à noite seria diferente?

Só porque eu precisava dele. Só porque eu o queria naquele momento de fraqueza. Isso não muda *nada*.

Ele me deu tudo o que podia e depois foi embora, e agora ele está aqui, agindo como se nada tivesse acontecido, olhando para mim com o mesmo muro que existe entre nós nos últimos quatro anos.

A noite passada foi um único ato desesperado entre duas pessoas em busca de algo: eu, de conforto; Kalen, de escape. Talvez ele estivesse certo quando disse que não deveria ficar, quando tentou sair antes que algo acontecesse. Teria sido mais inteligente ignorar o desejo, a atração pulsante, viva e palpável que sempre pareceu existir entre nós. Mas agora é tarde demais para voltar atrás.

Se tiver sido um erro, nós o cometemos e temos que lidar com as consequências. E para Kalen aparentemente significa fingir que nada aconteceu.

Afasto meu olhar do dele e examino a sala, observando os olhares preocupados de todos os outros. Pelo pouco que ouvi quando cheguei à porta, o nível de perigo que todos enfrentamos disparou com as informações que Preacher enviou.

— Então... o que vocês vão fazer?

Os caras trocam olhares e Viktoria sorri para mim.

Ela oferece um leve encolher de ombros.

— Temos um plano. Mais ou menos. Vou ficar aqui como sua babá, e os rapazes vão fazer o que fazem de melhor.

Meus olhos encontram os de Kalen novamente, sinto um calafrio de inquietação subir pela espinha, e suor frio surgir em minha pele.

— Você vai matá-lo?

Todos eles trocam olhares de novo, e Viktoria enfim me oferece um olhar simpático, mas os caras não. Eu não esperava isso deles. No final das contas, esses homens são todos assassinos altamente treinados, e só porque estão “aposentados” não significa que pararam. A empresa de segurança que eles formaram não atende apenas homens e mulheres ricos e poderosos que precisam de proteção contra amantes violentos. São mercenários de aluguel, e eu nem precisei pagar para eles quererem matar Ricardo.

A ideia de mais sangue sendo derramado faz a bile subir pela minha garganta.

Kalen se afasta da parede, com os punhos cerrados ao lado do

corpo.

— Esse cara é encrenca, Avery. Ontem à noite, no *South of Border*, encontramos milhões de dólares em dinheiro empilhados em uma sala dos fundos, e Preacher ligou Ricardo e as empresas dele a um dos cartéis de Mérida.

— Como é?

Milhões de dólares?

Um cartel?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Não. Isso não é possível. Ele é tão legal...

Kalen cerra a mandíbula de novo.

— Lembre-se do que ele fez com sua amiga, Avery. Do que ele teria feito com você também.

Eu me encolho com o comentário e o arrependimento surge nos olhos azuis de Kalen no mesmo instante.

— Desculpa, isso foi duro. — Ele solta um suspiro frustrado e balança a cabeça. — Você só tem que entender que homens como este fingem bem. Eles sabem como fazer as pessoas ao seu redor se sentirem confortáveis e seguras. O objetivo é garantir que ninguém suspeite que eles possam estar envolvidos em algo assim. Essa é a questão. O cartel usa pessoas acima de qualquer suspeita. — Ele me observa para ver minha reação, mas suas palavras estão sendo absorvidas aos poucos. — Esse cara está *muito* envolvido com o crime, Avery. E, com o tipo de pessoa a quem está ligado, ele não vai parar de caçar você até ser fisicamente impedido de fazer isso.

Um arrepio gelado percorre minha espinha. Passo os braços em torno de mim mesma e esfrego os arrepios na minha pele exposta. Imagens dos olhos fixos e mortos de Amelia passam pela minha mente de novo.

— Desculpe. Eu só...

Não consigo pronunciar as palavras, não consigo engolir o que quer que esteja me sufocando. Quatro pares severos de olhos me observam, tentando descobrir o que está acontecendo. Tropeço para trás em direção ao quarto, fecho a porta e tranco antes que as lágrimas comecem a fluir novamente.

Eles vão matar pessoas. Eles precisam. Não apenas Ricardo. Eles vão matar qualquer um que ficar em seu caminho.

E é tudo culpa minha...

Uma batida forte na porta faz eu me afastar dela com um pulo, e eu enxugo as lágrimas em meu rosto.

— Avery... — a voz profunda de Kalen ressoa através do pedaço de madeira que nos separa. A maçaneta gira, e ele tenta abri-la. A porta não se move, e ele murmura algo baixinho que faz meu peito apertar. — Avery, destranque a porra da porta, senão vou

arrombar.

Ele vai mesmo.

Isso não é uma ameaça.

É uma promessa.

Destranco a porta com a mão trêmula e, no segundo em que escuta o clique da chave, ele a abre e entra, fechando-a atrás de si.

Seu olhar brilha de raiva e, pela primeira vez em todos os anos que o conheço, essa raiva é dirigida a mim.

— Nunca mais tranque essa maldita porta de novo. E se eu precisasse te alcançar depressa? — Seus olhos se arregalam quando me olha direito, sua expressão se suaviza, e seus ombros soltam um pouco da tensão. — Por que você fugiu? Por que está chorando?

— Eu... Eu...

Como explico a um homem que não tem escrúpulos em matar alguém se acredita que existe motivo?

— Você vai matá-lo, Kalen. Você vai matar Ricardo e qualquer outro que tente atrapalhar.

Ele dá um passo em minha direção, seus lábios se curvando em um sorriso de escárnio.

— Porra, pode ter certeza que vou. Esse homem está tentando matar você, Avery, e não vai parar até conseguir, ou até que algo o detenha. Esse algo sou *eu*.

— Eu sei. — Engulo a emoção que está obstruindo minha garganta. — E eu sei que te pedi ajuda, mas ele tem esposa... e filhos. Você não poderia falar com ele?

— *Falar com ele?* — Kalen joga as mãos para cima. — Jesus, Avery, eu sei que você não é tão ingênua assim. Você não acredita que isso funcionaria mesmo.

— Não... — Balanço a cabeça. — Você tem razão. Eu não sou...

— Não vamos colocar a mão na esposa e nos filhos. Eles provavelmente não têm ideia do que está acontecendo ou de como ele ganha dinheiro, mas Avery, me escute. — Ele dá um passo à frente e captura meu rosto em suas mãos. — Ele e aquela organização não podem continuar assim. Senão, não apenas você estará em perigo, como qualquer outra pessoa que entrar no caminho deles também vai estar. A única maneira de te proteger é...

— ... sendo o Chaos — termino a frase por ele, e seus olhos se endurecem novamente.

— Sim.

— É por isso que você saiu do quarto ontem à noite?

— Merda. — Ele tira a mão da minha bochecha e esfrega o rosto. Quando seus olhos tornam a encontrar os meus, uma dor que reconheço habita em seu íntimo. — Ontem à noite foi um erro, Avery.

Eu não posso... não podemos fazer isso de novo. — Ele dá um passo para trás e alcança a porta. — Meu foco precisa ser proteger você e colocar um ponto final nessa ameaça. Não posso me preocupar com sua segurança quando você está no único lugar em que não deveria.

Ele abre a porta, sai e a fecha.

Preocupar-se com minha segurança no único lugar em que não deveria estar?

Suas palavras se repetem em meus ouvidos.

Do que diabos ele está falando?

CAPÍTULO 11

Chaos

Às vezes, as coisas que parecem mais inofensivas podem conter o maior perigo, representar a maior ameaça. O armazém de concreto na decadente área industrial deveria abrigar produtos e suprimentos para restaurantes, como anuncia sua fachada, mas sei o que realmente está escondido atrás de suas paredes.

Um louco espreita lá dentro, com a intenção de destruir Avery por nenhum outro motivo além de ela ter se deparado com algo que não deveria e ter potencial de atrapalhar seus planos.

De acordo com o que Preacher nos enviou esta manhã, este é o seu principal local de operação. O depósito e os escritórios onde Avery trabalhava eram apenas a cara do negócio. É aqui que a verdadeira merda acontece.

Os veículos vêm e vão constantemente, pelo menos dois ou três por hora. Mesmo que o negócio de Perez esteja prosperando, é impossível que meras entregas para restaurantes gerem um tráfego tão pesado. Os caminhões com placas mexicanas estão relacionadas e confirmam as informações que Preacher nos deu, e ver homens frenéticos chegando em veículos caríssimos prova que o que fizemos ontem à noite deixou todos atrapalhados.

O que significa que meu plano funcionou.

Perez não estará concentrado em sua busca por Avery enquanto estiver tentando descobrir quem explodiu a porra de seu restaurante e queimou seus milhões.

Estamos no lugar certo para acabar com esse filho da puta.

Esse cara tem escapado impune por muito tempo, manipulando pessoas como Avery, que são confiáveis e leais e acreditam na bondade genuína dos outros. Ela não tinha ideia de para quem estava trabalhando, e isso a deixou presa nesta presepada.

Mas espero que acabe esta noite.

O carro de Perez já estava estacionado na frente quando chegamos. Ele deve ter vindo para cá logo após a explosão no *South of*

Border para tentar conter os danos e proteger o que quer que guarde neste armazém.

As plantas que Preacher conseguiu mostravam quatro docas de carga e várias entradas, o que torna mais difícil para Reaper, Mouth e eu cobrirmos sozinhos. Mas não temos escolha. Não podemos esperar por reforços depois do que fizemos ontem à noite.

Perez pode não saber quem está por trás disso, provavelmente suspeita de algum rival aqui na cidade, mas nosso anonimato não vai durar muito. Em um mundo com tantas câmeras, se formos pegos por uma e ele conseguir nos identificar, será Avery quem pagará o preço por nossas ações.

Nunca vou permitir que isso aconteça.

Olho para Reaper e Mouth.

— Vocês estão prontos?

Ambos acenam com a cabeça.

Com Mouth apontando o rifle para o armazém, ninguém sairá vivo daqui.

— Se você vir aquele filho da puta sair, enfia uma bala no coração dele.

Os cantos dos lábios de Mouth se curvam para cima. É para isso que ele vive, e saber que é capaz de contribuir para nossa missão tão digna vai operar maravilhas nele.

Com base nas minhas contas, há dez homens dentro do armazém, mas isso não significa que não haja mais pessoas que ainda não apareceram. Eu até diria que vai ser jogo rápido, mas nada é tão fácil, e achar que sim é o que mata as pessoas... ou pior.

Ninguém vai se machucar esta noite, exceto esses idiotas do cartel, que merecem.

Vamos entrar. Acabar com todos. Reunir o máximo de informações, o possível para nos ajudar a encerrar o resto da operação. Garantirmos que ninguém mais venha atrás de Avery.

É um plano simples. Um que executamos juntos centenas de vezes ao longo de anos de serviço. É algo que poderíamos fazer enquanto dormimos. Mas não vamos dormir esta noite. Vamos eliminar uma parte do que mantém os negócios de Perez funcionando, incluindo qualquer um que tente fugir. É difícil escapar do tiro de Mouth, e ele está ansioso para isso.

Equipados com nossos óculos de visão noturna, Reaper e eu partimos na direção das docas de carga. Se este lugar for o que pensamos, será muito melhor vigiado que o restaurante. Mas o imbecil não foi esperto o suficiente para conectar esta instalação a um gerador.

Verifico meu relógio.

23h53...

Só faltam dois minutos para a hora do show.

Reaper e eu esperamos até 23h55 em ponto, e as luzes se apagam em todo um raio de vinte quarteirões.

Bem na hora, Preach.

Aquele homem consegue hackear qualquer coisa, e a escuridão que nos deu ao desligar a energia na área nos dá vantagem mesmo no território inimigo. Os homens de Perez vão se atrapalhar.

Reaper e eu não perdemos tempo para nos dirigir até a porta traseira perto das docas. Coloco um explosivo na maçaneta, damos um passo para trás, e logo detono. A pequena explosão dá conta do recado, e a porta se abre facilmente, nos dando acesso.

Gritos confusos em espanhol enchem o ar, e os homens fogem da explosão pelo corredor, iluminados apenas por uma única lâmpada de emergência. Reaper atira rapidamente nos dois homens e depois na luz, mergulhando-nos na escuridão completa.

Esses filhos da puta pensaram que poderiam ir atrás de uma mulher inocente que não tinha como se proteger. Eles não têm ideia do que causaram a si mesmos.

Uma onda de dor está prestes a engolfá-los.

Enfio a mão na bolsa pendurada no ombro, pego a primeira carga e a coloco em uma das principais paredes de suporte de carga. De acordo com as plantas, posso derrubar este lugar com facilidade.

Corremos pelo corredor em direção ao próximo alvo. As vozes se aproximam e Reaper mata os três homens com tiros rápidos. Perez pode ter armado seus funcionários, mas eles estão totalmente despreparados para a chegada de um inimigo com armas em punho.

Gritos e conversas contínuas nos alertam da posição exata dos homens à medida em que nos aprofundamos no complexo. Nós os derrubamos facilmente, um de cada vez.

O corredor se cruza com outro, e paramos para ouvir se tem alguém se aproximando, mas somos recebidos apenas por um silêncio sinistro.

Eu sinalizo para Reaper. Ele acena com a cabeça e seguimos no três, viramos o corredor e encontramos tiros no mesmo instante. As balas batem na parede à minha esquerda, mas a rajada com que contra-atacamos os derruba e nos permite passar para o próximo local em que vou instalar explosivos.

Com o segundo instalado, continuamos pelo labirinto de corredores, limpando cada cômodo à medida que avançamos.

Dois já foram. Faltam dois.

Quando eu terminar, tudo o que restará deste lugar é uma pilha de entulho e cinzas fumegantes, mas esta não é minha missão principal esta noite. Encontrar aquele merda do Perez que é.

Onde diabos ele está?

Nos embrenhamos mais no complexo do armazém, mas não há nenhum sinal do homem que está perseguindo Avery, apenas seus capangas, de quem logo damos cabo.

O rádio em meu ouvido estala com três toques, o sinal de Mouth de que ele matou três homens que tentaram fugir ou que estavam vindo ajudar. Ele teria nos dado um sinal diferente se pensasse que algum deles era Perez, o que significa que ainda precisamos encontrar o idiota, e rápido.

Embora esta área seja em grande parte industrial, não significa que não haja alguém dentro de um dos prédios próximos a esta hora da noite que possa ouvir o tiroteio e alertar as autoridades. A última coisa de que precisamos é sermos pegos aqui. Nesse caso, Avery não apenas seria um alvo fácil, mas provavelmente iríamos para a prisão pelo resto de nossas vidas.

Usar as habilidades que o Tio Sam lhe dá para se tornar um justiceiro mercenário não é muito bem visto em certos círculos, em especial aqueles frequentados pelas pessoas que algemam as outras.

Precisamos pegar Perez e sair logo daqui, e, agora, finalmente alcançamos a grande área principal do armazém. É o único lugar em que ainda não procuramos.

Paro por um momento para fazer um balanço. Mouth eliminou três lá fora, e nós acertamos quatro aqui dentro. Isso significa que deve haver pelo menos mais três, além de Perez, em algum lugar do prédio.

O armazém em si é vasto, e tem vários esconderijos. É neste momento que as coisas ficam complicadas, e eu mataria para estar com uma equipe completa aqui. Ter Cutter e Flash conosco teria feito eu me sentir muito melhor, mas não havia tempo para esperar que eles chegassem à cidade. Uma ameaça imediata exige ação imediata.

Algo farfalha no canto atrás de uma grande pilha de paletes, e sinalizo para Reaper. Nos aproximamos com cautela, tão silenciosamente que não há como quem está lá atrás saber que estamos chegando.

Viramos um canto e atacamos os dois homens que estão com as costas apoiadas em um palete. Suas armas caem no chão antes que tenham chance de atirar, passo por cima deles e disparo mais alguns tiros em cada um para garantir que eles não levantem mais.

Reaper continua a esquadrihar o armazém em busca de qualquer sinal de movimento, mas está tudo muito quieto. Se ainda houver mais alguém aqui, está se resguardando, fazendo o possível para se esconder de nós até acharem que a barra está limpa.

Eles subestimam nossa capacidade de farejar um rato.

Fileira por fileira.

Paleta após paleta.

Caixa após caixa.

Percorremos o armazém, verificando todos os cantos possíveis.

Não há onde se esconder de nós quando estamos em uma missão.

Um homem tenta nos surpreender de entre dois caixotes enormes, mas seu tempo de reação é muito lento.

Reaper acaba com o cara antes que ele possa puxar o gatilho.

— Onde diabos está Perez?

Reaper inclina a cabeça em direção a um pequeno escritório em um lado do armazém, e eu coloco as duas últimas cargas ao longo da parede oposta enquanto seguimos em direção a ele, sempre com um de nós vigiando nossa retaguarda.

Mas assim que entramos, fica claro que Perez não está mais aqui.

As gavetas da escrivaninha estão abertas.

Os armários de arquivo, vazios.

Pastas e papéis espalhados pelo chão.

Definitivamente parece que este era o escritório de Perez enquanto ele fazia negócios, mas o que quer que estivesse aqui, já se foi.

Reaper e eu vasculhamos alguns dos itens descartados no chão.

— Ele deve ter chegado de carro e ido embora na traseira de um dos caminhões, assim a gente não viu.

— Cacete!

Chegamos tarde.

Ele segura um papel para mim. Eu o arranco de sua mão e o examino sob a luz da lua que entra por uma única janela. O mesmo endereço que Preacher nos deu para a empresa no México chama minha atenção.

— Acha que ele foi pra lá?

Reaper dá de ombros.

— É possível. Ele pode estar indo para acalmar as coisas depois das perdas na noite passada, ou pode ter ido se esconder.

— Merda.

Saio do escritório e volto para o armazém, vou até um dos paletes e pego minha faca. A lâmina corta com facilidade o plástico que envolve as caixas, e eu pego uma e a ergo.

— Caixas de frutas secas?

De jeito nenhum, porra.

Reaper tira a caixa de mim e abre, despejando o conteúdo no chão de concreto. Os chips de maçã seca caem primeiro, seguidos por pilhas de dinheiro bem embaladas.

— Caralho.

Ele larga a caixa e se aproxima de uma pilha diferente. Eu me

junto a ele e corto com a faca, então agarro uma das caixas e rasgo.

— Acho que temos uma resposta sobre o que eles fazem.

Seguro um grande tijolo enrolado em fita adesiva.

Reaper o agarra e abre com a faca, então ergue pó branco com a lâmina.

— Cocaína?

— É o que parece.

— Então ele está traficando e lavando dinheiro. Como foi que a Avery se meteu nessa porra?

— Não sei, cara, mas parece que Perez foi para o sul da fronteira, igual o nome do restaurante dele. Você sabe o que isso significa...

Enfio minha faca de volta na bota e o sigo em direção à porta.

— Eu com certeza sei.

A única maneira de colocar um ponto final na história é ir atrás dele.

Vamos verificar a casa dele e todos os outros endereços que Preacher nos deu antes de voltarmos para minha casa, mas se não o encontrarmos, iremos para o sul também.



Avery

A comida chinesa que Viktoria basicamente me forçou a comer mais cedo parece um peso de chumbo no meu estômago, e fica mais pesado quanto mais tempo os caras demoram a voltar. Qualquer tentativa de dormir seria inútil, minha mente e meu corpo estão muito inquietos para relaxar.

Juntando o que aconteceu ontem à noite com Kalen, a informação que Preacher forneceu esta manhã, e o que eu sei que os caras estão fazendo agora, voltei a ser um desastre tão grande quanto na hora que caí na cama com Kalen.

Sem nada para fazer dentro do apartamento além de sentar e esperar, fico andando pelo piso de madeira antigo e gasto.

De um lado para o outro.

De um lado para o outro.

De um lado para o outro, entre a poltrona reclinável e a TV que passa alguma comédia romântica idiota que não estou com vontade de assistir.

Viktoria, sentada em seu lugar habitual em cima do balcão, ergue os olhos do celular.

— Por favor, pare com isso. Você está me deixando nervosa.

Enterro os dedos no meu cabelo e balanço a cabeça.

— Desculpe. Não dá pra evitar. — Olho para o relógio no micro-ondas pelo que parece ser a milionésima vez. Apenas oito minutos se passaram desde a última vez que verifiquei. — Já faz tempo que eles saíam.

— Eles vão demorar um pouco. Estão indo para o que Preacher acha que é o principal endereço das operações de Perez aqui. Precisam fazer o reconhecimento antes de entrar e podem enfrentar alguma resistência.

Resistência.

— Você quer dizer levar um tiro.

— Não seja pessimista. — Vik solta um suspiro pesado, desliza para fora do balcão, vai até a geladeira e a abre. Ela pega uma garrafa de vinho tinto e a balança de um lado para o outro. — Você precisa de um pouco disso.

— De onde veio isso?

Certamente não é algo que Kalen manteria de livre vontade em estoque.

Um sorriso brinca em seus lábios.

— Achei que você poderia precisar de uma coisinha para se acalmar, então trouxe comigo. Você estava muito ocupada obcecada com seu ex-marido, então nem percebeu quando cheguei.

Estremeço com a observação que ela faz com tanta facilidade, então me esforço para refutá-la.

— Eu não estava obcecada.

Vik solta uma gargalhada enquanto torce a tampa da garrafa.

— Querida, você deveria ter visto a sua cara quando ele saiu por aquela porta. — Ela balança a cabeça e faz um som de assobio enquanto abre o armário e tira dois copos. — A tensão entre vocês dois. Sério mesmo. — Ela se abana, depois enche um copo para cada e empurra um para mim. — Beba isso.

Fecho a cara para ela, mas tomo um gole mesmo assim. Álcool provavelmente não é a melhor maneira de lidar com a atual situação estressante, mas eu que não vou recusar. Com meus nervos à flor da pele e nenhum sinal de que os caras voltarão tão cedo, qualquer coisa que ajude a aliviar um pouco da tensão é bem-vinda.

O gosto atinge minha língua e quase suspiro com o sabor doce e frutado. Embora ainda seja muito cedo para sentir algum efeito do álcool em meu organismo, parte da dor em meus ombros diminui.

Vik me observa por cima de seu copo.

— Você transou com ele, né?

Ergo o rosto de uma vez, meu corpo fica bem tenso e ereto na mesma hora.

— O quê?

Um sorriso curva os lábios de Viktoria.

— *Eu perguntei*, você transou com ele, né? Noite passada...

Put a merda...

Encaro minha bebida e penso em negar por um momento, mas Viktoria era uma detetive condecorada do NYPD antes de deixar a polícia para ficar com Reaper, e não vai me deixar escapar impune. Ela vai me interrogar até eu ceder, me cansar até eu não aguentar mais, e eu não ter energia para mentir.

— Sim.

Ela bate com a mão no balcão, me fazendo pular.

— Eu sabia. Eu *sabia*, porra. — Seu sorriso se abre mais, os olhos brilhando com humor e interesse. — No minuto em que entrei aqui e vi o rosto de Chaos, eu soube.

— Por favor, não crie muito caso.

Ela fica boquiaberta.

— Não criar caso? Depois da conversa que tivemos na outra noite... sério?

Suspiro e belisco a ponte do meu nariz contra a dor de cabeça que ameaça surgir. Tomo outro gole do vinho para ter uma desculpa para pensar na resposta e receber um pouco de coragem líquida para entrar nesse caminho de discussão.

— Não significa nada. Ele disse que foi um erro.

Ela bufa e toma um gole de seu vinho.

— Claro que disse.

Ai.

— O que quer dizer com isso?

— Você é uma fofa, Avery. Para uma mulher tão inteligente, você com certeza é cega quando se trata desse homem. O que quer que tenha acontecido entre vocês dois, ainda não acabou, e — ela levanta a mão para me impedir de interromper —, não diga que é apenas sexo. Não diga que ele estava apenas te consolando porque você estava chateada.

Aperto bem os lábios para me impedir de interpor e dizer exatamente isso, porque foi assim *mesmo*. Kalen deixou isso muito claro para mim hoje de manhã. Foi ótimo enquanto durou, mas ele não vai deixar acontecer de novo.

Viktoria trava seu olhar com o meu, de repente séria.

— Porque é mais do que isso. Vocês dois têm assuntos inacabados. Coisas para dizer um ao outro que, por algum motivo, nenhum diz, e já é hora de vocês fazerem isso e pararem de pisar em ovos com o outro, pelo bem de vocês dois.

Para o bem de vocês dois.

Foi por isso que nos divorcíamos, porque terminamos, para começo de conversa. Para salvar nós dois da dor que estávamos causando um ao outro. Ele não suportava ficar no mesmo quarto que

eu, a menos que estivéssemos fazendo sexo, e eu não suportava saber que ele não me amava mais.

Estávamos em uma encruzilhada dolorosa e seguindo caminhos diferentes, e teria continuado assim se eu não tivesse tropeçado no que Perez estava fazendo. O mais provável é que nunca mais teríamos nos visto, cada um vivendo com as memórias dos próprios erros.

Fecho bem os olhos e balanço a cabeça.

— Não é tão fácil. Quando isso acabar, cada um vai seguir seu caminho de novo.

Ela levanta uma sobrancelha escura.

— Você acredita mesmo nisso? Que vocês dois vão simplesmente ir embora e as coisas vão voltar a ser como eram antes dessa confusão com Perez?

Concordo com a cabeça e tomo um gole de vinho.

Viktoria solta outra risada e balança a cabeça, um sorriso curvando seus lábios.

— Deixe-me dar uma dica de uma coisinha que aprendi durante meus muitos anos interrogando suspeitos...

— O quê? Eu sou uma suspeita agora?

Ela sorri para mim.

— Vou contar uma coisa que acho óbvia, pelo menos para alguém como eu, que observa a linguagem corporal e sabe como encontrar *tiques* de alguém que está mentindo. Tenho certeza de que o que quer que tenha acontecido entre você e Kalen machucou vocês dois de maneiras que nem consigo imaginar. Eu vi o sofrimento de Reaper. Então posso imaginar como foi quando eles voltaram daquela missão em que Kalen e Mouth se machucaram. Deve ter acontecido na época de que você está falando. — Ela balança a cabeça. — Chaos não é o tipo de homem que vai querer falar abertamente sobre seus sentimentos, ou que vai admitir que cometeu erros e pedir perdão. Isso é algo que eu soube no momento em que conheci Reaper, e tenho certeza que você também sabia.

“Então, se você está esperando que ele diga que sente muito e de alguma forma faça as pazes, isso nunca acontecerá. É você quem precisa preencher a lacuna. É você quem precisa dizer a ele como se sente.”

— E se eu não souber como me sinto?

Viktoria revira os olhos verdes e sorri.

— Então você está mentindo. Você sabe *exatamente* como se sente. Só não quer admitir para si mesma ou para mim.

Aperto a mão ao redor do copo e olho para o líquido vermelho. Memórias duras me atacam de todos os lados, aquelas que me esforcei para manter enterradas.

— Há coisas que Kalen não sabe...

Ela levanta uma sobrancelha.

— Coisas como o quê?

Coisas que prometi a mim mesma que nunca diria, nunca contaria a ninguém. Dizer isso em voz alta torna real, me obriga a enfrentar a dor e a culpa, mas, ao mesmo tempo, Viktoria parece ser a única amiga que eu tive em muito tempo. E ela passou muito mais tempo com Kalen do que eu recentemente. Talvez possa me dar algumas dicas.

— Se eu te contar, você tem que prometer *nunca* contar pro Kalen. Se ele descobrisse, acabaria com ele.

Ela abaixa o copo dos lábios devagar e o coloca no balcão.

— Parece sério.

— É. Então, por favor, não diga nada. Você não pode.

Eu nem tenho certeza se consigo falar.

— Eu prometo. Não vou contar.

Inspiro devagar, e fecho os olhos por um momento para tentar me concentrar e não chorar antes mesmo de dizer as palavras que guardei por tanto tempo.

A porta de um carro bate do lado de fora, Viktoria corre em direção à janela e espia por entre as persianas.

— São eles. — Ela se vira para mim. — Você tem cerca de trinta segundos antes que eles cheguem aqui. Então, se quer desabafar, faça isso rápido.

Trinta segundos para largar esta bomba.

Mas as palavras já estão ali, na ponta da língua, prontas. Deixo que saiam correndo o mais rápido que consigo antes que a maçaneta gire e a porta se abra.

Viktoria está me encarando, de boca ligeiramente aberta, quando Kalen, Reaper e Mouth entram. O olhar de Kalen vai de uma para a outra, com a testa franzida.

— Qual o problema?

Todos.

E agora nem tenho tempo para explicar nada a ela.

Vik balança a cabeça e força um sorriso.

— Nenhum. Está tudo bem. Avery estava ficando preocupada com vocês. — Ela se vira para mim. — Eu disse que não havia nada com que se preocupar.

Engulo em seco, tentando evitar que as lágrimas caiam.

— Eu sei.

É mentira.

Há tantas coisas com que se preocupar — tantas que nem dá para contar.

CAPÍTULO 12

Avery

Assim que a porta se fecha atrás de Reaper, Viktoria e Mouth, Kalen passa a chave e se vira para mim, os braços cruzados sobre o peito.

— Me diga qual é o problema.

Tomo um gole do meu vinho e volto para a cozinha para que ele não veja meu rosto e me leia como um livro aberto, como sempre fez.

— Eu já disse... nenhum. Eu só estava preocupada. — Ofereço um meio sorriso por cima do ombro enquanto coloco a tampa de volta na garrafa de vinho e a devolvo à geladeira. — Mas você está de volta agora, então...

— Você está mentindo.

Merda.

Sua voz tão perto de mim me sobressalta, meu coração martelando no meu peito. Esse homem maldito se move como um fantasma. Eu nem tinha notado que ele veio atrás de mim. Aos poucos, eu me viro e o encontro a apenas alguns centímetros do meu rosto. Seu corpo alto e poderoso supera o meu, a raiva está evidente em sua postura e na tensão de seus ombros.

— Você acha que eu sou burro, Avery? Acha que não te conheço o suficiente para saber quando está mentindo? Quando está escondendo algo de mim? — Ele balança a cabeça e me dá um sorriso sardônico. — Além disso, Viktoria fez um trabalho de merda escondendo o rosto quando entramos. Sobre o que vocês duas estavam conversando? Qual o problema?

Balanço a cabeça, olhando para o piso de linóleo rachado e não para ele.

— Por favor, Kalen. Para com isso. Não foi nada.

Ele usa sua mão calejada para levantar meu queixo até que meus olhos encontrem os seus.

— Não minta para mim, Avery. Eu *nunca* menti para você.

Até parece.

Eu poderia repreendê-lo pela *mentira*. Poderia lhe dizer que ele mentiu quando disse que me amaria para sempre. Quando disse que nunca iria embora. Quando disse que eu nunca mais ficaria sozinha. Mas isso só daria início a uma briga enorme de que não precisamos agora, com tudo o mais acontecendo.

Não importa mais. O que importa é que ele e os caras estão seguros enquanto tentam *me* manter segura.

Quando voltaram, eles mantiveram um silêncio suspeito sobre o que aconteceu hoje e o sobre plano seguinte, e Kalen os conduziu para fora antes que qualquer coisa fosse dita, deixando-me no escuro com a confissão que eu tinha acabado de fazer para Viktoria.

É uma confissão que, agora que está no mundo, eu gostaria de poder pegar de volta, e é uma que não posso revelar a Kalen. Sua exigência de que eu confesse só vai acabar em mais dor.

— Por favor, me diga o que aconteceu hoje, Kalen. Você encontrou Perez?

Ele me estuda por um momento, a mão ainda segurando meu queixo, quase como se estivesse debatendo se deve ou não abandonar o questionamento e deixar minha mentira passar.

— Não pegamos o Perez. Mas vamos pegar. Partimos amanhã. Ficaremos ausentes por alguns dias desta vez. Você não precisa se preocupar com o que acontecerá a seguir.

O vinho, que momentos antes fora frutado e delicioso, fica áspero e ácido de repente e embrulha meu estômago.

— Alguns dias? — Isso só pode significar uma coisa. — Você vai para o México?

Sua mandíbula endurece e ele solta meu queixo devagar, puxando sua mão quase que com relutância.

— Foi pra lá que ele foi. Então é pra lá que vamos.

— Mas você *não pode*. Se ele estiver ligado a um cartel, você não pode enfrentá-los de jeito nenhum. — Balanço a cabeça. — Não mesmo. Você não pode ir!

Ele dá um passo em minha direção e, por instinto, recuo até que meus ombros batam na geladeira atrás de mim, não porque temo que ele vá me machucar, mas porque temo o que farei se deixar esse homem se aproximar de mim novamente.

— Eu disse que iria te proteger, que faria esse cara pagar pelo que fez. Se para isso tenho que ir pro México e matar cinquenta dos homens de merda dele, é isso que vou fazer. Farei qualquer coisa para manter você segura.

— Mas vocês são só três pessoas.

— Vamos pedir ajuda, linda. Eu prometo, vai ficar tudo bem.

Vai ficar tudo bem...

Kalen me disse essas palavras tantas vezes ao longo dos anos, fez essa promessa, mas tenho dificuldade em acreditar em qualquer coisa que ele diz. Pelo menos desde que voltou todo baleado e agindo como uma pessoa totalmente diferente. Pelo menos quando me olha nos olhos com uma intensidade que só pode ser de Chaos quando o que eu quero ver é Kalen.

— Você acredita em mim, Avery? Você confia que eu vou resolver isso?

— Eu sei que vai tentar, mas se você se machucar ou...

Sua mão circunda meu bíceps e aperta.

— Escuta... isso não vai acontecer. Nós vamos pra lá. Vamos remover a ameaça e vamos voltar para casa.

Fecho os olhos e respiro fundo para não chorar ou chamar a atenção dele para a verdade. Nós dois sabemos que há uma chance de ele não voltar. Há uma chance de que nenhum deles volte, mas ele precisa me ouvir dizer que acredito nisso. Kalen precisa da confiança de que ficarei bem enquanto ele estiver fora, e não vou me morrer de preocupação com algo que não posso controlar.

Ele precisa que eu minta.

Abro os olhos e encontro seu severo olhar safira mais uma vez.

— Certo. Eu acredito que você vai cuidar das coisas, e depois vai voltar e tudo ficará bem.

— Exatamente.

Ficamos parados, olhando um para o outro pelo que parece uma eternidade. Sinto uma tensão familiar em meu núcleo quanto mais tempo ele mantém seus olhos azuis em mim. Eles brilham famintos por alguma coisa, mas não é nada que esteja na maldita geladeira atrás de mim.

Ele talvez não volte, e nós dois precisamos do que mais uma noite juntos pode nos dar... mesmo que seja *outro* erro, mesmo que nós dois saibamos disso.

Seus lábios se chocam contra os meus, quentes e frenéticos, desesperados de vontade, enquanto uma das mãos segura minha bochecha e inclina minha cabeça para trás, e a outra desliza do meu braço para baixo, até me segurar pelo quadril. Ele molda seu corpo ao meu, pressionando-me com mais força contra a geladeira, sua língua sondando e buscando o que nós dois queremos.

Passo os braços ao redor de seu pescoço e o seguro junto a mim, me recusando a deixá-lo recuar sequer uma fração de centímetro. Porque se ele fizer isso, parece que vou perdê-lo para sempre. E mesmo que amanhã eu não tenha escolha quanto a isso, não vou deixar que aconteça esta noite.

Não quando posso estar com ele mais uma vez.

Sua mão desce do meu quadril e se coloca entre minhas

pernas, ele me segura e dispara uma onda de prazer pelo meu corpo. Gemo na boca de Kalen e o puxo para mais perto ainda, me esfregando na palma da sua mão, faminta pelo que meu corpo precisa.

Desta vez, não será lento e romântico; será como era quando ele voltou daquela missão. Com força e rápido. Vai ser do jeitinho de Chaos, mas mesmo que isso seja tudo o que posso conseguir dele, aceitarei com avidez.

Abaixo as mãos de seu pescoço, desabotoo sua calça e empurro o jeans para baixo de seus quadris enquanto ele continua a me estimular. Minha excitação molha minha calcinha, é quase vergonhoso o quanto estou molhada para o homem que sempre soube como me tocar para me fazer voar em uma nuvem de felicidade.

Ele afasta a mão só por tempo suficiente para empurrar o material que me cobre até meus tornozelos, e eu tento chutá-los ao acaso enquanto masturbo seu pênis.

Um gemido baixo e estrondoso sai de seus lábios contra os meus, e ele gira os quadris, metendo o comprimento em meu aperto firme. Ele trepa com a minha mão, seu corpo buscando o que estou mais do que disposta a lhe dar.

Suas mãos deslizam até meus quadris, ele me levanta facilmente, passa minhas pernas em volta de sua cintura e se posiciona na minha entrada molhada. Ele me penetra com um impulso longo e forte, me empalando em seu pau e me jogando contra a geladeira dura atrás de mim.

Eu me agarro ao seu pescoço, cravando as unhas em sua nuca e apertando minha boceta em torno dele. Ele geme e mergulha em mim novamente, atingindo aquele ponto que me enlouquece.

— Sim! Deus, Kalen... Por favor, assim mesmo. Não pare nunca.



Chaos

Não pare nunca...

Se vivêssemos em um mundo perfeito, não pararia mesmo. Eu comeria essa mulher com orgasmos sem fim até nós dois morrermos, contentes e nos braços um do outro, meu pau ainda enterrado dentro dela por toda a eternidade.

Mas este não é um mundo perfeito.

É uma dura realidade.

Uma em que nunca poderemos ficar juntos, em que não é seguro, em que o que queremos deve ser ignorado pelo que é *certo*.

Cristo, mas isto aqui parece certo.

Sempre foi assim com Avery.

A partir do momento em que ela sorriu para mim na aula de álgebra, eu sabia que era um caso perdido por esta mulher. Me perdi em seus olhos verdes na época, assim como me perco agora, como se estivesse cercado por uma floresta cheia de pinheiros altos que me engolem e impedem que o mundo exterior invada.

Todas as ameaças, toda a dor, todas as mentiras e verdades não ditas desaparecem.

Cada impulso de meus quadris me cimenta ainda mais dentro dela, assegura ainda mais a conexão que sempre existiu. A conexão que nunca poderá ser rompida, nem pelo tempo, nem pela distância, nem por todos nossos esforços para quebrá-la. Sua boceta pulsa ao redor do meu pau, me sugando mais fundo, me implorando para ficar dentro dela para sempre da mesma forma que suas palavras.

Eu ficaria se pudesse.

Nada jamais foi tão bom quanto o corpo dela envolvendo o meu. Nenhum som é tão bonito quanto as respirações e gemidos que compartilhamos. Nenhum gosto é tão viciante quanto sua boca, ou tão divino quanto o da sua boceta e gozo em minha língua.

Avery é *tudo*, e farei qualquer coisa por ela — até mesmo morrer, se for preciso para garantir que ela esteja segura. Mas, neste momento, não consigo pensar no que vai acontecer nos próximos dias ou no que *pode* acontecer depois disso. Tudo o que importa são suas unhas marcando a parte de trás do meu pescoço, meu nome saindo de seus lábios, o rolar de seus quadris para encontrar minhas estocadas e o jeito que ela olha para mim, o mar infinito de verde nublado com luxúria.

Seus calcanhares cavam na parte inferior das minhas costas, me impulsionando para frente, exigindo que eu me mova mais rápido e com mais força. Ela persegue o prazer da mesma forma que eu faço com a escória da sociedade, as pessoas que pensam que não respondem a ninguém e fazem o que bem entendem, sem se importarem com as consequências ou com quem se machuca. Sempre tenho sucesso em minhas missões e me recuso a falhar quando se trata de Avery.

Quanto mais forte meto nela, mais frenética ela fica, suas unhas cravando em meu pescoço, peito arfando contra o meu, respirações curtas e quentes, sua pele em chamas com o calor de nossa conexão.

Como eu me afastei dessa mulher um dia?

É uma pergunta idiota, mas não consigo parar de repassá-la na cabeça com cada movimento dos meus quadris.

Uma mulher linda, leal e generosa que nunca me pediu nada

além de amá-la ...

E eu destruí isso porque fui obrigado.

Porque eu não tinha escolha.

E vou embora de novo quando tudo isso acabar. Mas, vou embora com a lembrança *deste momento*. De estar dentro dela de novo, de sua boceta me apertando e me puxando para dentro, de Avery precisar de mim da mesma forma que eu preciso dela.

Avery abre a boca, cabeça inclinada contra a geladeira, virando de um lado para o outro.

— Kalen, por favor, eu não consigo...

Não está conseguindo chegar lá.

O gozo arrebatador que ambos queremos está tão perto que quase posso tocar, mas ela está se contendo novamente, assim como fez na noite passada. Está lutando contra, permitindo que outra coisa interfira.

Seja por medo do que acontecerá quando partirmos amanhã, por saber que esta será a última vez que estaremos juntos, ou o que quer que ela e Viktoria estivessem conversando e ela se recusa a me contar, está impedindo-a de encontrar a felicidade que procura.

Tiro a mão de seu quadril, coloco em seu rosto e agarro seu queixo, segurando-o no lugar enquanto ainda estou dentro dela.

— Abra os olhos, Avery. Olhe para mim.

Suas pálpebras vibram e seus lábios se abrem de leve em um gemido frustrante.

— Por que parou?

— Porque você precisa relaxar pra mim.

Ela balança a cabeça, as lágrimas brilhando em seus olhos.

— Não, não consigo. Eu...

Eu arrasto meus quadris para trás devagar e, em seguida, a penetro com força, empurrando-a contra a porta da geladeira.

— Relaxa. — Mergulho nela novamente, com estocadas longas e lentas. — O que quer que seja que está pensando. Não é importante. Não agora. Relaxa. — Penetro de novo. — Pra. — Mais uma. — Mim.

Um pequeno gemido cai de seus lábios e uma lágrima desce devagar em sua bochecha pálida.

— Não dá. Tem algo que você precisa saber. Eu devia ter...

Eu a silencie com um beijo, colocando fim a qualquer confissão que ela se sinta compelida a fazer. Não há nada que ela possa dizer que mude o passado ou o que tem que acontecer no futuro.

Vou viajar amanhã, e farei o que for preciso para protegê-la. E, agora, vou fazer o que for preciso para ela gozar. Assim verei o peso sair de seus ombros em uma nuvem de êxtase e sentir sua boceta apertar meu pau.

Rogo meus lábios nos dela com suavidade, rolando e

esfregando meus quadris nos dela, mantendo o ritmo com golpes lânguidos no ângulo certo.

— Apenas deixe para lá, linda. Por mim. Quero que você goze para mim.

— Ai, Deus... — Seus lábios tremem contra os meus, seus quadris se movem mais rápido, suas mãos se agarram ao meu pescoço.

— Não consigo, Kalen. Eu não posso deixar você pra lá. Nunca...

Suas palavras cortam meu coração e fazem minhas estocadas vacilarem.

Ela não quis dizer isso.

Não depois de todo esse tempo. Não depois de toda a dor que lhe causei. Foi a adrenalina inundando suas veias, a combinação de seu trauma e o corpo pronto para explodir que fez essas palavras saírem de seus lábios.

Deixar para lá é a única opção.

Para nós dois.

Então redobro meus esforços, beijando-a como se ela fosse meu oxigênio enquanto meto nela implacavelmente, prendendo-a no lugar com meu corpo e meu desejo de dar a ela um momento de liberdade de tudo o que a assombra.

Eu sei muito bem como é viver assombrado.

Ela não precisa nunca conhecer essa dor.

Alguém tão perfeita por dentro e por fora quanto Avery só deveria conhecer esperança e beleza.

E, com um impulso final, ela finalmente arqueja e se entrega ao clímax, sua boceta ondulando e apertando meu pau, puxando meu próprio orgasmo bem de dentro de mim.

Eu me esvazio nela, derramando não apenas meu gozo, mas também todas as coisas que gostaria de poder dizer, toda a agonia com a qual tenho vivido todos os dias desde que nos separamos, as verdades que nunca podem ser ditas. Ela estremece em meus braços, seu corpo tem espasmos e sua cabeça cai para trás enquanto ela cavalga a onda de prazer que a percorre.

Por fim, seu corpo fica mole no meu, Avery enterra o rosto em meu pescoço, e seu hálito quente faz cócegas na minha pele já aquecida. Eu a envolvo em meus braços, apertando-a contra mim, segurando-a como se fosse a última vez.

Porque há uma boa chance de que seja.

Partimos para uma missão quase impossível amanhã, e, se eu não voltar, quero me lembrar desse momento enquanto dou meu último suspiro.

CAPÍTULO 13

Chaos

Pela primeira vez desde que me tornei um soldado profissional, minha mão treme. Passo a arma para a mão esquerda por um momento para flexionar a mão direita, tentando parar o tremor irritante.

Reaper olha para mim, levantando as sobrancelhas de preocupação.

— Você está bem?

De jeito nenhum.

Seria impossível estar bem com tudo o que está acontecendo. Assinto de qualquer maneira.

— Estou.

Ele estreita os olhos para mim, mas não diz mais nada. E nem precisa. Ele vê através da mentira, como sempre. Assim como Avery sempre fez.

Ela é a razão de tudo isso.

A razão pela qual tivemos que pedir ajuda para Cutter e Flash. A razão pela qual tivemos que entrar naquele aviãozinho de merda e atravessar a fronteira ilegalmente, armados até a porra dos dentes. A razão pela qual minha mão está tremendo agora.

Todas as missões de que participei foram importantes, essenciais, cruciais por um motivo ou outro. Atacar uma ameaça séria. Resgatar alguém inocente. Proteger todos em casa, nos Estados Unidos. Sempre havia uma razão convincente para o que estávamos fazendo. Uma que me permitia puxar o gatilho sem pensar duas vezes. Mas nenhuma dessas razões foi tão pessoal.

Minha ação, meu sucesso ou fracasso, nunca foi questão de vida ou morte para ninguém de quem gosto tanto quanto gosto de Avery, e é por isso que, pela primeira vez na vida, meus nervos parecem desgastados pra caralho, destruídos, totalmente destruídos.

Não tem nada a ver com o fato de estarmos prestes a enfrentar um dos cartéis mais sórdidos do México ou de estarmos em

desvantagem numérica. Nos últimos dias, Preacher e Cutter conseguiram descobrir mais informações sobre os homens que controlam Mérida que estão ligados a Perez, e é tudo muito perverso. Esses homens não brincam em serviço e estão armados até os dentes.

Mas nada disso importava muito em qualquer missão nossa. Quando se tratava de dar conta do recado, nós dávamos, com poucos suprimentos e poucos homens, mas sempre demos um jeito. E temos que fazer isso de novo: a vida de Avery depende disso.

— Alguém consegue ver Perez?

Examino o pátio aberto abaixo de mim, cheio de homens do cartel armados com fuzis AR-15 e parecendo prontos para a luta.

As únicas coisas a nosso favor são nosso treinamento superior e o fato de que eles provavelmente nunca esperam que alguém seja estúpido o suficiente para atacá-los no próprio território, de vir ao seu complexo e tentar enfrentá-los aqui.

— *Negativo.*

— *Negativo.*

A negativa vem de Cutter ou Flash, e Mouth também sinaliza que não pelo comunicador; eles não estão vendo o cara de seus pontos de observação, mas isso não significa que o filho da puta não esteja aqui. Se ele não estiver do lado de fora, deve estar dentro da casa principal ou em um dos prédios na periferia do complexo.

Preacher foi capaz de usar algumas de suas fontes para confirmar que Perez retornou a Mérida nos últimos dias e foi visto vindo nesta direção. Mas as pessoas da região não querem falar sobre o que acontece aqui. O medo que o cartel incutiu é muito real. Eliminá-los não ajudará apenas Avery, vai ajudar toda a área.

Tudo o que temos a fazer é colocar Perez em nossa mira e eliminar qualquer outra pessoa ligada a este grupo que ponha os pés no complexo.

O sol finalmente se põe no horizonte, lançando todo o vale na escuridão. Holofotes acendem ao redor do complexo, iluminando todo o perímetro para que os membros do cartel possam ficar de olho em qualquer ameaça em potencial.

Há dois homens juntos nos enormes portões de ferro da frente, fumando cigarro e conversando sobre algo que os faz jogar a cabeça para trás e rir.

Você não vão rir por muito mais tempo, cuzões.

Pelas informações que conseguimos juntar da patrulha que fizemos nos últimos dois dias, cerca de vinte e dois homens ocupam e controlam o complexo a qualquer momento.

Já tivemos probabilidades piores.

Eu olho para o meu relógio ansiosamente. Quanto mais cedo isso acabar, mais cedo poderemos voltar às nossas vidas normais,

ajudar as pessoas fazendo a única coisa em que somos bons: isto.

Podemos não ser heróis, mas somos tudo o que algumas pessoas têm, incluindo Avery. Eu fui tudo o que ela tinha depois que seu avô morreu. Com um pai inexistente e uma mãe viciada em drogas, ela não tinha ninguém com quem contar, exceto eu. Falei para ela que nunca iria embora, mas foi o que fiz. Pode até ter sido ela quem preencheu os papéis, mas fui eu quem a levou a isso.

Eu não lhe dei escolha.

Mas eu tomaria a mesma decisão várias vezes para protegê-la, porque esse sempre será meu trabalho. Mesmo que não sejamos casados, mesmo que não estejamos juntos. Mesmo que vivamos em lados opostos do país. Sempre cuidarei dela da maneira que puder, mesmo que ver Avery sem estar com ela me mate aos poucos todos os dias.

Meu relógio alcança a hora marcada e os tiros ressoam em perfeita harmonia. Todos os holofotes se estilhaçam e apagam, e os próprios homens que guardavam o exterior sucumbem às balas. Com Mouth e Flash mirando, esses homens não tiveram chance, e agora temos a vantagem da escuridão.

É nela em que vivemos, em que prosperamos, em que me torno Chaos.

Reaper, Cutter, Flash e eu descemos em direção ao desfiladeiro, os olhos fixos nos vários prédios, esperando a resistência surgir, porque esse tipo de homem não cai sem lutar.

Tudo bem. Nós gostamos da luta. Faz nosso sangue bombear e nos faz sentir vivos. Estamos prontos para isso. Qualquer pensamento em Avery foi substituído pelo foco absoluto do Chaos que precisa destruir qualquer ameaça.

Eu corro com Reaper em direção à casa principal, o lugar mais provável de Perez estar escondido, enquanto Cutter e Flash limpam os prédios da periferia e o resto do complexo, com Mouth fornecendo cobertura.

A casa surge diante de nós, uma grande e opulenta vila digna de um rei, mas de acordo com Preacher, quem quer que esteja comandando o cartel fez de tudo para manter sua identidade oculta. Incomum, considerando que a maioria dos chefes de cartel exibe sua riqueza e poder publicamente para manter as pessoas vivendo em constante medo.

Quem quer que seja esse cara, agora ele está abrigando nosso alvo principal, e não há poder de fogo suficiente para nos impedir de lhe dar o que merece.

Reaper e eu paramos do lado de fora da porta da cozinha que escolhemos como nosso ponto de entrada e esperamos. Seres humanos são previsíveis, em especial os burros, e a maioria dos homens neste

cartel não passam de músculos, só estão aqui para intimidar e puxar o gatilho sem pensar quando alguém manda. Eles virão correndo direto para nós agora que ouviram os tiros.

Passos pesados logo atrás da porta confirmam que estou certo, e ela se abre sem nenhuma preocupação com o que está do outro lado. No segundo em que o primeiro homem passa, coloco uma bala em sua têmpora enquanto Reaper atira no amigo que vem logo atrás.

Ambos caem no chão, e nós pegamos suas armas e avançamos no mesmo instante, atravessando o corredor dos fundos em direção à parte principal da casa.

Tiros soam em algum lugar do lado de fora, provavelmente Cutter e Flash em um dos outros edifícios.

Cozinha... limpa.

Escritório... limpo.

Sala de estar... limpa.

Descemos o corredor em direção aos quartos, mas algo na parede chama minha atenção e eu congelo. Sinalizo para Reaper parar e gesticulo em direção à foto de Perez com o braço em volta de um rosto familiar.

Putá merda.

Cerro a mandíbula e aperto mais a arma.

Achávamos que Perez não iria querer que o cartel ficasse sabendo de seu erro porque isso o tornaria um alvo, mas ele não precisa se preocupar com isso. Porque é tudo da família...

O cartel.

A casa.

A terra.

Tudo pertence a Perez e ao homem ao seu lado, que se parece tanto com ele que só podem ser irmãos, talvez até gêmeos.

Agora temos dois deles com que nos preocupar.

Porra.

Seguimos pelo corredor, limpando cada quarto vazio até finalmente chegarmos a um conjunto de portas duplas enormes que devem levar à suíte master.

Se ele está aqui, só pode ser neste cômodo. Estendo a mão para abrir a pesada madeira que nos separa de nosso alvo, e tiros a atravessam. Reaper e eu mergulhamos para o lado, pressionando as costas contra a parede, mas não sou rápido o suficiente, e a dor queima meu braço, a bala cravando fundo na carne.

Porra.

Cerrando os dentes, olho para Reaper, que parece bem.

Ele acena em direção ao meu braço.

— Tudo bem?

Concordo com a cabeça.

Não, na verdade

A dor se espalha pelo braço e pelo ombro, o sangue jorra na hora, mas empurro a dor para o fundo da minha mente para me concentrar na ameaça do outro lado da porta, agora destruída.

Reaper sinaliza o que ele quer que eu faça, e esperamos pelo som que entrega que um cartucho está vazio.

Quem está atirando tem que recarregar a arma, o que nos dá uma brecha.

Nós dois voltamos para a madeira, que agora parece um queijo suíço, e Reaper a abre com um único chute forte. Ela se estilhaça facilmente e nós atiramos sem hesitar, Reaper tomando o lado esquerdo da sala, eu o direito.

Lanço uma torrente de balas em quem quer que esteja aqui. Um homem grita e cai no chão. Mais dois caem, protegendo-se de nosso ataque atrás de uma cama enorme no centro do quarto, mas agora que eles tiveram tempo de recarregar, Reaper e eu avançamos e abatemos antes que possam atirar novamente.

Menos três.

Examino o espaço rapidamente em busca de qualquer outra ameaça, mas está silencioso e vazio, exceto pela mobília de realeza.

Onde diabos está Perez?

Reaper me segue por um pequeno corredor que deve levar ao banheiro. Um breve vislumbre de movimento à minha esquerda é o único aviso que recebo antes que outra bala me atinja bem no peito.

Cambaleio, por sorte o tiro acertou meu colete à prova de balas. Arranca todo o ar dos meus pulmões, mas devolvo o fogo enquanto tropeço para trás, meus ombros batendo na parede atrás de mim. Da minha direita, Reaper dispara um único tiro e acerta meu agressor.

O homem cai no carpete dentro do armário onde estava escondido, e eu me esforço para respirar, agonia envolvendo meu peito e braço. Reaper entra no armário e fica de pé sobre o cara, e eu obrigo meus pés a se mexerem, ainda incapaz de respirar, e ando custosamente até eles com as pernas trêmulas.

Não vou deixar uma bala me impedir de pegar esse filho da puta. Empurro Reaper para fora do caminho, me apoio no batente da porta e olho para o homem no chão.

Ele rola em nossa direção, com um sorriso sangrento e sinistro no rosto. Pode ser Perez, ou pode ser seu irmão. De qualquer forma, não importa. Ambos precisam morrer para este mundo se livrar das verdadeiras ameaças.

— Você acha que ganhou? — Ele balança a cabeça enquanto o sangue jorra de seus lábios, a ferida aberta em seu peito é um tiro letal. — Você não fez nada.

Pressiono seu peito com o pé, bem sobre a ferida, garantindo a maior dor possível.

— Quem é você?

Ele tenta rir, mas tudo o que sai é um som estrangulado e gorgolejante.

— A questão é... quem é *você*? — Ele tosse com mais sangue e se mexe desconfortavelmente sob meu pé. — Você está muito atrasado, Kalen Riggs.

Meu nome saindo de seus lábios faz Reaper e eu congelarmos.

— Como diabos sabe meu nome?

Um sorriso lento se espalha em seus lábios vermelhos.

— Você não é o único com amigos poderosos, sr. Riggs. Amigos que podem encontrar qualquer pessoa, em qualquer lugar. Até sua ex-esposa.

— Porra.



Avery

Viktoria espia pela janela mais uma vez, olhando para a rua tranquila, mordendo o lábio, o pé balançando para cima e para baixo.

— Tem algo de errado.

Sentada na poltrona, puxo meus joelhos para o peito, os abraço e descanso a cabeça neles, observando a mulher que costuma ser tão calma começar a perder a tranquilidade aos poucos.

— Achei que o papel de ficar desnecessariamente nervosa fosse meu.

Ela olha para mim com uma sobrancelha franzida e balança a cabeça.

— Não é desnecessário. — Seus olhos disparam para o relógio, seus lábios se torcendo em uma carranca. — Já deveríamos ter recebido notícia deles agora.

Os últimos dois dias, esperando novidades de Reaper e Kalen, foram de pura agonia, não fizemos nada além de andar de um lado para o outro, nos preocupar e imaginar todos os cenários horríveis possíveis. É difícil não saber no que eles estão entrando e enfrentando.

Fiz o meu melhor para tentar não pensar demais, para manter a calma e confiar que Kalen voltará como prometeu.

Ele disse que levaria alguns dias para patrulharem a área e entrarem, então ainda não temos motivos para nos preocupar, ou pelo menos, é o que continuo dizendo a mim mesma.

— Talvez eles não tenham como nos atualizar?

Vik balança a cabeça.

— Não. Reaper tem me enviado mensagens com atualizações a cada poucas horas, e ele disse que iriam invadir hoje à noite e entrariam em contato comigo antes de embarcarem no avião para voltar.

Verifico o relógio do micro-ondas.

— É apenas meia-noite. Talvez eles tenham sido retidos?

Ela morde a bochecha, fecha as persianas e volta até onde estou.

— Você sabe que não sou de exagerar, mas depois do que aconteceu com eles quando estávamos em Nova York, fico um pouco desconfiada sobre essa história toda de enfrentar contra um cartel inteiro.

— O que aconteceu em Nova York?

Pelo que sei sobre Kalen, sua vida nos últimos quatro anos é um completo mistério para mim, e não tive coragem de fazer perguntas. Mas Vik parece estar falando de algo importante, e Deus sabe que Kalen provavelmente nunca vai me dizer uma palavra sobre isso.

Vik anda pela sala, olhando toda hora para o celular no balcão.

— Reaper, Mouth, Chaos e eu derrubamos uma rede russa de tráfico humano.

— Vocês, *o quê?*

Ela oferece um sorriso sem humor.

— Sim, é uma longa história, e nem preciso dizer que testemunhei em primeira mão do que os caras são capazes, mas também vi Reaper quase morrer. Ele quase não saiu dessa missão com vida, e agora eles não estão enfrentando um bandido local qualquer. — Vik faz uma pausa, oferecendo um meio sorriso. — Estou me esforçando muito para não ter um colapso.

— Você não acha que aconteceu alguma coisa, acha?

Com os lábios pressionados em uma linha firme, ela balança a cabeça.

— Não sei. — Ela inspira fundo. — Não. Eles estão bem. São profissionais. Sabem o que fazer e como fazer. Eu só tenho que confiar que eles estão bem e há algum motivo válido para Reaper não ter entrado em contato ainda.

— Sim, faça isso. — Dou a ela o que espero ser um sorriso reconfortante. — Sei que é difícil se preocupar com alguém que você ama.

Vik acena com a cabeça lentamente.

— Reaper e eu somos... complicados. — Ela ri de leve. — Embora não tão complicados quanto você e Chaos.

— Não é verdade? — suspiro e me inclino para trás na poltrona, deixando meus olhos se fecharem. Ter dormido mal por dias

está cobrando seu preço, mas sei que não vou conseguir descansar até ter certeza de que todos estão seguros.

— Você já pensou em falar com Chaos quando ele voltar?

Ela não precisa esclarecer sobre o *que* eu deveria falar com ele. Os últimos dias me deram tempo para confessar a Viktoria tudo que tenho escondido de Kalen... e explicar o porquê.

— Só tenho pensado nisso. Assim tenho outra coisa com que ficar obcecada além da minha preocupação.

Sua risada sem humor enche o pequeno apartamento.

— Ai, meu Deus, que dupla nós formamos.

— Você sabe por que nunca vou poder contar a ele...

É o mesmo debate que venho tendo em círculos, tanto comigo mesma quanto com Vik, desde que os caras viajaram. Se Kalen sair vivo disso, não posso destruí-lo com a verdade.

Seria muito doloroso para ele superar.

— Acho que você precisa dar a ele algum crédito e confiar que ele aguenta.

— Como você precisa confiar que eles estão bem e vão ligar quando puderem?

Um sorriso aparece em seus lábios.

— Touché.

Quase como se respondesse ao meu comentário, o telefone dela toca e vibra do outro lado do balcão. Ela corre e apanha o aparelho enquanto eu prendo a respiração.

— Reaper... qual é o status?

Ela se vira para mim com os olhos arregalados.

Eu me endireito, meu corpo inteiro fica tenso vendo o pânico em seu olhar.

— Qual o problema?

Levantando a mão para me silenciar, ela balança a cabeça.

— Certo. — Ela se apressa em direção à janela e espia pelas persianas de novo. — Entendi. — Ela encerra a ligação, enfia o telefone no bolso e olha para a rua em frente à oficina. — Coloque os sapatos.

— Quê? — Um arrepio se espalha pela minha pele, eliminando instantaneamente a confiança que fiz tanta força para manter há poucos instantes. — O que foi?

— Coloque os sapatos. — Suas palavras saem afiadas, como uma ordem de policial, não um pedido de amiga. — Agora!

Eu assinto com a cabeça, tentando descobrir o que está acontecendo enquanto ela puxa a arma do coldre no quadril.

— O que está acontecendo?

Ela vira a cabeça em minha direção.

— Coloque a porra dos seus sapatos. Temos de *ir*.

— Ir? — Me levanto da poltrona com as pernas trêmulas. Sinto meu coração parar enquanto tento processar o que está acontecendo.
— Ir aonde? O que diabos está acontecendo?

Viktoria solta a trava de segurança da arma e verifica a janela.

— Eles estão a caminho do avião agora, mas acham que Perez sabe onde você está.

— O quê? Como isso é possível?

Eu deveria estar *segura* aqui. Kalen disse que não havia como este lugar ser rastreado até ele, mesmo que alguém fizesse a ligação entre nós dois.

Como Ricardo poderia ter me encontrado aqui?

Viktoria balança a cabeça.

— Não sei. Eles apenas disseram para dar o fora. Então é isso que vamos fazer. O resto a gente descobre mais tarde.

— Ai, meu Deus... — Cubro a boca com a mão para me impedir de vomitar. — Eles estão bem? Vão nos encontrar em algum lugar?

Ela corre para a cozinha, pega as chaves no balcão e volta para a janela.

— Sapatos. *Agora!*

Sapatos.

Coloque os sapatos.

Tropeço com os pés instáveis em direção ao quarto, pego meus sapatos do chão do lado de dentro da porta e os calço enquanto me aproximo dela na janela. Não me passou despercebido que ela não respondeu à pergunta.

— Responda, Viktoria. Eles estão bem?

Seu olhar duro encontra o meu por um segundo.

— Kalen foi baleado.

É a segunda vez que ouço essas palavras. A primeira foi o começo do fim do nosso casamento, e agora parece que estou prestes a perdê-lo de vez.

A sala se transforma em túneis ao meu redor, minha visão escurece nas bordas, e eu tropeço para frente e apoio a mão na parede para não cair.

— Ai, meu Deus... ele está...?

Ela balança a cabeça.

— Não sei. Não podemos nos preocupar com isso agora. Está fora do nosso controle. Eu tenho que tirar você daqui. Você é minha principal preocupação.

— Mas...

Sua mão aperta meu braço.

— Sem *mas*. Anda. — Ela faz um gesto para que eu vá em direção à porta, mas depois congela. — Merda.

— O que é?

O corpo de Viktoria enrijece, seu foco concentradíssimo na rua.

— Estamos prestes a receber uma visita que não parece muito amigável.

As balas atravessam a frente da janela, quebram o vidro e jogam fragmentos em nós.

Viktoria avança em minha direção, me derruba no chão e me cobre com seu corpo.

Outra saraivada de balas perfura a parede e voa pela janela agora aberta, batendo no lado oposto da sala, penetrando a cadeira de Kalen e o balcão da cozinha.

Meu coração troveja contra as costelas, meus ouvidos zumbem por causa do barulho dos tiros. Vik empurra minhas costas.

— Fique abaixada.

— O...o que a gente faz?

Ela rasteja de volta para a janela e estende a mão para atirar.

— Vá para o quarto. Veja se consegue sair pela janela.

— Quê? Não posso deixar você!

— Pode, sim! — Ela me olha feio, então se vira e dispara mais alguns tiros em quem está do lado de fora. — Se não der pra sair, se esconda como se sua maldita vida dependesse disso.

Afastando o medo que ameaça me paralisar, eu me arrasto pelo chão de madeira desgastado o mais rente que consigo, com lágrimas escorrendo pelo rosto e embaçando minha visão. Minha mão bate na porta do quarto. Abro com um empurrão leve e rastejo para dentro, então bato a porta atrás de mim antes de estender a mão trêmula e trancar a fechadura.

Nunca mais tranque essa maldita porta.

A voz de Kalen soa em meus ouvidos e um soluço sobe pela minha garganta. Aperto a mão sobre a boca e examino o quarto. A janela é muito pequena para eu passar, e o colchão repousa no chão, sem cama para eu me esconder embaixo.

Meus olhos pousam no baú de Kalen. Sem nem pensar, corro até ele, abro e congelo. Uma foto nossa está em cima de suas roupas, nossos rostos sorridentes muito mais jovens olham para mim como se para me provocar com o tempo em que éramos tão ingênuos e esperançosos.

Ele tem que estar bem.

Ele tem que voltar para mim.

Empurro a pilha de roupas para o lado para abrir espaço, então entro e me enrolo no espaço apertado, descansando a cabeça nas camisas que costumavam me trazer tanto conforto, impregnadas com seu cheiro. Este baú guarda os pertences pessoais de Kalen desde o dia em que se alistou, é o único lugar em que guarda as coisas que lhe são

mais importantes. E, agora, é minha única esperança de salvar minha própria vida.

Meus dedos se curvam ao redor do porta-retrato e eu o seguro junto ao peito, tapando a boca com a outra mão para não gritar e entregar onde estou me escondendo.

O tiroteio para... os únicos sons vêm da minha própria respiração e do sangue correndo em meus ouvidos. Eu me esforço para ouvir mais alguma coisa através da caixa fechada, qualquer pista sobre o que pode estar acontecendo com Vik na sala de estar.

Estalos agudos... tiros.

Mais perto, desta vez.

Vik!

Engulo o choro e fecho os olhos com força, pedindo a mim mesma para permanecer em silêncio. Prendo a respiração e espero na escuridão total do que pode se tornar meu caixão.

Passos pesados...

Um estrondo, a porta do quarto arrombada...

Palavras que não entendo em espanhol...

Continuo prendendo a respiração, agarrada à foto como se fosse minha esperança de que Kalen esteja bem.

Por favor, Deus, faça com que vão embora...

A tampa se abre e eu ataco com o porta-retrato, a única arma que tenho, mas mãos fortes se abaixam, me agarram e me puxam de pé.

Uma fração de segundo depois, o mundo volta a escurecer.

CAPÍTULO 14

Avery

O mundo ao meu redor volta ao foco aos poucos. Luz turva rompe a escuridão, mas com ela vem a dor. Um latejar constante na minha têmpora direita, diferente de tudo que já senti antes. Estremecendo, tento tocá-la, mas algo prendendo minhas mãos nas costas belisca meus pulsos com força.

— Que merda é essa? — minha voz sai áspera e torturada, como se eu tivesse bebido cascalho ou gritado sem parar.

Abro meus olhos lentamente, minha visão está embaçada e o cômodo ao meu redor se inclina como se estivesse em um navio navegando as ondas ferozes de um oceano agitado. Lembranças de carpete bege. Uma cama desconhecida de madeira escura. Cortinas marrons sobre uma janela alta.

Onde diabos estou?

— Bom dia, Avery — a voz familiar de Ricardo me acorda por completo e me traz de volta ao presente. — Ficou inconsciente por bastante tempo.

As memórias do que aconteceu ontem à noite vêm à tona, ameaçando me dominar de uma vez, e eu torço o pescoço, examinando o quarto desconhecido e tentando encontrá-lo.

Ele está apoiado no batente de uma porta à minha direita, me observando com uma curva presunçosa nos lábios, braços cruzados sobre o peito, e vestindo camisa branca imaculada e calças pretas perfeitamente passadas.

É a mesma coisa que ele usava todos os dias: sempre bem vestido, sempre equilibrado, sempre *perfeito*.

Como não percebi?

Como eu não sabia o que ele estava fazendo?

Eu engulo em seco com a garganta desidratada e áspera.

— O que você quer? Cadê a Vik?

Ele levanta uma sobrancelha escura.

— Está falando da outra mulher na casa do seu marido? Tenho

certeza de que já morreu de hemorragia agora.

Não!

A indiferença com que ele diz as palavras enfia uma faca em meu estômago, e a dor física me deixa sem ar. Novas lágrimas caem pelo meu rosto e balanço a cabeça, fechando os olhos com força, recusando-me a aceitar o que ele diz como verdade.

— Não, não pode ser. Ela não pode...

Ricardo se afasta do batente da porta e caminha devagar em minha direção, casualmente, como se ele não tivesse acabado de admitir ter matado Viktoria, além de tudo mais que sei que ele fez.

Este cara é um monstro, disfarçado de homem de família atencioso e honesto, com um negócio próspero que ajuda imigrantes e aqueles que lutam para realizar o sonho americanos.

Antes de hoje, eu não sabia qual era a aparência da maldade, até que vi o homem com quem costumava almoçar, com quem costumava rir, em quem costumava confiar, olhar para mim com um desinteresse tão vazio. Ricardo não se importa com o que acontece comigo. Não sou nada mais do que um obstáculo para ele, alguém a ser removido por qualquer meio necessário.

Ele para na minha frente e me oferece o mesmo sorriso que usa há anos. Seus olhos duros suavizam um pouco, e ele balança a cabeça e estala os dentes.

— É uma pena mesmo você e Amelia terem descoberto tudo aquilo. Sempre foram funcionárias tão boas.

— O que você quer? Por que não acabou de me matar? Você já tentou uma vez.

Ele assente devagar.

— Estou impressionado por ter escapado de Manuel. Ele é muito bom em seu trabalho, mas você o superou. — Um sorriso se espalha em seus lábios. — Impressionante. Aprendeu isso com seu marido?

— Ex-marido.

— Certo. — Ele sorri de novo. — Eu vi a certidão do divórcio quando estava investigando seu passado, tentando descobrir para onde você poderia ter fugido depois de tudo que viu. — Ele caminha na minha frente, as mãos cruzadas atrás das costas. — Você me custou muitos homens bons.

— Por que você matou Amelia?

— Qual é, Avery... — Ricardo balança a cabeça. — Eu não podia deixá-la continuar investigando de onde vinha o dinheiro. Nós dois sabemos disso.

Solto um soluço e abaixo a cabeça.

— Você não precisava matá-la.

Ele se agacha na minha frente e levanta meu queixo com um

dedo firme.

— Precisava, sim. Mas assim que eu arrancar algumas respostas suas, você a verá novamente.

Minha ficha cai.

— É por isso que você ainda não me matou... você *precisa* de algo de mim.

Ele sorri novamente.

— Seu ex-marido e os amigos dele me causaram muitos problemas nos últimos dias. Preciso dos nomes de todos. Saber como encontrá-los. Porque tenho certeza de que são espertos o suficiente para não voltar para a casa dele agora que a descobrimos, o que não foi fácil, por sinal. Demorou dias analisando as imagens da câmera do semáforo para descobrir quais veículos estiveram na área de *South of Border* antes de ser destruído e então segui-los pela cidade por meio de outras câmeras e restringir um local.

Foi assim que eles encontraram a casa de Kalen.

Subestimamos Ricardo e seus recursos. Preacher é o nosso mago da computação, mas parece que Ricardo tem pelo menos um à sua disposição nessa empreitada sinistra.

Eu me recuso a dar a ele qualquer coisa que possa ajudá-lo, *não* importa o que ameace fazer comigo.

— Eu não vou te contar nada.

Ricardo ri e balança a cabeça.

— Todos dizem isso, mas deixe-me dizer uma coisa, Avery. Todo mundo, e eu quero dizer *todo mundo mesmo*, fala; até mesmo os homens mais bem treinados de algumas das famílias mais violentas. — Uma suavidade toma conta de seu olhar e, por uma fração de segundo, vejo o homem que conheço há todos esses anos. — Eu não quero ter que fazer isso, Avery, mas farei o que for preciso para te obrigar a falar.

Não tenho dúvidas de que está sendo sincero e vai infligir muita dor para conseguir o que quer, mas estou disposta a suportar qualquer coisa para proteger os caras.

— Não sei de nada. De verdade. Ele sempre me manteve na ignorância para me proteger.

Ele assente devagar.

— Homem esperto, mas você provavelmente sabe mais do que pensa, e assim que eu tiver certeza de que tenho todas as informações que você pode me oferecer, acabarei com seu sofrimento.

— Eles virão atrás de mim, sabe.

Uma risada baixa e sombria ressoa em seu peito.

— Eles nunca vão te encontrar aqui.

Passos soam no corredor do lado de fora do quarto, e um homem estoico entra segurando um telefone.

— Senhor, algo aconteceu no complexo.

Perez se levanta, olha para mim sem dizer uma palavra e se dirige para o corredor, de costas para mim. Ele fala com alguém ao telefone, seu corpo enrijece. Quando volta a se virar, é um homem completamente diferente.

Seus olhos estão frios e sem emoção.

O corpo, tenso.

Punhos ao lado do corpo.

Este é o *verdadeiro* Ricardo Perez. A parte que conseguiu esconder de mim, de Amelia, de sua própria esposa e filhos.

— Seu ex-marido e os amigos dele mataram meu irmão no México. Alguém conseguiu me avisar agora. — Suas palavras vibram de raiva. — Acabei de voltar de lá, tinha me reunido com ele para coordenar uma resposta ao problema que você causou. Eles não me pagaram por questão de horas.

— Que bosta de sorte.

Seu punho ataca e me soca na mandíbula, jogando minha cabeça para trás e me deixando sem ar. Arquejo, tentando respirar em meio à agonia, e ele se agacha na minha frente de mandíbula cerrada, flexionando a mão com a qual ele acabou de me bater.

— Agora, você vai me contar tudo o que sabe. Chega de joguinho. Chega de gentileza. O tempo para tudo isso já passou.



Chaos

O carro passa um buraco, me sacudindo com violência no banco de trás, e eu faço uma careta e cerro os dentes contra a dor que ameaça me fazer desmaiar.

— Caralho, dirige direito, idiota. Mal saímos vivos do México, e agora você está tentando me matar na porra do caminho pra casa.

Reaper olha para mim pelo espelho retrovisor, sua mandíbula dura.

— Cala a boca. Se *desse* pra ir mais rápido, eu iria, mesmo que isso te matasse.

Ele passa por um sinal vermelho, e um carro buzina, pisando no freio para evitar colidir conosco no cruzamento.

— Ela ainda não está atendendo?

Desde que Reaper ligou para Viktoria horas atrás do México, ganhei e perdi a consciência algumas vezes, o que me deixou em desvantagem em termos de saber o que diabos está acontecendo. Eu nem sei quanto tempo se passou desde que pousamos.

Ele balança a cabeça.

— Ainda não.

A agonia que sinto corresponde ao que suas palavras significam.

Aquele filho da puta no México disse meu nome. Ele sabia quem eu era e o que Avery era minha, o que significa que ela e Viktoria estão em perigo. Não ser capaz de entrar em contato com elas durante o voo agonizantemente lento de volta aumentou a tensão, além do fato de que meu corpo parece decidido a sangrar até a morte antes de encontrá-las.

Eu me esforço para sentar e tudo gira ao meu redor. O sangue escorre pelo meu braço, apesar do torniquete e do curativo temporário que fizemos no caminho para a merda da pista de pouso que usamos para entrar e sair do México.

Mouth se vira para olhar para mim do banco do passageiro da frente, uma única sobancelha levantada.

— Estou vivo. Isso é tudo que posso dizer agora.

Ele acena com a cabeça e volta a olhar para o telefone de Reaper em sua mão, ligando para Viktoria a cada poucos minutos enquanto tentamos voltar para minha casa.

O semáforo à nossa frente fica vermelho e o tráfego cruzado acelera pelo cruzamento à nossa frente. Reaper pisa no freio, incapaz de atravessar o mar de veículos sem matar todos nós.

Ele dá um soco no painel.

— Por que diabos ela não está atendendo?

— Talvez as duas estejam em algum lugar em que ela não pode atender. Escondidas.

É uma ilusão, mas é a única coisa que me impede de cair na escuridão que ameaça me invadir por todos os lados, ou de empurrar Reaper para fora do banco do motorista e disparar direto para o tráfego para tentar encontrar Avery.

Se eu não acreditasse que Viktoria morreria antes de deixar algo acontecer com Avery, eu nunca a teria deixado aqui. O fato de não conseguirmos falar com elas me faz quase vomitar de novo no banco de trás.

O toque do telefone de Reaper na mão de Mouth me faz erguer a cabeça de supetão, e Mouth entrega o aparelho para Reaper.

Reaper leva o telefone ao ouvido, a outra mão apertando o volante.

— Vik? — Ele escuta por um momento, então seus olhos se arregalam. — O quê? Onde ela está? Ela está bem? — Ele olha para nós dois, com pânico nos olhos. — Certo, já tô indo.

Ele encerra a ligação e devolve o telefone a Mouth.

— Ligaram do hospital Johns Hopkins. Viktoria foi levada pra

lá com três ferimentos de bala.

Eu me desloco ligeiramente para frente.

— Porra...

— Ela está viva, mas...

— Avery?

Ele balança a cabeça.

— Foi levada sozinha. A mulher do hospital ligou do celular da Vik. Ela disse que só ligou de volta para o número que viu que estava ficava ligando repetidamente. Ela não sabe de nada além de que Viktoria foi levada pra lá e está recebendo atendimento.

Meu coração fica apertado, tornando impossível respirar. Os nós dos dedos de Reaper ficam brancos no volante.

— Temos que ir para o hospital.

— Não. — Eu balanço a cabeça, tentando afastar o pânico e a névoa causada pela perda de sangue. — Eu tenho que saber o que aconteceu com Avery. Ela é...

Eu não consigo nem dizer as palavras.

Ela é tudo para mim...

Se alguma coisa acontecer com ela, vai ser meu fim. Não sobraria nada, não haveria razão para continuar, para continuar lutando pelo que é certo.

O sinal fica verde e Reaper pisa fundo no acelerador.

— Nós vamos passar pela sua casa e ver o que está acontecendo, e depois vamos direto pro hospital.

Prendo a respiração pelo resto do caminho até lá, incapaz de pensar, incapaz de sentir, incapaz de fazer qualquer coisa além de imaginar o corpo sem vida de Avery deitado no chão da merda do meu apartamento.

Reaper permanece estoico e silencioso, e quanto mais nos aproximamos da minha rua, mais tenso fico, o que só faz meu braço doer mais e meu coração ameaçar parar de bater a cada quarteirão que passa. A rua à frente está repleta de viaturas, impedindo que alguém vire em direção à minha casa.

Eu me inclino um pouco para a frente, descansando o braço bom na beirada do assento de Mouth.

— Preciso saber o que aconteceu lá em cima.

Reaper para no meio-fio pouco antes do bloqueio.

— Eu preciso ir atrás da Viktoria.

Mouth de um para o outro, e eu aceno para ele.

— Vá. Veja quais informações consegue. Manda uma mensagem assim que souber de alguma coisa.

Ele assente com a cabeça, pula do carro, corre até o bloqueio e depois desacelera para caminhar como quem não quer nada em direção aos policiais, enquanto Reaper faz uma curva para a direita.

Relaxo no banco e procuro a arma na minha mochila no chão.

— Eu não vou para o hospital com você.

Reaper olha para mim pelo retrovisor.

— O quê?

— Vou atrás dele.

Ele franze a testa para mim.

— Você mal está conseguindo sentar direito. Você não vai atrás de ninguém.

Aperto ainda mais o torniquete em volta do meu braço.

— Eu tenho mais algumas horas antes que isso se torne letal. De qualquer forma, não posso entrar desse jeito no hospital com você.

— Merda. — Reaper esfrega a nuca com uma mão e fixa seu olhar no meu pelo espelho. — Você não quer esperar pelo reforço?

— Vá cuidar da sua mulher, e eu vou encontrar a minha.

Meu telefone vibra no bolso e eu estremeço, virando de lado para pegar o aparelho.

— É do Mouth.

Nenhuma van do legista.

Um pouquinho do peso que estava ameaçando esmagar meu peito se alivia.

— Disse que não tem van do legista lá.

Reaper solta um suspiro aliviado.

— Então, ela não está...

— Não.

Pelo menos, ainda não.

Se os homens de Perez entrassem em minha casa com a intenção de matá-la, ela estaria morta. O que significa que ele quer algo dela. Ele tem algum motivo para mantê-la viva, provavelmente temporariamente.

A polícia só quer me contar que foi um tiroteio.
Com uma única vítima.

— Os policiais estão dizendo que houve um tiroteio com uma única vítima.

Reaper acena com a cabeça.

— Então Avery já não estava quando os policiais chegaram. Você acha que ela escapou?

Eu balanço a cabeça.

— Eu adoraria acreditar nisso, mas acho que não. Ela teria tentado encontrar uma maneira de entrar em contato conosco, teria nos deixado uma mensagem de alguma forma. Acho que os caras de Perez a levaram.

— Para onde?

— Porra, eu não sei, mas sei por onde começar. Me dá a lista. Reaper me espia por cima do ombro.

— A lista?

Concordo com a cabeça, e ele se inclina, abre o porta-luvas e tira a lista que Preacher nos deu de todas as propriedades ligadas a Perez. *South of Border* já virou fumaça, assim como o armazém onde Perez fazia a maior parte de seu trabalho sujo. Isso risca dois endereços da lista, mas, deixa uma dúzia de outros.

— Vou começar com os lugares que ele tem mais probabilidade de levá-la, os estabelecimentos fechados e os prédios remotos, depois vou descendo a lista. — Aperto o ombro de Reaper. — Me mande uma mensagem com qualquer atualização assim que vir Vik.

Ele concorda.

— Me deixa no hospital e peça para Mouth vir te encontrar.

Balanço a cabeça.

— Não, você precisa que Mouth vigie o hospital, caso eles vão atrás de Viktoria de novo.

Reaper rosna para mim, a raiva brilhando em seus olhos.

— Você não pode ir atrás deles sozinho.

— Não só posso como vou. Vou trazer Avery de volta, não importa o que aconteça.

CAPÍTULO 15

Chaos

La Cantina não parece diferente de nenhum dos outros restaurantes ou edifícios que já visitei e explodi esta noite tentando encontrar Avery.

Tentando... e falhando.

Onde eles estão, cacete?

Perez deve estar com ela em *algum lugar*, e este é o último edifício da lista de Preacher. Se ela não estiver aqui...

Não.

Eu não consigo nem pensar nisso. Se começar a considerar essa possibilidade, vou perder o foco, e a crença de que vou encontrá-la é a única coisa que me impede de desmoronar agora.

Meu corpo ameaça me trair, a desistir quando estou determinado a continuar. Só aconteceu uma outra vez, e foi quando meu mundo inteiro foi pelo ralo. Quando destruí minha vida com Avery, quando explodi o mundo dela.

Aquilo não vai acontecer de novo.

Eu me recuso a falhar hoje, me recuso a falhar com *ela*. Mesmo que eu tenha que rastejar para dentro deste maldito prédio e lutar contra Perez com meu único braço bom, vou fazer isso, porra.

Não há outra opção a não ser *conseguir*.

Saio do carro, estremecendo com a agonia que agora envolve todo o lado esquerdo do meu corpo, e meu braço essencialmente inútil, pendurado de lado. Posso viver com a dor física, mas a ideia de perdê-la, de *qualquer coisa* acontecer com Avery, é demais para suportar.

Reaper deve estar perdendo a cabeça agora, esperando notícias de Viktoria. Deitada no hospital, indefesa, enquanto os cirurgiões tentam salvar sua vida. Perez vai pagar pelo que fez com ela, assim como por tudo que fez Avery passar. E se ele tiver machucado a porra de um fio de cabelo da cabeça dela, vou arrancar suas bolas e enfiá-las goela abaixo até ele sufocar.

Mas tenho que encontrar o filho da puta primeiro.

O prédio continua escuro, as únicas luzes são pontinhos verdes nas câmeras do lado de fora, voltadas para o estacionamento e para a rua. Eles saberão que estou aqui, mas isso não importa neste momento. Depois do que já fiz em todos os outros locais da lista, já devem saber que estou chegando.

O restaurante está fechado há horas, os funcionários já se foram. Ou Perez está com ela aí dentro, ou seus homens estarão esperando para me emboscar.

Dou a volta por trás, carregando a sacola no ombro bom, e desligo a energia do prédio. Cada passo pelo estacionamento em direção à entrada dos fundos exige cada grama de força que me resta, mas consigo colocar a carga na porta, explodi-la, e entrar.

O ar ainda está cheio de fumaça quando entro com a arma em riste, e examino o corredor dos fundos e a cozinha enquanto coloco as cargas necessárias para derrubar este lugar.

Vazio.

Despensa.

Vazia.

Banheiros.

Vazios.

A porra do prédio inteiro...

Vazio.

Assim como meu coração, sabendo que Avery está sendo torturada por aquele idiota e não consigo encontrá-los. Literalmente queimei o mundo dele procurando por ela, destruí tudo, matei até o irmão dele, e ainda assim, o que é mais importante para mim está em suas mãos perversas e cruéis.

A sala começa a girar, minha visão embaçando nas bordas — todo o esforço sem descansar nos últimos dias, combinado com a perda de sangue e uma provável infecção, criam um caos absoluto em meu corpo.

Lentamente, me abaixo até o chão de ladrilhos da cozinha e descanso a cabeça contra a geladeira, soltando um longo gemido. Perez e seus homens talvez não estivessem esperando por mim, mas agora eles sabem que eu eliminei o resto dos restaurantes e o motivo.

Só o que preciso fazer é esperar e, em breve, eles virão.

Meu telefone vibra no bolso, me inclino para o lado e o puxo para ler a mensagem de Reaper.

Ela ainda está em cirurgia. Pode levar mais algumas horas. Anya está vindo para cá.

Inferno.

No entanto, pelo menos ela ainda está viva.

Há uma chance.

Tenho esperança.

Tudo o que tenho é uma fé cega de que Avery está viva e que vou chegar a tempo.

Abro a sacola e confiro se tudo está pronto para quando os homens de Perez enfim aparecerem, e resisto ao desejo de minhas pálpebras pesadas se fecharem, e em vez disso me concentro nos últimos dias com Avery.

Foi preciso que ela caísse em algo tão ruim para ela enfim entrar em contato comigo, depois de tanto que a magoei. Ela sentiu que não podia, que não *deveria* entrar em contato comigo, por piores que as coisas tivessem estado nos últimos quatro anos. Eu não fazia ideia do quanto ela estava sofrendo. Com todas as duras realidades me encarando naquele momento, achei que fizera o certo por ela.

E ainda acho.

Assim que ela estiver segura, vou me certificar de que ela esteja longe de qualquer forma de perigo, até mesmo de mim. Vou colocá-la em algum lugar novo. Pacífico. Quietos. Em algum lugar onde ela possa recomeçar a vida sem a dor que eu causei, onde não haja nenhuma chance de entrar em conflito com alguém como Perez novamente.

E aí talvez eu consiga dormir, sabendo que ela está segura.

O som de um motor no estacionamento me tira das divagações, e seguro a arma com mais força, esperando o que quer que esteja passando por aquela porta.

Três portas de carro se abrem e fecham do lado de fora, seguidas por passos apressados no asfalto. Assim que os homens dobram a esquina do prédio e entram pela porta aberta, eu atiro e acerto dois com tiros no peito.

Onde está o terceiro?

Levanto com dificuldade e me arrasto até a porta, verificando se estão mortos mesmo. Chuto suas armas para longe, pressiono as costas contra a parede logo ao lado da soleira e espero. Outro minuto se passa, depois outro, antes que passos leves finalmente se movam em minha direção.

Vamos, filho da puta.

O homem faz uma pausa do lado de fora, olhando para seus amigos. Ele passa cautelosamente por cima dos corpos para entrar, com a arma apontada à frente. Disparo um tiro em sua mão e a arma logo cai sobre os corpos.

Ele grita e eu passo meu braço bom em seu pescoço, transferindo minha arma para o outro, ignorando a dor que o movimento causa. Eu o arrasto para trás, aplicando pressão em sua

traqueia e vias aéreas. Ele me agarra com a mão boa, a está outra pendurada de lado, meio estourada, com sangue pingando no ladrilho.

Colo as costas contra a parede e aperto seu pescoço com mais força, lutando contra meu desejo de acabar com ele imediatamente. Isso não vai me levar a lugar nenhum.

— Onde ela está?

O homem respira fundo, torcendo a cabeça para tentar aliviar a tensão nas vias aéreas.

— Não... sei...

Aperto mais o braço.

— Onde. Ela. Está?

Suas pernas começam a ceder, e eu relaxo um pouco antes que ele desmaie e não sirva para mais nada.

— E-eu não sei de quem você está falando.

Mentiroso de merda.

— Posso tornar isso muito doloroso para você. — Aperto mais uma vez com firmeza, pressionando suas vias aéreas e artérias. — Até conseguir a informação que quero.

Ele tenta gritar, tenta implorar por sua vida, mas tudo o que sai são suspiros e palavras indistinguíveis.

— Me diz onde está o seu chefe.

Seu corpo enrijece ligeiramente. Ele pode *até* não saber quem é Avery ou onde ela está, mas ele sabe onde o chefe está, e se eu encontrar Perez, eu a encontrarei.

— Desembucha.

— Numa casa. — Ele engole em seco contra o meu braço. — Na Umbra...

— Isso é tudo que eu precisava saber.

Eu forço meu braço quase inútil para cima, pressiono o cano na têmpora dele e puxo o gatilho. Ele imediatamente fica mole em meus braços, e eu o solto sem cerimônia como uma boneca de pano, passo por cima dele e pego a sacola. Passo por cima dos cadáveres sem olhar duas vezes e me afasto de *La Cantina* com energia e esperança renovadas.

Isso e a adrenalina são as únicas coisas que me mantêm de pé neste momento.

Corro para o SUV, dou partida e pressiono o botão detonador para as cargas que coloquei lá dentro. O lugar entra em combustão, as chamas saltam para o céu escuro, os corpos dos homens de Perez engolfados junto com os últimos vestígios de seus negócios aqui na área.

Agora só falta ele.



Meu corpo inteiro treme, meus dentes batem enquanto tento não desmaiar de novo. O sabor acobreado do sangue enche minha boca, vindo de um corte no meu lábio. Engasgo e cuspo no tapete sob a cadeira em que me prendeu o louco em quem eu confiara implicitamente um dia.

Ricardo paira sobre mim com os punhos cerrados ao lado do corpo, pronto para me golpear novamente. Fecho bem os olhos, tentando fazer o espaço parar de girar. Ele já me bateu tantas vezes que perdi a conta, e não aguento mais ver seu punho vindo na minha direção.

Mas, em vez de outro golpe, ele inclina meu rosto na direção do seu com uma mão quase gentil em meu queixo.

— Você sabe que eu não gosto de ter que fazer isso, Avery. Apenas me diga o que preciso saber, e tudo isso acaba.

Eu me esforço para formar palavras, minha respiração curta e dolorosa.

— Só tenho uma coisa pra te dizer. — Engulo em seco e travo os olhos com ele. — Vai se foder.

O golpe vem rápido e sem aviso, seu punho pesado acertando minha bochecha e mandando minha cabeça para trás. Arquejo quando a dor queima meu rosto e engulo a bile que sobe pela garganta.

— Eu não acho que você não está entendendo a situação em que se encontra, Avery.

— Eu já disse... não sei nada sobre nenhum dos amigos de Kalen, quais são seus planos, ou onde encontrá-los.

Parece que estamos nisso há horas. Ele continua perguntando, e eu continuo dando a mesma resposta enquanto meu corpo só fica mais machucado e espancado.

Ele agarra meu queixo com força entre os dedos.

— Eu não gosto de bater em uma mulher, Avery. Isso tudo pode acabar se você confessar.

— Eu não sei de nada. — Continuo repetindo as mesmas palavras, sem parar, mas ele não acredita em mim. — Eu não sei *de nada*.

Deve ser porque estou mentindo.

Kalen trabalhou com esses caras por muito tempo e, ao longo dos anos em que estivemos juntos, aprendi muitas informações sobre eles. Muitas coisas que seriam úteis para alguém como Ricardo, alguém que quer acesso a esses homens, mas de jeito nenhum vou dizer qualquer coisa a ele.

Não vou colocá-los na linha de fogo mais do que já coloquei. Eles já arriscaram suas vidas por mim várias vezes e já correm risco de

serem presos ou coisa pior se forem pegos. Não vou colocá-los em mais perigo do que já estão, permitindo que esse louco saiba algo pessoal sobre qualquer um deles. Mas talvez haja algo que eu *possa* dizer para ganhar algum tempo, para me manter viva por tempo suficiente até os caras me encontrarem.

— E-eu não sei nada sobre eles. Juro. Mas vou lhe dar outra coisa, algo ainda mais perigoso ainda pra você.

Uma de suas grossas sobranceiras escuras se ergue.

— O que seria?

— O pen drive em que Amelia guardou tudo o que encontrou.

Sua mandíbula aperta.

— Ela salvou tudo?

Aceno lentamente.

— Sim, e vou te dizer onde está. Só... posso tomar um pouco de água, por favor?

Não é a primeira vez que peço, mas um sorriso quase gentil se espalha em seus lábios, como se ele estivesse mesmo pensando em concordar desta vez para aliviar meus lábios secos e rachados, e o corpo machucado, em vez de me manter miserável, com sede e à sua mercê.

Uma pitada de suavidade toca seus olhos escuros, e ele se vira e inclina a cabeça para os capangas parados perto da porta, observando-o me torturar sabe-se lá há quanto tempo. Um deles desaparece no corredor, e Ricardo solta meu rosto, deixando minha cabeça pender, já que não tenho mais forças para sustentá-la.

Ricardo caminha na minha frente, cada vez mais com corpo tenso, quanto mais tempo estamos aqui, quase como se estivesse esperando que algo acontecesse, antecipando alguma novidade.

O homem retorna com uma garrafa de água. Ricardo tira a tampa, levanta meu queixo e a leva aos meus lábios. Eu bebo avidamente, a água fria escorrendo pelo meu pescoço e peito, um frescor gelado muito bem-vindo, embora minha boca ferida arda.

Ele afasta a garrafa, volta a fechá-la e a coloca no chão perto de seus pés.

— Agora, vamos conversar como a gente fazia no escritório.

Eu bufo com o absurdo da declaração.

— Como a gente fazia? Antes de eu te conhecer? Quer fingir que não sei que tipo de monstro você realmente é agora? Que eu não descobri o que você fez? Quantas vidas você arruinou?

Seus olhos já escuros ficam quase iguais a obsidianas, sua mandíbula endurece.

— Você não tem ideia do que eu fiz ou do que sou capaz.

O arrepio que se espalha por mim não tem nada a ver com o choque em que meu corpo está entrando, e tudo a ver com a ameaça

implícita em suas palavras.

— E sua esposa, seus filhos? Como pode fazer isso quando você tem uma família?

É o que eu sempre quis, o que sempre pensei que teria com Kalen em algum momento, e Ricardo está mentindo para eles, colocando-os em risco ao jogar esse jogo perigoso.

Ele zomba de mim.

— Estou fazendo isso *por* eles. Construí este império com meu irmão para sustentar nossas duas famílias, para garantir que poderíamos dar a eles tudo o que nunca tivemos quando éramos crianças.

— Vendendo drogas? Lavando dinheiro? Matando pessoas com veneno que colocam nas veias delas?

— É escolha deles.

— É assim que você dorme à noite? Dizendo isso a si mesmo?

Sua expressão endurece e um sorriso malicioso toma conta de seus lábios.

— Eu durmo em uma cama muito cara, em lençóis muito caros, às vezes ao lado de minha linda esposa que confia em mim e me ama, às vezes ao lado de uma prostituta cara que faz coisas que minha esposa nunca faria, e nunca tenho dificuldade para dormir.

— Você é um monstro.

— E seu ex-marido é o quê, hein? Depois do que *ele* fez nos últimos dias?

Sua pergunta me faz engolir o discurso, não porque eu ache que Kalen ou os caras são monstros, mas sim porque eu não quero defendê-los e, sem querer, dar qualquer informação que Ricardo possa usar para machucá-los.

Ele balança a cabeça, se endireita e anda na minha frente.

— Sabe, eu investiguei vocês dois depois que você nos viu no armazém e fugiu de Manuel, e é incrível como há pouco para encontrar. Considerando o que ele demonstrou nos últimos dias, aposto que é ex-militar, provavelmente fuzileiro, talvez um Ranger ou Força Delta.

Endureço minha expressão para não revelar o quão perto ele está da verdade.

— Suas habilidades certamente o ajudaram, mas se ele continuar nesta guerra contra mim, verá o verdadeiro poder da minha organização. Espero que já tenha visto.

Que diabos isso significa?

Um sorriso brinca em seus lábios, como se ele soubesse de algo que eu não sei. Seja o que for, ele acha isso superdivertido, e quase engasgo de medo mais uma vez.

— Veja bem, seu ex-marido e os amigos estão jogando um jogo

perigoso, atravessando a cidade esta noite e destruindo todas as minhas propriedades, mas isso significa que sabemos para onde eles estão indo. E meus homens vão acabar alcançando-os. Quando isso acontecer, não serão tão gentis com eles quanto fui com você. — Ricardo se agacha na minha frente novamente e volta a pegar a garrafa de água nas mãos. — Agora, por que você não me conta sobre o pen drive?

Só por cima da porra do meu cadáver.

Um telefone toca no corredor, e um dos homens de Ricardo o tira do bolso e atende. Ele olha para Ricardo com os olhos arregalados.

Ricardo se levanta.

— O que foi? Pegaram eles?

O homem balança a cabeça.

— *La Cantina* acabou de explodir e não tivemos notícias de Erik, Jorge ou Miguel.

— Porra, como? — Ricardo joga a garrafa de água contra a parede, o rosto ficando vermelho, os punhos cerrados ao lado do corpo. — Porra, *como* ele continua fazendo isso?

Antes que eu consiga me controlar, uma risada desliza entre meus lábios rachados e se espalha pelo ar.

Ricardo se vira e me encara feio.

— Você acha isso engraçado? O que ele está fazendo?

Faço que não com a cabeça, incapaz de deixar o sorriso.

— Não, acho engraçado que ele esteja vindo atrás de você e que você pense que pode escapar dele. Mal posso esperar para ver o que ele fará quando te encontrar.

Em um movimento suave, ele puxa uma arma e aponta para minha testa, pressionando o cano em minha pele.

— Será que ele vai achar engraçado quando te encontrar com a porra de uma bala na cabeça?

Saber que Kalen e os caras estragaram os planos de Ricardo até agora me dá uma estranha sensação de poder.

— Você é quem vai acabar com uma bala na cabeça.

Ricardo age tão rápido que nem percebo que ele está movendo a mão antes que a arma me atinja na têmpora, e a dor queima meus olhos, me cegando. Tento respirar, mas a dor me rouba o fôlego, e mal consigo engolir o vômito enfim sobe pela minha garganta antes que ele me atinja novamente.

E então tudo escurece.

CAPÍTULO 16

Chaos

O pitoresco bangalô está silencioso, assim como todos os outros na rua. Deveria abrigar uma família feliz, todos dormindo em suas camas, sonhando com as peças da escola e o que eles precisam realizar no trabalho amanhã, mas, em vez disso, o homem que estou aqui para destruir e a mulher que ainda amo esperam lá dentro.

Ao contrário dos locais de trabalho de Ricardo, nenhuma câmera filma o exterior da casa. Ou foi comprada há pouco tempo, ou ele nunca esperou que alguém a encontrasse. Nem Preacher com sua ampla capacidade de localizar informações sobre praticamente qualquer coisa conseguiu.

Isso é bom: significa que eles nem imaginam que estou chegando.

Adoraria ter mais tempo para patrulhar o lugar direito, mas nem Avery, nem eu temos esse luxo. Estou sangrando há mais de doze horas, e o sol vai nascer daqui a pouco, o que significa que o bairro vai ganhar vida.

Só há uma maneira de entrar, e rápido para caralho. Eu que não vou alertar ninguém ou dar tempo suficiente para se prepararem para o que está por vir.

Pego a granada da sacola — seu peso familiar em minha mão é quase como encontrar um velho amigo — e meus lábios se curvam um pouco, apesar da situação. Perez e seus homens subestimaram muito até onde irei para proteger Avery, e usarei isso a meu favor.

Com a bolsa de truques pendurada no ombro bom, estou pronto para esses filhos da puta. Pronto para qualquer coisa que eles possam fazer comigo.

Preparo minha arma. Puxo o pino, solto a alavanca e jogo a granada na porta da frente.

Quatro...três...dois...um...

A entrada explode e eu avanço em meio à fumaça, imediatamente disparando três tiros no homem caído no chão

enquanto ainda está atordoado pela detonação.

Percorro o corredor da frente, passo pelas escadas que levam para cima e entro na cozinha. Recipientes vazios de comida para viagem e restos do que deve ter sido o jantar da noite anterior ainda estão espalhados pela mesa. O suficiente para pelo menos três pessoas, Perez, o idiota que matei agora, e acredito que mais um.

E agora eles sabem que estou aqui.

Perdi o elemento surpresa, o que torna a situação ainda mais perigosa para Avery. Eu tenho que acabar com esses filhos da puta sem machucá-la, e ela pode estar em qualquer lugar na merda da casa.

Fico imóvel e ouço procurando por qualquer sinal de movimento. As tábuas do assoalho rangem acima de mim, mas isso não significa que alguém não esteja esperando para me emboscar neste nível. Avanço pelo curto corredor até os dois pequenos quartos antes de voltar para as escadas.

Um silêncio sinistro cai sobre a casa, e os cabelos da minha nuca se arrepiam, fazendo meu corpo estremecer.

Isso não é bom.

Faço uma pausa de costas para a parede bem na parte inferior da escada, onde estou protegido de ser visto por qualquer pessoa no alto dos degraus. Ele estará pronto para atirar no momento em que me ouvir chegando, mas é apenas um risco que tenho que correr se quiser alguma chance de sair daqui com Avery.

Não tenho a opção de fracassar nesta missão.

Se eu não continuar e fizer tudo ao meu alcance para recuperá-la, aquele homem *vai matá-la*.

Isso significa deixar de lado a exaustão, a dor, e o desejo do meu corpo de cair no chão agora mesmo. Endireito meus ombros e me movo para a escada mais uma vez.

As balas atingem o chão e a parede imediatamente ao meu lado, e eu deslizo para trás e volto a me proteger. Ele tem a vantagem de estar no alto, o que vai tornar isso muito mais difícil.

Eu mataria para estar com Mouth e Reaper aqui agora, mas pelo menos eu sei que eles estão protegendo Viktoria. A atualização que Reaper me mandou por mensagem no caminho para cá disse que ela havia saído da cirurgia e perdera muito sangue, então seu estado era delicado, mas ela estava lutando. A melhor notícia que eu poderia esperar a esse respeito, e uma coisa a menos com que me preocupar quando preciso me concentrar em tirar Avery daqui.

Os tiros vindos do andar de cima param tão rápido quanto começaram.

— Olá, sr. Riggs. Eu estava esperando você.

Pelo amor de Deus. Perez soa como o irmão.

— Eu diria que sinto muito pelo seu irmão, mas não sinto.

Você vai se juntar a ele em breve.

Perez dá uma risada longa e sombria.

— Muitos tentaram nos derrotar no passado e muitos falharam.

— Peguei seu irmão, não peguei? Dizimei todos os seus negócios. Você não tem mais nada.

Ele solta uma risada fria e sinistra.

— Nada? Você me subestima. Você não tem ideia do tipo de alcance que nossa organização tem de verdade. Enquanto meu irmão administrava nossos negócios no oeste e no sul, eu cuidava da expansão na Costa Leste, que estava indo muito bem até Avery e Amelia tropeçarem em nosso errinho contábil.

— Você gosta de machucar mulheres inocentes, Perez? Isso é coisa sua?

— Você me entendeu errado, sr. Riggs. Na verdade, gosto bastante de Avery e odeio ter que fazer isso com ela, mas ela não me deixou escolha.

Minha mão aperta a arma, ansiosa para colocar uma bala na cabeça desse cara.

— E sua esposa e filhos, Perez? Como você se sentiria se eu dissesse que passei na sua casa antes de vir para cá e fiz com eles exatamente o que você fez com Amelia?

O silêncio me cumprimenta, mas então uma risada enche a escada.

— Eu diria que você é um mentiroso de merda. Eu os tirei da cidade no momento em que *South of Border* pegou fogo. Eu sabia que haveria outro ataque. Só nunca imaginei que seria de alguém como você...

— Não vou parar até recuperar a Avery.

— Então venha e tente pegá-la.

Quase posso ver o sorriso em sua declaração. Ele acha que está em vantagem e, embora esteja em terreno elevado, não tem o que eu tenho, as habilidades que me tornam letal e uma vontade inquebrantável.

Nada que ele possa fazer vai me impedir de chegar até Avery.

Meu coração troveja contra as costelas enquanto lanço uma granada de luz escada acima. O barulho é quase ensurdecedor, e fumaça enche o ar. Avanço no mesmo instante, aproveitando que está desorientado.

Perez tosse e me leva direto para ele, e eu disparo dois tiros na direção do som enquanto corro pela fumaça. Chego ao degrau mais alto, e algo sólido bate de lado em mim, me derrubando no chão do corredor.

Ele cai em cima de mim, seu peso me mantendo deitado, e pressiona o cano da arma na minha têmpora. Ele zomba de mim, seus

olhos lacrimejando por causa da fumaça.

— Vou gostar de poder fazer isso de perto e pessoalmente.

— Eu também vou.

Puxo o gatilho da minha pistola que ficou presa entre nós. A bala sobe em seu peito, seus olhos se arregalam, o corpo dele fica mole quase instantaneamente, e a arma cai de sua mão perto da minha orelha.

Era um risco calculado. Atirar nele poderia ter feito com que atirasse direto na minha cabeça, mas não importaria se eu tivesse morrido. Contanto que ele morra, Avery estará segura.

Avery...

Ela deve estar aqui em algum lugar.

Tão perto...

Solto um grunhido e faço força para empurrá-lo para longe de mim com apenas um braço funcional, e consigo rolá-lo para o lado. O sangue vaza de seu peito e forma uma poça no carpete bege embaixo. Seguro a parede para me apoiar e fico de pé, chutando sua arma, embora ele nunca mais vá fazer uso dela.

— Avery?

O nome dela ecoa pelo corredor, e eu paro por um momento, tanto para ouvir uma resposta quanto para tentar impedir que o mundo tombe de lado.

Eu tento afastar a imprecisão da minha visão e cambaleio pelo corredor em direção ao primeiro quarto.

Vazio

— Avery?

Um por um, checo cada quarto e não encontro nenhum sinal dela. Meu peito se aperta com a possibilidade de que ela não esteja aqui, ou, se estiver, que seja tarde demais...

O quarto principal fica no final do corredor, e um ruído abafado por trás da porta fechada me deixa sem ar. Arma em riste, eu me aproximo com cautela e giro a maçaneta, abrindo a porta.

Ai, meu Deus...

— Avery!



Avery

Uma voz familiar corta a escuridão, algo me puxando, tentando me arrastar do lugar horrível em que estive.

Kalen?

Eu tento gritar para ele, tento responder, mas tudo o que escapa é um gemido abafado pelos meus lábios feridos. A dor atinge

minha têmpera no ponto em que Ricardo me atingiu, implacável e agonizante.

Lágrimas caem em minhas pernas, minha cabeça pendurada em um pescoço que não consegue mais sustentá-la. Consigo abrir os olhos, mas não consigo levantar a cabeça e ver o que está acontecendo ao meu redor.

A porta se abre com um rangido, fecho os olhos com força e me viro o máximo que posso para o caso de ser Ricardo de novo.

— Avery!

A voz de Kalen me puxa de volta para a porta, e mãos conhecidas levantam meu rosto. O sangue escorre do meu lábio cortado pelo meu queixo, e os olhos azuis nos quais sempre desejei nadar encontram os meus, escuros de preocupação. Tento me concentrar em seu rosto, no fato de que ele está bem aqui, mas tudo está embaçado, distante.

— Aquele filho da puta! Se já não estivesse morto, eu o mataria, porra. — Ele se ajoelha na minha frente, ainda segurando meu rosto entre as mãos, mantendo minha cabeça erguida. — Você está bem?

Eu tento mover meus braços e estremeço contra as amarras que ainda os prendem nas minhas costas.

— Eu... ele...

— Porra. — Kalen solta meu rosto com gentileza e se move para tr s de mim, puxando uma faca da bota. — Vou tirar você daqui.

Ele me solta das amarras, e minhas mãos caem moles para os lados. Um de seus braços fortes me envolve e me puxa para a beirada da cadeira.

— Temos que sair daqui antes que a polícia apareça.

— Polícia? — Examino o quarto, tentando processar suas palavras. — O que está acontecendo?

Kalen olha para o corredor.

— Acabou. Perez está morto, e seus homens t mb m. Mas eu fiz muito barulho pra conseguir isso. Não temos muito tempo.

Eu balanço a cabeça contra a névoa que a envolve, estreitando meus olhos na porta aberta.

— Certo, vamos lá.

Apenas minha força de vontade me permite tentar ficar de p , mas minhas pernas desmoronam.

O aperto de Kalen me impede de bater de cara no chão sangrento.

— Te peguei.

Ele faz uma careta e me pega em seus braços, mandíbula travada. Sua pele empalidece, suor escorre de sua testa, e ele oscila ligeiramente em seus p s. As palavras de Viktoria surgem na minha

cabeça...

Kalen foi baleado.

— Kalen, você está bem?

— Sim — ele mal pronuncia as palavras entre os dentes cerrados. — Temos que dar o fora.

Meus olhos descem para a bandagem e o torniquete enrolado em seu bíceps esquerdo.

— Você não consegue me carregar.

Ele balança a cabeça e me olha nos olhos, oferecendo um olhar que me diz que a discussão acabou.

— Estou bem. Te peguei.

Com o canto do olho, tenho um vislumbre de movimento na porta, e um homem dá um passo à frente.

— Kalen, cuidado!

Kalen gira mais rápido do que eu já vi alguém se mover, transferindo-me para os meus pés, me bloqueando com seu corpo e puxando o gatilho da arma na mão direita, tudo ao mesmo tempo.

Estilhaços de vidro se espalham pelo cômodo e várias balas atingem o homem que está na porta, bem no peito e entre os olhos. Ele despenca no chão, e Kalen e eu viramos nossas cabeças em direção à vidraça quebrada da janela.

Sem ajuda de qualquer luz solar, não consigo ver nada além disso.

— De onde veio isso?

Um sorriso minúsculo enfeita os lábios de Kalen.

— Mouth... eu disse a ele que estava vindo pra cá, mas não achei que ele viesse. — Ele estende a mão para mim. — Consegue andar?

Mesmo que não conseguisse, não diria isso a ele agora que a névoa está finalmente começando a se dissipar e consigo ver como ele está mal: pálido, tremendo, e mal conseguindo ficar na vertical.

Kalen dá alguns passos em direção ao corredor, então tropeça e se encosta na parede por um segundo, o suor escorrendo por sua pele quase branca. Devagar, ele cai de joelhos, usando o ombro para se manter ereto.

— Ai, meu Deus. — Cambaleio até ele e deslizo meu braço sob o dele. — Peguei você, Kalen. Vamos.

Ele tenta apoiar os pés no chão, colocando quase todo o seu peso em mim, mas mesmo usando toda a energia que resta em meu corpo, não consigo colocá-lo de pé. Seu corpo cai frouxo no chão, e solto um soluço enquanto as lágrimas correm pelo meu rosto mais uma vez.

Eu pego seu rosto em minhas mãos e chacoalho suavemente.

— Kalen, acorde! — Minhas lágrimas caem sobre ele, mas nem

isso não o faz ceder. — Kalen, acorde. Por favor! Temos de ir!

Pensar no que vai acontecer com ele se a polícia aparecer me faz levantar e cambalear.

Eu tenho que tirá-lo daqui.

Apoio a mão na parede para não cair, minha visão embaça com as lágrimas e o que provavelmente é uma baita de uma concussão. Dou alguns passos pelo corredor antes que meu pé bata em alguma coisa.

Eu olho para os olhos arregalados e vidrados de Ricardo, uma ferida aberta em seu peito, o tapete sob ele encharcado de sangue.

Tanta morte.

Por causa *dele*.

Viro a cabeça para o lado e vomito o ácido do meu estômago enquanto me forço a continuar em frente.

Tenho que buscar ajuda...

O latejar na minha cabeça torna quase impossível me concentrar, e tropeço de novo, o mundo girando. Olho para os degraus, e tudo vira de lado, uma vertigem cruel ameaçando me fazer vomitar novamente.

Eu abaixo o pé no primeiro degrau, então tropeço e escorrego mais dois ou três. Uma enorme sombra escura aparece no final da escada, pisco depressa para tentar me concentrar enquanto me arrasto para trás, mas ele me alcança em dois passos rápidos, me arrastando para cima com mãos impossivelmente fortes.

— Não, por favor, não...

Uma palma grande e calejada cobre minha bochecha e balança meu rosto com suavidade, então abro meus olhos para um par que conheço bem.

— Mouth? — Eu jogo meus braços ao redor de seu pescoço e o seguro com força, um grito escapando de meus lábios. — Kalen está lá em cima. Ele não acorda.

Mouth acena em sinal de compreensão, então desce correndo os degraus e me carrega para o gramado da frente. Um SUV preto está estacionado no meio-fio, e ele abre a porta de trás e me coloca ali dentro.

Antes que eu possa perguntar qualquer coisa, Mouth volta correndo para dentro da casa. Esperar que ele volte com Kalen é pura agonia, como muitas facas sendo enfiadas em meu coração a cada segundo que passa.

Ver seu corpo maciço na porta com Kalen jogado no ombro finalmente me permite soltar uma respiração pesada e aliviada. Ele corre pelo quintal, joga Kalen no banco de trás comigo e bate a porta.

— Kalen? — Eu me arrasto pelo banco de trás até ele e passo as mãos em seu rosto. — Mouth, há quanto tempo ele levou um tiro?

Mouth olha para mim pelo espelho retrovisor enquanto nos afastamos do meio-fio, mas não diz nada. Ele apenas dirige que nem louco para longe do tranquilo bairro suburbano que agora foi impactado por mais tiros do que essa gente já deve ter ouvido.

Disparamos em direção à rodovia, mas ao invés de me sentir aliviada por estar livre da ameaça de Perez, um novo medo toma conta de mim enquanto encaro Kalen e seu braço encharcado de sangue.

— Kalen vai ficar bem?

O homem grande e silencioso me lança um olhar duro pelo retrovisor, mas não responde, ou porque não sabe, ou porque não quer que eu saiba a verdade.

CAPÍTULO 17

Chaos

A porta do quarto de hóspedes de Reaper, onde eu estava deitado, se abre lentamente, e Avery entra, virando-se para tentar fechá-la sem fazer barulho para não me acordar.

— Estou acordado.

Ela dá um pulo e gira em minha direção, a mão pressionada sobre o peito.

— Jesus, você me deu um susto danado!

Merda.

— Desculpa. Não era minha intenção.

Os últimos dias não ajudaram a aliviar seu medo constante. Mesmo sabendo que Perez está morto e a maior parte de sua organização foi dizimada, ela está sempre tensa, sempre esperando o pior e reagindo até mesmo às menores coisas com o coração acelerado, lágrimas ou um colapso total.

Quem pode culpá-la?

Ela comeu o pão que o diabo amassou, mas saiu viva. Eu continuo tentando lembrá-la disso enquanto também lembro a mim mesmo de que ela não tem o benefício de ter visto tanto quanto eu. A situação não me afeta do jeito que a afeta, mas ter chegado tão perto de perdê-la me deixa nervoso toda vez que ela sai do quarto, e é por isso que eu não preguei o olho enquanto ela visitava Viktoria com Reaper.

Estamos de olho nos capangas de Perez que continuam atuando em outras regiões do país, mas não será problema. Com os amigos que temos, eles serão eliminados um por um antes que possam causar qualquer merda.

Ela me examina com atenção, procurando sinais de como estou me sentindo, porque sabe que nunca vou reclamar ou admitir o quanto estou fraco ou com dor.

— Você falou com Preacher?

Faço que sim.

— Falei, ele está confiante de que limpou todos os vestígios do que fizemos de todas as câmeras de segurança, e continua monitorando o Departamento de Polícia de Baltimore em busca de qualquer problema para nós. Ainda precisamos inventar uma história sólida para você contar aos policiais, pois sabemos que eles estão te procurando pra perguntar sobre o que aconteceu na lanchonete. Mas, agora, parece que eles estão visando os cartéis rivais como suspeitos, em especial devido ao ataque quase simultâneo no complexo no México. Só precisamos esperar até que todos os seus hematomas cicatrizem para você ir resolver as coisas com eles e com a Bernice.

— Então, você e os caras estão limpos?

— Estamos limpos. — Eu me empurro para cima com o braço bom, lutando para segurar um gemido com a dor que ainda toma conta do meu corpo. Como esperei para tratar meu ferimento adequadamente, tive muita perda de sangue e uma infecção desagradável que me nocauteou por dias a fio. Fora deitar na cama e deixar Mouth e Avery cuidarem de mim, não pude fazer muito mais.

— Como está Viktoria hoje?

Avery atravessa o quarto até mim e se deita no colchão ao meu lado, enquanto eu estremeço e me sento com as costas contra a cabeceira. Ela vê que estou tentando esconder minha dor, mas engole o comentário que tem o hábito de fazer sobre isso.

— Melhor. Pronta para sair do maldito hospital e deixando isso bem claro pra todo mundo, mas o médico disse que vai levar mais uma semana antes que ela possa ir para casa.

Eu bufo e balanço a cabeça.

— Isso não me surpreende em nada. Vik não é do tipo que gosta de ficar parada.

Seus olhos verdes brilham com humor, e o canto de seus lábios quase curados se curva para cima.

— Lembra alguém que conheço.

— Não vamos discutir isso de novo. — Passo os dedos de leve pelo seu braço exposto. — Estou cansado dessa conversa.

Ela estreita seu olhar em mim.

— Você acha que foi uma discussão?

— Não foi?

Não tenho certeza se aguento outra briga sobre como devo ficar na cama ou que estou exagerando depois de quase ter morrido de perda de sangue e choque há poucos dias, apenas por ter tomado banho ou usado o maldito banheiro.

Avery sorri para mim.

— Você está solteiro há muito tempo. Não se lembra mais do que é uma discussão.

Eu sorrio para ela.

— Nunca discutimos.

Algo pisca profundamente em seus olhos, uma dor que eu não esperava ver enquanto estávamos apenas brincando, e ela joga a cabeça para trás.

— Não mesmo. Depois que você parou de me amar, a gente só trepava como se você me odiasse.

Suas palavras me deixam rígido, e eu me mexo desconfortavelmente contra a cabeceira da cama, embora não pela dor que ainda persiste em meu braço, mas por causa do quanto essas palavras são insanas.

— É isso que você acha? Que eu não te amava? Que foi por isso que eu agi daquele jeito... porque estava atraído por você, mas não te amava?

Até mesmo dizer as palavras é suficiente para me fazer cerrar as mãos ao lado do corpo e lutar contra o desejo de destruir alguma coisa.

Avery me examina, sua boca abrindo e fechando algumas vezes.

— A-acho. O que mais eu deveria pensar? Você só me comia, e então se afastava como se não suportasse ficar perto de mim.

— Jesus, Avery... — Eu a arrasto para mim, segurando-a contra meu peito e puxando seu rosto entre minhas mãos com firmeza, para garantir que ela me olhe nos olhos e veja minha sinceridade, então digo para ela: — Como você pode acreditar nisso? — Engulo a emoção que ameaça me sufocar. — Eu não te deixei porque não te amava, Avery. Eu fui embora *porque* te amava mais que tudo. Porque estava tentando te proteger. Estava tentando mantê-la segura, assim como estou fazendo agora.

Seus lábios tremem e as lágrimas se acumulam em seus olhos.

— Me proteger de quê?

— De *mim*. Do que eu poderia ter feito com você.

— O que você poderia ter feito comigo? Eu não... — Ela balança a cabeça de novo, as lágrimas escorrendo pelo rosto. — Não estou entendendo o que você está dizendo.

Esta é uma conversa que eu nunca quis ter com ela, uma que evitei por meia maldita década, mas depois de tudo o que aconteceu entre nós, eu lhe devo uma explicação. Ela precisa entender porque não é seguro ficarmos juntos, porque não podemos voltar a ser como antes.

Respiro fundo, lutando com as palavras que mantive enterradas dentro de mim por tanto tempo.

— Depois que voltei daquela missão, quando estava no hospital, comecei a ter pesadelos. Horríveis e violentos sobre algumas coisas que aconteceram. É por isso que eu nunca queria você por

perto, nunca quis que você passasse a noite lá. Toda vez que eu adormecia, isso acontecia, e era sempre pior à noite.

As lembranças daquelas noites, do terror e do pânico que se apoderaram de mim, embrulham meu estômago, mas preciso contar. Eu tenho que colocar isso para fora, então ela vai entender porque não é seguro estar comigo.

— Uma noite... quando uma das enfermeiras veio ver como eu estava... eu quase a matei.

Os olhos de Avery se arregalam.

— O quê?

— Acordei com duas enfermeiras tentando tirar minhas mãos do pescoço dessa mulher. Eu estava sufocando ela, Avery. Eu estava literalmente estrangulando aquela mulher até a morte porque não conseguia vê-la. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo ao meu redor. Estava tão perdido em minha própria cabeça, em meu sonho e minhas memórias, que não sabia o que estava fazendo. E eu quase a matei. Se ela não tivesse conseguido estender a mão e apertar o botão de emergência ao lado da cama, eu não... — Balanço a cabeça e fecho os olhos com força. — Não consigo nem pensar no que poderia ter acontecido.

— Meu Deus, Kalen. — Uma mão macia acaricia minha bochecha. — Por que não me contaram? Por que *você* não me disse?

Seguro seu rosto com firmeza, precisando que ela entenda.

— Porque eu não queria que você me visse daquele jeito. Não queria que você tivesse medo de mim. Algum superior interferiu com a mulher que machuquei e com o hospital para garantir que eu não fosse processado ou punido pelo que aconteceu. Naquela época, eles estavam preocupados em me colocar de volta na ativa. Eles não queriam que nada interferisse nisso. Nem você. Nem algum processo da enfermeira que machuquei enquanto *eu* estava machucado.

Tiro minhas mãos de seu rosto, falar sobre o que fiz me deixou com um medo súbito de tocá-la agora.

Você não pode machucá-la mais do que já fez.

— Eu não podia mais confiar em mim mesmo com você, Avery. Eu confiava no que faria se dormisse ao seu lado, se tivesse você em meus braços, por mais que essa seja a única coisa que já pareceu certa. A única vez que me senti normal depois do que aconteceu.

— Kalen... — Seus lábios tremem, e ela enxuga as lágrimas. — Você poderia ter me contado. Deveria ter me dito. Eu pensei...

— Achei que sabia o que estava fazendo. Achei que estava te protegendo, mas também fui egoísta demais para desistir totalmente de você. Porque eu te amava. *Ainda* te amo. E a única vez que me senti *mais ou menos* foi quando estávamos juntos, mesmo que fosse só pra transar. — Me esforço para encontrar as palavras para explicar

tudo o que aconteceu naquela época, pelo jeito que sofro todos os dias. — Quando voltei pro serviço, esperava que estar lá com os caras, que voltar ao trabalho, iria... sei lá, talvez me tirasse daquele estado mental e eu pudesse voltar, e eu poderia ser tudo o que costumava ser para você. Mas...

— Mas, em vez disso, quando você voltou... eu já havia saído de casa e lhe entreguei os papéis do divórcio.

A porra do pior dia da minha vida.

Receber aqueles papéis foi como ver minha vida toda queimar bem nas palmas das minhas mãos. No dia em que os assinei, parecia que eu tinha morrido, e eu não tenho vivido de verdade desde então.

Assinto devagar.

— Sim. E eu entendo. De verdade. Depois de como agi, depois do que fiz com você. Você tinha todo o direito de se divorciar de mim e de acreditar no que acreditou. Sinto muito por ter feito você se sentir como se não fosse o suficiente para mim.

— Não. — Ela balança a cabeça, estendendo a mão para agarrar meu peito. — *Eu* que sinto. Eu deveria ter te pressionado mais a falar comigo. Eu deveria ter forçado você a me contar o que estava acontecendo. Talvez se eu tivesse...

— Não. — Eu me inclino para frente e a silêncio com um dedo sobre seus lábios. — Você não pode se culpar por nada disso. Eu não vou deixar. Isso é cem por cento culpa minha. *Eu* sou o único que cometeu erros aqui.

Avery fecha bem os olhos, recusando-se a olhar para mim.

— Isso não é verdade.

— O que você quer dizer?

— Eu cometi tantos erros, Kalen. Tantos malditos erros.

— Do que você está falando?

— Não importa o que você diga, eu deveria ter tentado mais. Eu deveria ter te forçado. Eu deveria saber que você me amava, e que o que quer que estivesse acontecendo conosco era outra coisa. Mas eu estava uma bagunça emocional, especialmente no final, quando conversei com o advogado e pedi os papéis do divórcio.

Ela abre os olhos. A dor ali é tão profunda, tão real, que posso senti-la fisicamente pesando sobre a minha.

— Eu estava grávida.

Fico paralisado, meu sangue gela.

— Você estava, o quê?

— Deve ter acontecido logo antes de você partir novamente. Você ficou fora por cerca de dois meses, e nós deixamos as coisas tão mal resolvidas que eu não queria te contar enquanto você estava lá. A gente quase não se falava, e eu não queria que você sentisse esse peso em sua primeira missão de volta. — Agora suas lágrimas caem para

valer, misturando-se com os soluços que ela não pode conter. — Eu ia te contar na próxima vez que nos víssemos, quando tivéssemos que assinar os papéis, mas...

— Mas, o quê?

— Tive um aborto espontâneo antes da reunião. O bebê simplesmente... se foi. Senti que talvez fosse um sinal de que estávamos fazendo a coisa certa. Apagou todas as dúvidas que eu ainda tinha sobre assinar aqueles papéis.

— E você nunca me disse...

Ela engasga com um soluço, e cobre a boca com a mão.

— E eu nunca te disse que você seria pai. Em vez disso, fui para aquela reunião com raiva e descontei em você com as coisas horríveis que eu disse. Desculpa. Eu deveria ter contado a verdade.

Seu olhar está cheio de medo enquanto olha para mim — medo de como vou reagir a esta notícia, como talvez desconte nela. Avery está esperando que eu fique bravo com ela, furioso por ter escondido algo tão importante de mim.

Mas ela não poderia estar mais errada.

Meu coração se parte pensando no que ela passou, no que teve que suportar completamente sozinha. Eu era tudo o que ela tinha e a afastei, me isolei dela, por consequência a isolando da única pessoa em quem poderia confiar.

— Você passou por isso sozinha... — A culpa me atinge, mais dolorosa do que qualquer tiro que já tomei. — Eu sinto muito. Eu deveria estar aqui com você. Deveríamos estar juntos, apoiando um ao outro. Não estaríamos sentados aqui assim se eu tivesse feito isso.

— Mas nós estamos aqui. — Avery oferece um sorriso triste, um que eu vi muito nos últimos dias, desde que a resgatei de Perez. — Esta é a nossa realidade agora, aqui onde estamos.

Puxo sua mão para a minha e a aperto.

— A verdade é que ainda tenho esses pesadelos. Acordo suando frio e nem sempre consigo voltar à realidade na mesma hora. É por isso que não durmo. Tento evitar.

— É por isso que você saiu do quarto naquela noite, e porque não dormiu comigo enquanto eu estava aqui.

Assinto devagar.

— Eu sabia que seria mais seguro para você se eu não ficasse. — As palavras que não quero dizer ficam na minha língua como pesos de chumbo. — Nada mudou, Avery. Eu te amo mais que tudo, e é por isso que nunca vou deixar você correr perigo perto de mim.



Eu te amo mais que tudo... mas não podemos ficar juntos.

Isso é o que ele está dizendo sem dizer *de verdade*. Ele não consegue nem formar as palavras porque sabe que está errado.

Finalmente fomos sinceros um com o outro. Depois de *tudo* que aconteceu, enfim estamos em posição de consertar as coisas, de ter uma segunda chance no que falhamos tanto antes. Mas ele está me afastando, tentando me mandar de volta para aquela vida solitária e horrível que eu tinha sem ele.

Eu me inclino, apoiando minha testa na dele. Nossas respirações se misturam, meu corpo voltando a despertar por estar tão perto dele depois de tantos dias evitando tocá-lo por medo de machucá-lo. Mas ele parece mais forte hoje, forte o suficiente para enfim me dizer a verdade, para abrir a porta para eu lhe contar o que mantive trancado por tanto tempo.

E ele me ama

Ouvir essas palavras dele quase fez tudo o que sofri valer a pena. Era a única coisa que eu pensava ter perdido e que nunca poderia recuperar, mas na verdade, nunca deixou de ser minha. Viktoria estava certa sobre isso, sobre um monte de coisas, na verdade. E agora Kalen está tentando destruir o que finalmente reencontramos porque está com medo.

Também estou com medo. Apavorada que tudo isso seja algum sonho do qual vou acordar e descobrir que ele se foi mais uma vez. Mas não vou deixá-lo fugir de novo. Ele não vai me afastar.

Eu coloco os meus lábios sobre os dele com suavidade.

— Não é o mesmo de antes, Kalen. Está tudo diferente. Eu sei a verdade e não vou deixar você me afastar desta vez. Eu me recuso a desistir da gente.

Seu coração dispara sob minha palma, e eu fecho os dedos em sua pele quente, precisando senti-lo por inteiro, para que ele não encontre uma maneira de colocar outra parede entre nós.

— Isto aqui, você e eu, Kalen, sempre esteve destinado a ser para sempre. Nós só atrapalhamos.

Estamos mais velhos agora, desgastados, machucados e marcados pela vida e pelas coisas horríveis nela. Mas mais sábios, também. Somos mais espertos. Somos mais fortes. Estamos sendo honestos um com o outro pela primeira vez, e isso significa *tudo*.

Ele considera por um minuto, nossos corpos pressionados um no outro, minha mão presa entre nós.

— Você acredita mesmo nisso?

— Eu sempre acreditei. — Assinto com a cabeça, passando a mão livre por seu cabelo rebelde. — Nós dois estamos infelizes há

anos. Nenhum de nós conseguiu o que queria com esse divórcio. Então, por quê? Por que continuamos fazendo isso conosco? O que quer que esteja acontecendo com você... nós podemos dar um jeito. Juntos.

— É isso que você quer?

Eu assinto e o beijo novamente.

— É isso que eu quero. É isso que eu preciso. De você. Nós juntos, assim.

Ele respira fundo e engole em seco.

— Você sabe o que os caras e eu fazemos, certo? Qual é o nosso negócio? — Ele franze o cenho preocupado. — Você entende mesmo quem eu sou?

Quem é ele?

Essa pergunta puxa algo dentro de mim, algo que eu sei desde que o conheci. Encaro seus olhos azuis, os mesmos que amo desde os dezesseis anos.

— Eu sempre soube *exatamente* quem você é, Kalen Riggs. Sempre soube que havia algo caótico dentro de você. Foi o que me atraiu até você pra começo de conversa. Você é sempre tão destemido. Foi emocionante, viciante. E eu sempre soube o que você fazia. Talvez não os detalhes. Mas sabia o suficiente. Eu sabia quem você tinha que se tornar para fazer aquele trabalho e depois voltar para mim e fingir que não tinha. Eu sei que você tentou se separar do Chaos. Mas eu sempre soube quem ele era. E eu amei Kalen e Chaos o tempo todo.

Lágrimas rolam de seus olhos, e não é porque a medicação para dor já deve estar passando. Ele nem chorou quando nos casamos, então ver isso agora me dá esperança e me faz temer que ele possa fazer exatamente o que está acostumado a fazer: me afastar.

Se eu perder Kalen de novo, não sei se sobreviverei.

Assassinato. Sequestro. Espancamentos. Tudo isso não seria nada comparado ao que eu sofreria sabendo que ele foi embora mais uma vez.

— Você está falando sério, Avery?

— Eu não me importo com o que as outras pessoas possam pensar sobre o que você está fazendo. Eu te conheço, e conheço aqueles garotos lá fora. Nenhum de vocês faria isso se não achasse que as pessoas com quem estão fazendo merecem isso cem por cento. Acredito no que vocês estão tentando realizar e não preciso saber os detalhes. — Apoio minha testa na dele novamente, emaranhando meus dedos no cabelo em sua nuca. — Eu confio em você. Confio em Reaper, Mouth e Viktoria, e confio em Chaos.

Kalen fica tão imóvel e quieto que dá um aperto em volta do meu peito, e eu me afasto um pouco. Ele levanta a mão e me arrasta de volta para ele, roçando seus lábios nos meus.

— Nunca pensei que ouviria você dizer isso. Nunca pensei que teria outra chance com você. — Ele me beija profundamente, me puxando de vez para cima dele. — Meu Deus, eu te amo, mulher.

Eu tento me afastar de seu corpo deitado.

— Para, Kalen. Você vai se machucar.

Ele sorri para mim, a luz que eu não via há anos enfim voltando a tocar seus olhos como costumava fazer.

— Eu não ligo.

Talvez eu também não.

Meu corpo esquenta com seu toque, buscando o que sempre recebi dele: conforto, paixão, aceitação, amor.

Ele me puxa de volta para ele, deslizando sua língua na minha, suas mãos encontrando minha bunda e me posicionando em seu colo para me esfregar contra seu pau endurecido.

— Sinto muito por termos demorado tanto para resolver isso, linda.

— Mas resolvemos. Nós resolvemos isso, e vamos resolver qualquer outra coisa que precisarmos no futuro.

No futuro.

Nunca pensei que nunca poderíamos ter um, pensei que *eu* não teria um quando liguei para Kalen, pedindo ajuda. Tantas vezes ele foi quase arrebatado de nós, quase roubado não só por homens maus com más intenções, mas também por sermos estúpidos e teimosos.

Nunca mais.

— Juntos. Vamos resolver juntos.

Ele sorri para mim.

— Certo.

Este homem sempre soube cuidar de mim direitinho, como me fazer sentir tudo que deveria. Este momento não é diferente. Ele geme em minha boca, me puxando ainda para mais perto dele, exigindo o que nós dois queremos agora.

Seus dedos da mão esquerda apertam meu quadril enquanto a direita desliza sobre minha coxa e entre minhas pernas para esfregar exatamente no ponto certo. Eu gemo contra seus lábios, me esfrego nele, embora eu ache que devesse sair e deixá-lo descansar.

A última coisa que deveríamos estar fazendo agora é isso, mas depois de quase morrer, depois de vê-lo lutar pela vida depois de salvar a minha, nós dois precisamos de algo que confirme que estamos vivos, algo que seja bom, algo que seja para *nós*.

— Kalen...

Ele responde ao meu apelo tomando minha boca em um beijo desesperado e rolando seus quadris nos meus. Qualquer dor ou exaustão que o manteve para baixo nos últimos dias desaparece em um único segundo, nós dois precisamos disso mais do que precisamos

reconhecer qualquer possível restrição.

Eu empurro sua boxer para baixo e coloco seu pênis para fora, que está se esticando na minha direção. Pegando-o em minha mão, eu o acaricio devagar, passando a ponta do meu polegar pela cabeça. Ele geme e empurra na minha mão, e contraio minha boceta, buscando o que está tão perto.

Suas mãos frenéticas empurram o cóis da minha calça de ioga pelas coxas junto com a calcinha, e eu o solto pelo tempo suficiente para terminar de tirar as peças e jogar tudo no chão.

O olhar cáldo de Kalen passa pelo meu corpo, e ele pega seu pênis na mão e o acaricia com movimentos lânguidos, enquanto me observa tirar minha camisa. Seus olhos caem para os meus seios, e eu subo no colchão e monto nele novamente.

Ele estende a mão e captura meus seios com as palmas ásperas, passando o polegar pelos mamilos e enviando pequenos choques de prazer direto para o meu clitóris. Eu gemo e agarro seu pênis, deslizando-o pela umidade que já se acumula entre minhas pernas. Sua boca torna a encontrar a minha, faminta e determinada, e eu o alinho com minha boceta e afundo em seu pau, sua carne me alargando, preenchendo o lugar que sempre pertenceu a ele.

Minha boca se abre em um suspiro que ele engole, acariciando minha língua com a dele enquanto suas mãos encontram meus quadris e apertam, me incitando a rebolar. Eu me inclino para trás e subo, travando meu olhar com o dele para que eu possa ver seus olhos azuis escurecerem enquanto engulo seu pau de novo e de novo, bem devagar.

Seus dedos cavam em minha pele com força suficiente para deixar hematomas, mas não me importo com as marcas que deixa em mim. Ele já me possui, tudo de mim. Não importa se é Kalen ou Chaos; ele sempre terá a mim e ao meu coração.

Goste ele ou não.

Ele pode lutar comigo, lutar contra isso, tentar me afastar de novo, mas eu não vou deixar. Aconteça o que acontecer em nosso futuro, enfrentaremos juntos.

Eu rolo os quadris e estabeleço um ritmo lento que ele combina com seus impulsos. Nos movemos juntos com fluidez, como ondas quebrando contra a costa, como se sempre estivéssemos destinados a ser assim. Porque estivemos. Nós *estamos*.

Só estávamos muito envolvidos em nossa própria dor para ver e aceitar esse fato.

Pode ter sido necessário nós dois quase morrermos para finalmente nos encontrarmos, mas agora que aconteceu, farei qualquer coisa para garantir que nunca mais o perca.

Aperto seu pênis, observando os músculos de seu pescoço e

mandíbula se contraírem, e ele desliza a mão para baixo até que seu polegar encontre meu clitóris. Meus quadris estremecem com o contato, e ele se senta para pegar um dos meus mamilos com a boca, chupando e esfregando a língua enquanto eu o aperto, alimentando o calor lento que se constrói entre minhas pernas.

Ele parte para outro seio, dando-lhe o mesmo tratamento. Eu suspiro e abaixo a cabeça para morder a carne de seu ombro, aumentando o ritmo enquanto ele apoia os pés no colchão e empurra para cima, me penetrando ainda mais fundo.

— Puta merda. — Kalen solta um rosnado baixo enquanto passo a língua pela marca que acabei de deixar em seu corpo. — Goza pra mim, Avery. Goza pra mim e depois se case comigo de novo.

— Espera, o quê? — Volto a olhar para ele, piscando para afastar o que só pode ser uma névoa cerebral causada pelo excesso de desejo. — O que você acabou de...

— Case comigo. De novo. — Ele captura meu rosto com a mão e me agarra com força, trazendo meus lábios aos dele. — O maior erro que já cometi na vida foi me afastar de você. Fiquei tão fora de curso que achei que nunca mais fosse encontrar o caminho de volta. Mas, agora que estamos aqui, não quero perder você nunca mais. Então, case comigo.

Era a última coisa que eu esperava que ele dissesse, mas só há uma resposta possível.

— Caso.

Sra. Kalen "Chaos" Riggs...

Que nome bonito.

FIM!



Não esqueça de avaliar este livro!

SOBRE A AUTORA

Gwyn McNamee é advogada, escritora, esposa, e mãe (de um filho humano e dois peludinhos). Originalmente do Centro Oeste, Gwyn se mudou para a cidade do marido, Las Vegas, em 2015 e está aproveitando a trégua do frio e da neve. Gwyn vem escrevendo seus plots e ideias por anos e finalmente decidiu dividi-los com o mundo. Ela ama escrever histórias com uma pitada de suspense e ação, misturando com romance e cenas quentes.

Quando não está escrevendo ou vorazmente devorando qualquer livro em sua frente, Gwyn está ocupada aumentando sua coleção de tatuagens, jogando golfe e causando com seu perfeito mix de doçura e sarcasmo (geralmente de salto alto).

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/gwynmcnamee

www.facebook.com/AuthorGwynMcNamee

www.x.com/GwynMcNamee

www.gwynmcnamee.com



Acerto de Contas

Livro 1

Um acerto de contas está chegando. Posso sobreviver com meu coração intacto?

Me chamam de Ceifador. Matar é o que faço de melhor. Entrar. Sair. Não deixar nada além de corpos para trás. Então, deveria ser um simples favor para um velho amigo, certo? Matar o homem responsável por uma mulher inocente ser arrastada para uma quadrilha de tráfico humano. Um bônus? Posso acabar com um pouco da escória da Terra. Acontece que ele é apenas a ponta de um enorme iceberg. Outras mulheres estão presas na mesma teia doentia e mortal. E segui a linha dessa teia até Nova York.

Eliminar os homens no topo será bastante fácil... Contanto que a linda policial e seu parceiro cabeça quente não fiquem no meu caminho. Mas eles não parecem permanecer em seus próprios caminhos. A morena mal-humorada também não sai da minha cabeça. É o tipo de distração que não posso me permitir, não importa quão bom seja estar enterrado nela. Farei o que for preciso para completar a missão. Porque é hora de um acerto de contas.

A única questão é: quem sobreviverá?



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://x.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>

Table of contents

1. [Início](#)
2. [Prólogo](#)
3. [Capítulo 1](#)
4. [Capítulo 2](#)
5. [Capítulo 3](#)
6. [Capítulo 4](#)
7. [Capítulo 5](#)
8. [Capítulo 6](#)
9. [Capítulo 7](#)
10. [Capítulo 8](#)
11. [Capítulo 9](#)
12. [Capítulo 10](#)
13. [Capítulo 11](#)
14. [Capítulo 12](#)
15. [Capítulo 13](#)
16. [Capítulo 14](#)
17. [Capítulo 15](#)
18. [Capítulo 16](#)
19. [Capítulo 17](#)
20. [Sobre a autora](#)
21. [Acerto de Contas](#)
22. [Sobre a Five](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)

10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)

54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)
82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)

98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120
121.	121
122.	122
123.	123
124.	124
125.	125
126.	126
127.	127
128.	128
129.	129
130.	130
131.	131
132.	132
133.	133
134.	134
135.	135
136.	136
137.	137
138.	138
139.	139
140.	140
141.	141

142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)

186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)

230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)